

O programa azulejar do
Palácio do Correio-Mor, em Loures



UNIVERSIDADE DE COIMBRA

Deolinda Maria Lamas Martins



**O PROGRAMA AZULEJAR DO
PALÁCIO DO CORREIO-MOR, EM LOURES**

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

2011

O programa azulejar do
Palácio do Correio-Mor, em Loures

DEOLINDA MARIA LAMAS MARTINS

O PROGRAMA AZULEJAR DO
PALÁCIO DO CORREIO-MOR, EM
LOURES

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO EM HISTÓRIA DA ARTE, PATRIMÓNIO
E TURISMO CULTURAL

FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE DE COIMBRA

ORIENTAÇÃO CIENTÍFICA:
PROFESSOR DOUTOR JOSÉ MANUEL ALVES TEDIM

O programa azulejar do Palácio do Correio-Mor, em Loures

AGRADECIMENTOS:

A execução desta monografia não seria possível se não consistisse todo um grupo de pessoas e instituições a assegurar a ajuda necessária e precisa para a realização da mesma. Começo, então, por fazer os meus agradecimentos.

Primeiramente, agradecer ao meu Pai e à minha Mãe por todo o tipo de “investimento” feito em mim. A luta foi exigente, mas como viram, não me demiti dela.

Aos amigos que me apoiaram de diversas formas e me acompanharam na senda da feitura deste trabalho.

Aos meus colegas e amigos de Mestrado: António, Marta, Cidália, Joana, José Querido, Victor, Márcio e todos os outros que, de uma forma ou de outra, não me deixaram desistir.

Quero fazer um agradecimento particular a duas pessoas muito especiais. Ao Professor Doutor Pedro Dias, que desde a primeira aula me ensinou e incentivou a procurar o *saber*. Aprender História e Arte com este grande homem, tornou-me um pouco mais rica. Obrigada por ter acreditado em mim, e por me reconhecer como uma pessoa legitimamente capaz. Ao meu fantástico e maravilhoso Orientador, Professor Doutor José Manuel Alves Tedim. Homem cuja paciência tenho que enaltecer. Partindo do princípio que pensava que ele não me levaria muito a sério, quando lhe dizia que não sabia por onde começar, fez com que a psicologia invertida fosse uma experiência pragmática. Dando a “cana” para eu “aprender a pescar”, SEI que na realidade esteve sempre comigo. Tudo o que me disse foi certo, tudo o que me ensinou foi posto em prática, fazendo com que o meu louvor falasse mais alto. Esta monografia dedico-a a si.

Não gostaria de deixar de agradecer a quem também facultou a execução desta monografia. Ao Sr. Engenheiro Jerónimo Rijo e Duarte Martins, agradeço toda a gentileza, prontidão, informação e a promoção de bem estar nesta espécie de parceria. Sinto que contribui para a propagação da informação sobre a existência do Palácio do Correio-Mor e que este se recomenda e muito. Também quero felicitar-vos pelo bem imóvel que possuem, pois para além de ter a designação de Interesse Público, espero que me permitam continuar a tratar o Palácio do Correio-Mor também como *meu*. Obrigada por tudo.

Também um agradecimento especial a todas as Bibliotecas a que, através dos seus funcionários, consegui chegar a bom porto; Institutos, Professores, como o Professor José

**O programa azulejar do
Palácio do Correio-Mor, em Loures**

Pedro Paiva, Professor José Meco, o Arquitecto Paisagista Rodrigo Isaías, ao Sr. Luís, a todos eles que de alguma forma me ajudaram a realizar este trabalho, o meu bem hajam e os meus agradecimentos.

O último agradecimento vai para ti. Por estares comigo e não me abandonares. Por me acompanhares quando preciso e me ajudares quando dúvidas tenho.

A todos o meu enorme reconhecimento e gratificação, obrigada!

O programa azulejar do Palácio do Correio-Mor, em Loures

Resumo

A pesquisa que se segue insere-se no âmbito das Artes Decorativas e tem como tema central a Azulejaria do século XVIII inserta numa habitação classificada como pertença numa arquitectura civil relevante, sendo um palácio pertencente a uma família nobre.

Existindo embora alguns ensaios feitos sobre esta habitação e o seu conteúdo artístico, facto é que, até à data, não existia - com a excepção da separata escrita por Matilde Pessoa de Figueiredo Tamagnini, em 1977 - um estudo que reunisse e unisse os factos históricos e artísticos sobre o mesmo. Sendo um bem patrimonial ainda pouco conhecido, muito há ainda para estudar, pesquisar e publicar sobre este soberbo palácio. O tema desta monografia, que aborda a azulejaria, é um tema que suscitou e continua a suscitar várias análises e aqui iremos encontrar uma forma leve e distinta de abordar a matéria.

Assim, o propósito desta investigação sobre o Palácio do Correio-Mor, de Loures e a sua azulejaria, compromete-se com o teor artístico nele presente e o revelar do gosto pela decoração de uma família brasonada em relação ao mesmo.

Este monumento foi reconhecido como Imóvel de Interesse Público e encontra-se na freguesia de Loures, pertencente ao concelho de Loures, fazendo parte do distrito de Lisboa.

Palavras-chaves: azulejos, iconografia, pintura, arquitectura, decoração, técnicas artísticas.

Abstract

The research that follows falls within the decorative arts and is focused on the tiles of the eighteenth century, set in a house classified as a breeder of civil architecture, and a palace belonging to a noble family.

There are some tests done on this house and its artistic content, the fact is that to date does not exist - and with the exception of print written by Matilde de Figueiredo Tamagnini person in 1977 - a study which meet and unite the historical facts and artistic about it. This palace is a heritage property still somewhat unknown, there is still much to study, research and publish on this superb palace. The theme of this monograph, which deals with tiles, is a

O programa azulejar do Palácio do Correio-Mor, em Loures

theme that inspired and continues to raise several tests and here we find a way to address different light and matter.

Thus, the purpose of this research on the Palácio do Correio-Mor, Loures and its tiles, committed to the artistic content and present it to reveal a taste for decoration of a family emblazoned on the same.

This monument, which was recognized as Public Interest Monument, through Decree No. 47 508, DG No. 20 of 24.01.1967, is in the parish of Loures, which belongs to the municipality of Loures, the district of Lisbon.

Keywords: tiles, iconography, painting, architecture, decoration, artistic techniques.

Fig.1 - Cena de Tourada – Sala da Caça, Palácio do Correio-Mor, em Loures.

**O programa azulejar do
Palácio do Correio-Mor, em Loures**

ÍNDICE

AGRADECIMENTOS:	5
Resumo	7
Abstract	7
ÍNDICE	9
ABREVIATURAS E SIGLAS	11
Abreviaturas.....	11
Siglas	11
INTRODUÇÃO.....	12
METODOLOGIA.....	13
CAPÍTULO I : Palácio do Correio-Mor: situação geográfica, súpula histórica.	16
1.1 Ofício do Correio-Mor	24
1.2 História da família Gomes da Mata.....	28
1.3 A sua vinda para Lisboa e a aquisição do título	37
1.4 Arquitectura do Palácio do Correio-Mor.....	41
Capítulo II: Inventário Iconográfico dos Azulejos do Palácio do Correio-Mor	48
2.1 Sala da Caça	49
2.2 Sala de Retratos de D. Miguel, Sala dos Painéis Octogonais, Sala dos Arcebispos e Sala dos Cardeais.....	56
2.3 Sacristia	57
2.4 Cozinha.....	58
2.5 Sala das Quatro Estações.....	59
2.6 Sala dos Troféus	61
2.7 Sala Central	63
2.8 Sala do Brasão	65
2.9 Sala da Música.....	66
2.10 Sala da Fama	68
2.11 Salas sem designação na zona Norte do Palácio	72
2.12 Quarto do Conde de Penafiel.....	77
Capítulo III: Outra Iconografia no Palácio: A Azulejaria da Quinta - Jardim e Capela	79

**O programa azulejar do
Palácio do Correio-Mor, em Loures**

3.1	O Azulejo na Quinta do Palácio	80
3.2	Jardim	86
3.3	Capela.....	89
	Conclusão	95
	Bibliografia.....	97
	Internet	100
	ANEXOS	101
	ÍNDICE DE IMAGENS	102

**O programa azulejar do
Palácio do Correio-Mor, em Loures**

ABREVIATURAS E SIGLAS

Abreviaturas

Coord. – Coordenação

Dir. – Direcção

Fl - Folha

Ltda – Limitada

Nº - Número

N. - Nasceu

M. – Moreu

Pág., pp. - Página, páginas

SA – Sociedade Anónima

S.d. – Sem data

Segs – Seguintes

Sl. – Salmo

Trad. – Tradução

Vol. – Volume

Siglas

B.N.P. – Biblioteca Nacional de Portugal

FLUC – Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

I.A.N./T.T. – Instituto dos Arquivos Nacionais / Torre do Tombo

IGESPAR – Instituto de Gestão do Património Arquitectónico e Arqueológico

O programa azulejar do Palácio do Correio-Mor, em Loures

INTRODUÇÃO¹

O trabalho aqui presente, âmago de tese de Mestrado, tem como principal objecto de estudo o *Palácio do Correio-Mor*. A nossa preferência recaiu sobre este tema devido ao valor histórico que sustenta e que, embora já abordado ao longo das décadas anteriores, não foi ainda, cientificamente estudado, pese embora o facto de existirem já algumas publicações sobre ele.

O assunto debatido na tese insere-se no mundo das Artes Decorativas, dando-se especial atenção à Iconografia e Azulejaria Barroca, Joanina e Rococó, que se estende por todo o século XVIII. Este tema, embora já debatido por vários autores e especialistas, é aqui apresentado através de um ponto de vista diferente, carreado de uma nova interpretação e oferecedora de um maior enfoque sobre o conjunto como um todo.

Geograficamente, este palácio encontra-se na localidade do concelho de Loures, distrito de Lisboa e foi tornado Imóvel de Interesse Público através do Decreto n.º 47 508, DG n.º 20, de 24-01-1967².

Trata-se inequivocamente de um monumento sem grande projecção, embora os seus actuais proprietários comecem a abrir portas para que esta nobre habitação seja presente ao público. O intuito de dissertar sobre o Palácio do Correio-Mor deveu-se ao ensejo de se poder trabalhar em algo que, sendo pouco conhecido, se pudesse aprofundar e contribuir para o fortalecimento do conhecimento, nomeadamente em relação ao azulejos que aqui se encontram, sem sombra de dúvida alguma um excelente mostruário do melhor que se produziu durante o século XVIII³.

A existência deste palácio é fruto da vontade de um homem que esteve no cerne de um grande título nobiliárquico, Correio-Mor: Luís Gomes da Mata deixou em testamento ser sua vontade que a propriedade - onde hoje se encontra o palácio, outrora designada como *Quinta da Mata das Flores* - fosse adquirida pelo seu filho, António Gomes da Mata. O seu desejo de cortar as amarras com passado e de se tornar nobre e importante na Corte, levou-o a agarrar a oportunidade e, para enfatizar essa aspiração, adoptou o do nome Mata, tal qual a designação da quinta.

¹ Este trabalho não está escrito conforme o novo Acordo Ortográfico.

² www.igespar.pt

³ A pedido do proprietário, a ala norte referida no trabalho não terá imagens para ilustrar.

O programa azulejar do Palácio do Correio-Mor, em Loures

Durante todo o século XVIII, o primitivo solar vai ser alvo de várias empreitadas, e, sendo embora uma moradia de veraneio, foi moradia principal de alguns descendentes. Perante alguns documentos – como brasões, os próprios painéis azulejares, entre outros – torna-se evidente patente que as grandes obras a que este empreendimento foi sujeito surgiram após o *Grande Terramoto de 1755*.

Hoje em dia, apesar de ser um bem imóvel privado, parece ter já o seu futuro traçado, pois os seus proprietários desejam contribuir para o enriquecimento do Património Nacional, e tornando o Palácio do Correio-Mor visitável, e, com isso, engrandecer a zona, chamando turismo fornecendo zonas de lazer na quinta.

METODOLOGIA

Foram várias as fases de elaboração que este presente trabalho exigiu. Primeiramente, toda a recolha de dados documentais retirada de institutos e bibliotecas espalhadas pelo distrito de Lisboa e não só fez com que o montante de informações não fosse tão díspar como inicialmente se pensava. O facto dessas informações serem consequentes e idóneas, fez com que a procura de outros conteúdos relativos ao tema central da monografia fosse mais facilitada e concentrada. Esta tarefa não seria tão bem conseguida se os sentidos da *visão* e do *sentir* não tivessem sido postos à prova. Assim, em segunda fase, a ida ao local onde se insere o objecto de estudo foi fundamental. As várias visitas realizadas ao palácio fez com que melhor se percebesse o que estava documentado nos estudos.

Desta feita, fez-se o contraponto e foi possível retirar várias ilações a tal respeito. Não obstante, foram também estudadas fotografias, tiradas presencialmente ao palácio e quinta na sua generalidade, para que todos os pormenores ficassem registados e com mais calma fossem apreciados e inventariados. Ainda assim, para melhor depreender qual era o gosto da época por este tipo de painéis azulejares e qual a sua importância numa casa nobre ou em casas religiosas, foram feitas algumas visitas de reconhecimento em vários monumentos lisboetas, em que o azulejo fosse o motivo de decoração destacado. Foram alvos de visita o Mosteiro de São Vicente de Fora, em que para além dos seus próprios silhares, encontramos a exposição dos painéis azulejares relacionados com as Fábulas de La Fontaine;

O programa azulejar do Palácio do Correio-Mor, em Loures

a Igreja do Menino de Deus, em que foram vistos poucos painéis mas com a sua importância histórica; o Convento de Mafra, não pelos painéis azulejares, mas pela parte arquitectónica, tornando-se assim possível compreender melhor o estilo utilizado na época, em que o Palácio do Correio-Mor, em Loures também se insere: o Palácio dos Arcebispos, em que se vislumbram painéis interessantíssimos e com alguma semelhança com os que encontramos no palácio em causa; Igreja Matriz de Odivelas com os seus belíssimos painéis de azulejos do século XVIII; Mosteiro da Nossa Senhora da Graça, em que os registos nos levaram à Capela da Nossa Senhora da Pérsia, local onde estão, segundo o testamento de António Gomes da Mata, os túmulos familiares; Mosteiro de Odivelas, onde o requinte das figuras de convite e outros painéis explanam bem o gosto e o tipo decorativo do século XVIII.

Relativamente à investigação bibliográfica, esta realizou-se em diversas bibliotecas espalhadas pelo país:

- **Instituto dos Arquivos Nacionais da Torre do Tombo**, local em que foram pesquisadas referências pertencentes ao inventário dos bens de António Gomes da Mata de Sousa Coutinho, fotografias antigas e orientação bibliográfica.

- **Biblioteca Municipal de Coimbra**, onde foram consultados livros sobre história da arte portuguesa, livros de arquitectura, arquitectura paisagista, azulejaria, pintura, iconografia, iconografia religiosa, etc.

- **Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra**, na Secção dos Reservados, onde foram consultados livros antigos relacionados ao inventário dos bens de Luís Gomes da Mata, livros sobre o ofício do Correio-Mor.

- **Instituto de História da Arte**, onde foram analisados livros sobre arquitectura, arquitectura paisagista, azulejaria, pintura, livro de linhagens, brasões, famílias nobres, jardins.

- **Biblioteca Nacional de Portugal**, onde consultámos através do site na Internet, documentação relativa aos Correios-Mores e Secção de Iconografia, documentação impressa e iconográfica relativas ao presente estudo.

- **Biblioteca Municipal de Loures**, onde foram reunidas informações inerentes ao Palácio do Correio-mor e aos seus proprietários.

- **Biblioteca Municipal de Odivelas**, onde conferimos algumas leituras relativas à arquitectura e pintura.

O programa azulejar do Palácio do Correio-Mor, em Loures

- **Biblioteca Municipal de Mafra**, onde consultámos bibliografia sobre arquitectura, pintura e escultura do tempo de D. João V.

- **Biblioteca Municipal de Elvas**, onde nos foram facultadas informações referentes à família Elvas Coronel e seu estabelecimento nessa zona do país e seus negócios.

- **Biblioteca João Paulo II** (Universidade Católica Portuguesa), leituras relativas a pintura, arquitectura e escultura, brasões e cartas.

- **SIPA - Casa Forte de Sacavém**, onde foi feita uma recolha de informações sobre o palácio do Correio-Mor.

- **Quinta do Conventinho**, onde foram reunidos alguns documentos basilares .

Aquando da reunião de documentação cabal referente ao tema da monografia, procurou-se organizar e alicerçar todo esse levantamento informativo de modo a iniciar o trabalho e seguir uma cronologia bem fundamentada e bem caracterizada de acordo com o que era necessário explanar. Comparando dados, embora alguns sejam contraditórios, conseguiu chegar-se a conclusões cientificamente provadas, estudando e relacionando com outros dados que foram surgindo ao longo da construção do texto, concluiu-se o mesmo. Seguiu-se, então, uma crítica firme respaldada na rigidez histórica própria e necessária a uma investigação destas.

Foram inúmeras as contrariedades com que nos deparámos na realização desta investigação, sobretudo em relação à informação relativa ao arquitecto e aos artistas que trabalharam neste palácio. Apesar da documentação encontrada não ser muito confirmante, conseguiu-se colmatar algumas lacunas, que, por certo, virão a ser reavaliadas numa investigação subsequente.

**O programa azulejar do
Palácio do Correio-Mor, em Loures**

**CAPÍTULO I :
Palácio do Correio-Mor:
situação geográfica, sùmula histórica.**

Focando-nos neste nosso Portugal e centrando a atenção na capital da nação, indo para os subúrbios saloios desta região iremos parar ao concelho de Loures. Neste concelho deparamo-nos com imensos locais de máxima importância quer por vários aspectos históricos quer geográficos, e é este pedaço de Portugal que alberga uma habitação pouco ou nada conhecida, até mesmo pela própria população local.

A menos de vinte quilómetros da cidade de Lisboa, é muito fácil não se dar conta de uma estreita e pequena estrada que escapa à vista de quem por ali passa mesmo diariamente. Indo pela Estrada Nacional N°8, a caminho de Mafra e perto da *Igreja Matriz* de Loures, existe um caminho que nos leva a um palácio que se encontra escondido no meio de um vale (Fig.2). Andando cerca de 500 metros pelo meio da farta vegetação ainda existente, eis que surge dentre a alta vegetação um empreendimento de pedra, pintado de cor-de-rosa e branco tal qual idealizado para uma época já remota: *o Palácio do Correio-Mor* (Fig.3).

Ao depararmo-nos com este insólito monumento, é-nos impossível não nos deixarmos levar pela máquina do tempo e imaginar o palácio cheio de vida, ter os cinco sentidos em alerta quando nele fixamos a retina e vemos como foi sendo usado ao ritmo da vida faustosa dos seus proprietários, tão típico de uma família brasonada do século XVIII, ao longo dos tempos. Conseguimos ouvir a música durante um sarau, as conversas em tom mais elevado, durante um negócio, o som dos talheres a tocarem nas baixelas de loiça fina, durante um jantar oferecido a amigos pertencentes ao círculo mais fechado daquela esfera impenetrável que era a Nobreza, a labuta diária dos empregados para não descurem os seus serviços, a cozinha quente com os seus cozinheiros e respectivos ajudantes, que, engordurados e nervosos, estão desejosos de que a refeição esteja a contento do patrão, os risos incontidos de crianças a brincar, o rebuliço nas cavaliças ao colocarem as montarias para as defenderem da noite, o trote dos cavalos a chegarem com as carruagens ao pátio do palácio, o som das águas das cascatas que ali perto cantam sonhos ou tristezas, o cheiro da natureza que envolve quem quer que se encontre nos jardins da quinta...

Nada pode falhar àqueles que entregues ficaram a um ofício de importância nacional: o Correio-Mor.

O programa azulejar do Palácio do Correio-Mor, em Loures

Contar a história deste palácio obriga-nos a recuar séculos na História e dar nota de que já, no século XIII estes terrenos, pertencentes a Loures, eram conhecidos e nem sempre foram habitados por famílias abastadas. Durante séculos - este terreno ocupa actualmente cerca de 140 hectares - foi pertença das monjas de Odivelas que, desde a fundação do Mosteiro, em 1295, retiravam proveitos do terreno tais como lenha, madeira, entre outros:

*“A quinta da Mata em Loures, pertenceu ao convento de Odivelas e ainda era propriedade sua nos finais do século XVI, altura em que teria sido estabelecido um contrato de “aforamento” com os que viriam a ser, mais tarde seus proprietários - os Gomes de Elvas Coronel”.*⁴

Facto é que as freiras de Odivelas detinham uma espécie de foro, em nome de *Luís Gomes de Elvas Coronel* (Fig.4), quando este adquire por setenta mil cruzados o cargo de *Intendente-Geral das Postas dos Reinos de Portugal e dos Algarves* e se estabelece em Lisboa para então exercer o ofício de *Correio-Mor*.

Este fidalgo, quando adquiriu a renda foreira da propriedade, por volta de 1590, estava longe de imaginar que estaria a ser o catalisador responsável daquele que iria ser o palco do início de uma longa descendência, tanto familiar, como titular. Foi pelas características ambientais desta propriedade, que *Luís Gomes de Elvas Coronel* decidiu mudar o seu nome.

*“Dom Filipe (...) Rey de Portugal... avendo Respeito aos serviços que me fez Luiz Gomes delvas o faço por esta fidalgo e nobre como se de todos os seus antepassados o fora... e lhe dou por solar a sua quintãa da mata que esta no termo dà cidade de Lixboa junto à igreja de Loures & ey por bê que elle & todos os seus descendentes se chame de apelido da mata para todo o sempre...”*⁵

⁴ Loures, Tradição e Mudança, I Centenário da formação do concelho 1886-1986, vol. I, Câmara Municipal de Loures, 1986, pág. 97.

⁵ Chancelaria de Filipe II, Livro 1, fl.189; Livro 3 de Privilégios, fl. 137, Livro 22, fl. 218 e segs.

O programa azulejar do Palácio do Correio-Mor, em Loures

Sendo descendente de judeus e estes terem sido forçados a alterar o apelido para um nome que os identificasse como cristãos novos, resolveu adoptar o nome da nova propriedade, passando, então, a ser conhecido com todas as honras que lhe assistiam, por Luís Gomes da Mata⁶. Por ele ter ficado tão encantado com esta quinta e não ter tido oportunidade para a adquirir em pleno, e em vida, e como prova de que ele queria que esta herdade ficasse na família, deixou Luís Gomes da Mata Coronel em testamento ao seu filho, *António Gomes da Mata*, a indicação expressa para este comprar em pleno direito a Quinta e o Casal da Mata das Flores:

*“O 1º Correio-mor Mata, no testamento, pede ao seu sucessor que compre a quinta e casal da Mata e menciona “as Casas e todas as mais bemfeitorias que nella tenho feitas athe ao presente”.*⁷

António Gomes da Mata Coronel (Fig.5) - este sim já com residência em Lisboa, com uma casa muito faustosa perto da Sé, Rua de São Mamede, na Madalena e outra casa de campo em Carnide, embora o enfoque fosse para o Solar em Loures, que em comparação às já citadas era menor, mas mais ornamentada - assim fez e cumpriu o desejo de seu pai. Não se sabe quanto investiu este Correio-Mor no *Solar da Mata das Flores*, conquanto se aponte que a vida dele se passou maioritariamente em Lisboa.

Começa aqui a enorme empreitada no local em que irão passar várias gerações quase duzentos anos. António Gomes da Mata Coronel deixou um testamento bem detalhado, em que se refere ao Solar não com muito empolgação, dando-lhe, contudo, a devida importância não só em termos de residência familiar, mas também do seu valor comercial:

*“...quinta da Matta com suas terras, & Azenha & mais pertenças, que valerá quatro contos, & 800...”*⁸

⁶ Devido a um seu descendente possuir o mesmo nome e para que não haja confusão na leitura, muitos autores se referem a este como o primeiro *Correio-Mor* e utilizando ainda o Coronel, ficando assim como *Luís Gomes da Mata Coronel*.

⁷ Matilde Pessoa de Figueiredo Tamagnini, “O Palácio do Correio-Mor em Loures”, *Separata de Belas-Artes*, N° 31, 1977, pág. 112.

⁸ Tamagnini, “O Palácio ...”, Pág. 112.

O programa azulejar do Palácio do Correio-Mor, em Loures

António Gomes da Mata faleceu sem ter tido filhos e, em testamento, deixa os bens e o título de Correio-Mor ao seu sobrinho – não muito estimado - *Luís Gomes da Mata* (Fig.6), que exerceu o cargo de Correio-Mor entre 1641 a 1674, tendo sido o terceiro Gomes da Mata detentor do ofício. Pouco se sabe o que possa ter feito na casa, mas presume-se que a ala Sul (o antigo solar) se manteria praticamente igual à sua génese, possuindo, no entanto, agora um jardim tratado, por um profissional.

Já o seu filho, *Duarte de Sousa Coutinho da Mata* (Fig.7), que sendo artista reconhecido, passava a maior parte do tempo a viajar pela Europa, preferiu viver em Belém, num outro tipo de casa de campo e em que, para sua comodidade familiar, investiu bastante. Também não foi com este quarto Correio-Mor que o Solar de Loures viu melhorias.

Já o mesmo não se poderá dizer com o sucessor, seu filho e quinto Correio-Mor, *Luís Victório de Sousa Coutinho da Mata* (n.1688 - m.1735). Sabe-se que este passou longas temporadas no Solar da Mata. A atestá-lo, está o facto do seu primogénito, José António, ter nascido, em 1718, no próprio Solar:

“... em 1718, em Agosto, nasce o primeiro filho, José António que, segundo o registo da freguesia, foi baptizado “na capela das casas em que... (viviam seus pais)... na mata solar da sua casa”⁹.

Nesta casa, nasceu também a primeira filha de Luís Victório da Mata de Sousa Coutinho e faleceu a sua tia, *Maria Manuel de Castro*, que era à época uma pintora artisticamente reconhecida. Também se sabe que em :

”1733, é aí ministro da Ordem Terceira de S. Francisco e em 1735 morre “na Mata, solar da sua casa”¹⁰.

Assim sendo, fácil é extrair destas informações que este Correio-Mor vivia confortavelmente nesta casa, embora, arquitectonicamente falando, não muito faustosa. Parte-se do princípio que terá iniciado a construção de uma capela onde foi baptizado o seu primogénito e a casa seguramente era cómoda para habitar uma boa parte da família. Por certo

⁹ Tamagnini, “O Palácio ...”, pág. 113.

¹⁰ Tamagnini, “O Palácio ...”, pág. 113.

O programa azulejar do Palácio do Correio-Mor, em Loures

terá feito melhorias internas, pois se ali vivia com filhos e alguns parentes próximos, a casa teria de sofrer algumas transformações. Sabe-se que lhe coube a encomenda a *Claude Laprade*¹¹ do anjo de mármore que esvoaça com um medalhão na mão.

No reinado de *D. José I*, e após o terramoto de 1755, era *José António da Mata de Sousa Coutinho* (Fig.8) o sexto Correio-Mor. Dedicando-se aos seus bens imóveis, e tendo herdado também o palácio em Lisboa, na Madalena, José António de Sousa Coutinho não se poupa a esforços e meios e reconstrói o que o Terramoto deixara ficar da edificação. Não se pense, contudo, que José António da Mata de Sousa Coutinho preteriu a casa que possuía em Loures: obras houve também nesta quinta, queixando-se José António de haver poucos artistas de renome em Portugal, que conseguissem fazer algo grandioso. Neste sentido, foi pouco cauteloso no que afirmou, pois a grandiosidade do Palácio do Correio-Mor, em Loures, é algo de excepcional para uma casa de campo, principalmente na zona em que se enquadra.

Estamos, assim perante o responsável pela mudança da traça do palácio, transformação desenhada em meados de setecentos - mas com artista responsável desconhecido – a que se juntam agora as modificações já iniciadas pelo anterior Correio-Mor. Referimo-nos à *Capela* do palácio. Segundo a inscrição patente na Capela, 1744, concluímos que as obras tenham realmente sido iniciadas nesta data. Embora, estranhamente pequena em relação a todo o resto do palácio e terreno envolvente, foi:

“... sagrada pelo Patriarca *D. Tomás de Almeida*¹² (m.1754) e recebeu privilégios de *Benedito XIV*¹³ (Papa de 1740 a 1758)”.¹⁴

¹¹ Escultor francês, originário de Avignon, onde nasceu em 1682, formar-se-ia na influência dos irmãos Puget e, de um modo geral, no rasto de influência de Bernini, que introduz em Portugal, a partir de 1699, nas suas primeiras obras: o conjunto funerário da Vista Alegre (Ílhavo, Aveiro), para o bispo de Miranda e antigo Reitor Universitário D. Manuel de Moura Manuel e a decoração dos Gerais universitários, onde esculpe as sobre portas, o portal monumental, de que sobrevivem as esculturas principais e modela as estátuas alegóricas das Faculdades. Terminadas estas encomendas, estabelece-se em Lisboa, onde morreria em 1738, depois de ter estendido a sua actividade à escultura em madeira e ao trabalho da talha dos altares, adaptando-se deste modo, às especificidades da clientela portuguesa (<http://bibliotecajoanina.uc.pt>). O tema de anjos e medalhões era muito grato a este escultor, que o aplicou semelhantemente em Mafra, próximo de Loures, onde trabalhava em 1729 e, anos antes, no magnífico túmulo do bispo de Miranda, na Vista Alegre. Tamagnini, “O Palácio ...”, pág. 119.

¹² Dom Tomás de Almeida (Lisboa, 11 de Setembro ou 5 de Outubro de 1670 — Lisboa, 27 de Fevereiro de 1754) foi o primeiro patriarca de Lisboa com o nome de D. Tomás I (aquando da elevação da Sé arquiiepiscopal a essa dignidade, em 1716, pelo Papa Clemente XI). Antes fora bispo de Lamego (1706) e mais tarde do Porto (1709). Clemente XII elevou-o ao cardinalato em 20 de Dezembro de 1737.

O programa azulejar do Palácio do Correio-Mor, em Loures

A ampliação deste palácio foi excepcional, tendo sido acrescentados ao já existente, mas remodelado solar, mais dois corpos que valorizaram grandemente todo o espaço. Passou a ter uma planta em forma de U, muito típico do século anterior, XVII, de que são os melhores exemplares artísticos: o *Solar de Mateus*, em Vila Real, e, até mesmo, a *Casa dos Maciéis Aranhas*, em Braga:

*“ Pequeno mundo que contém em si as comodidades que a vida exigia ”.*¹⁵

Albergando agora a casa muito mais espaço, todos os cómodos e serviços domésticos, pertinentes a uma casa deste gabarito, puderam ser englobados no mesmo edifício: arrecadações, lagares, adegas, cómodos para os serviços e o andar cimeiro sempre destinado à família, com a particularidade de que agora o palácio não possuía dois, mas sim três pisos, sendo o andar intermédio o mais proveitoso dos proprietários, pois a criadagem ficava mais próxima para melhor servir. José António também investiu nos interiores do palácio.

A opulência não acontecia só no exterior do palácio, apesar de aí ter investido em força, especialmente nos jardins. Mas também não foi no interior que se focou o maior desenvolvimento:

“Podemos, assim, afirmar que grande campanha de obras é de meados e da segunda metade do séc. XVIII. Em 1765-1766 estariam

¹³ Papa Bento XIV, nascido Prospero Lorenzo Lambertini (Bolonha, 31 de Março de 1675 – Roma, 3 de Maio de 1758), foi Papa de 17 de Agosto de 1740 até sua morte. Foi eleito com 50 votos entre 51 votantes do longuíssimo conclave de 1740. Enquanto papa, Bento XIV teve uma vida activa e promulgou diversas reformas religiosas, como a diminuição das festas da Igreja, a revisão do Martirológio Romano e uma compilação de bulas papais. Enfrentou os problemas do iluminismo e do absolutismo e deu início aos restauros do Coliseu de Roma. Busto do Papa Bento XIV (Pietro Bracci), Museu de Grenoble. No Brasil, fundou os bispados de São Paulo e de Mariana em 1745 e proibiu, sob pena de excomunhão, que se escravizassem os índios. No plano diplomático, Bento XIV assinou concordatas com diversos monarcas incluindo a imperatriz Maria Teresa de Áustria e João V de Portugal, a quem concedeu o título de Rei Fidelíssimo. O historiador Jaime Cortesão considera-o como o "Papa Ilustrado" por causa de suas medidas influenciadas pelo contexto das Luzes do século XVIII.

¹⁴ Tamagnini, "O Palácio ...", pág. 115.

¹⁵ Carlos de Azevedo, *Solares Portugueses: Introdução ao estudo da Casa Nobre*, Livros Horizonte, Lisboa 1969, pág. 58.

O programa azulejar do Palácio do Correio-Mor, em Loures

*feitos o ajardinamento e os trabalhos na quinta. Em 1767, o engrandecimento do palácio com as três alas formando a planta em U e a quase centena e meia de compartimentos, alguns já decorados; mas os acabamentos vão arrastar-se, principalmente na ala norte, até quase ao fim do século, até a morte de José António, em 1790”.*¹⁶

Chegamos, assim, ao último *Correio-Mor*, filho de José António da Mata de Sousa Coutinho. De seu nome *Manuel José da Maternidade da Mata de Sousa Coutinho* (Fig.9), viu-se obrigado a renunciar ao cargo, pois *D. Maria I* reclama o monopólio dos *Correios para o Estado*, pondo desta forma um fim à *Dinastia Mata* como *Correios-Mores do Reino e do Além Mar*.

Manuel José Sousa Coutinho não ficou a perder. A Rainha foi até bastante generosa, tendo-o obsequiado com uma soberba recompensa monetária e não só. Para além de manter o título nobiliárquico que já herdara dos seus antepassados, iria, a partir de agora, para além de uma carreira militar, exhibir outros títulos como o de *Conde de Penafiel*. Sabe-se que, enquanto lutou na *Guerra Peninsular*, o palácio de Loures esteve arrendado, até cerca de 1812, ao caseiro *Tomás Simões*. Contraíu matrimónio, viveu em Paris e já viúvo e com uma filha retorna ao país, estabelecendo-se em Lisboa. Participa nas guerras civis fazendo parte da Ala Liberal e cede o palácio de Loures para receber os feridos. Segundo o *Marquês de Fronteira*:

*“A casa do Conde de Penafiel, em Loures, estava ocupada pelo hospital de sangue e dos cholicos e typhozos. Fazia horror o aspecto interno da casa.”*¹⁷

Após estes episódios sangrentos, o palácio recomeçou a ter vida. O Conde de Penafiel, Manuel José de Sousa Coutinho, investe em melhorias internas e bem significativas do palácio:

“ ... o arranjo da Sala do Brasão, com a pintura do tecto que lhe deu o nome – brasão composto por um escudo esquartelado de: 1ºMatas,

¹⁶ Tamagnini, “O Palácio...”, pág. 116.

¹⁷ D. José Trazimundo Mascarenhas Barreto, “Marquês de Fronteira e d`Alorna”, *Memórias*, III, Parte V, 1833 a 1834, pág 36.

O programa azulejar do Palácio do Correio-Mor, em Loures

*varonia do 1º Conde de Penafiel; 2º e 3º Câmaras, varonia de sua mãe e 4º Mendonças, costado de sua avó materna. As pinturas, datáveis de 1840, dos painéis octogonais (...). As curiosas pinturas de marinhas, que lembram trabalho de João Pedroso, nas sobreportas da Sala Central e ainda o restauro antigo que se nota em bastantes azulejos”.*¹⁸

A sua filha, D. Maria da Assunção da Mata de Sousa Coutinho (Fig.10), 2ª Condessa e 1ª Marquesa de Penafiel, usufruiu o palácio de Loures da melhor e festiva maneira. Rica e com bons conhecimentos na Corte, era comum organizar festas no seu palácio, a que não faltava a *Família Real*. Existe um relato de *Júlio César Machado*¹⁹, transcrito na Separata de Matilde Tamagnini que diz:

*“a grande novidade da semana foi o baile dos senhores Condes de Penafiel, prodigioso de riqueza, de esplendor e de elegância; uma dessas festas que não se descrevem, porque se mata a ideia delas ao querer guardá-las... tudo o que as artes conseguem, tudo o que o gosto prepara, tudo o que a sumptuosidade inventa; um sonho acordado...”*²⁰

Arruinados, os Condes partem para Paris e leiloam todo o recheio dos palácios tanto de Lisboa como o de Loures. Este foi vendido a um lavrador da região, *Quirino Luís António Lousa*, em 1875. A família Lousa Canha conseguiu manter o palácio na família até 1876, quando *Luís Quina* e o *Banco Borges e Irmão* a compram, fazendo algumas intervenções, nomeadamente de restauro e conservação a nível dos telhados e outras coberturas. A casa

¹⁸ Tamagnini, “O Palácio ...”, pág. 117.

¹⁹ Júlio César Machado, (Lisboa, 1 de Outubro de 1835 – idem, 12 de Janeiro de 1890) escritor português do século XIX. Escreveu biografias, comédias, contos, crónicas, dramas e romances. Com o apoio de Camilo Castelo Branco publicou no jornal “A Semana” o seu romance “Estrela d’Alva” em formato de folhetim. Nas suas obras retratou a vida lisboeta, da sua época, de forma crítica e humorística. Passava os seus tempos livres numa pequena localidade, do concelho de Bombarral, A-dos-Ruivos, e por esse facto, o seu nome, consta da toponímia duma das artérias locais, precisamente aquela onde se localizava a sua casa, e na qual foi erigido também um busto em sua homenagem.

²⁰ Tamagnini, “O Palácio ...”, pág. 117.

O programa azulejar do Palácio do Correio-Mor, em Loures

estava como propriedade do Banco quando se deu a Nacionalização da Banca em 1975, foi também nacionalizada e entrou para a *Finangest* que era um empresa criada para gerir bens nacionalizados e foi precisamente à *Finangest* que os actuais proprietários a adquiriram há uns anos, mais precisamente há quatro anos.

Hoje em dia, pertence ao *Grupo Fibeira*, que possui um novo projecto para este terreno enorme que envolve de forma mágica este palácio afundado num vale, em Loures.

Os *Correios-Mores Gomes da Mata* e mais tarde, *Mata de Sousa Coutinho*, investiram, cada um deles, à sua maneira e de acordo com a época em que se encontravam, para que este palácio estivesse à altura do título que possuíam, honrando, assim, o seu antecessor e o seu bom nome. De muitas das obras nunca se saberá a autoria, mas muitas, dessas e doutras, estão bem reais e visíveis para quem queira conhecer este magnifico empreendimento, moldado ao longo de seculos e que chegou aos nossos dias como uma miscelânea de estilos artísticos capazes de nos dar conta da sua longa história.

1.1 Ofício do Correio-Mor

Sentimos que esta monografia não ficaria completa se aqui não trouxesse um ponto relacionado com o ofício exercido pelos Gomes da Mata. Quem eram os Correios-Mores, o que à época era e, principalmente, no que consistia, será aqui, condensadamente, explicado.

Foi com os Descobrimentos, no século XVI, e com Portugal a destacar-se no *mapa-mundi*, que a necessidade comunicacional se tornou evidente e que se transformou de um modo radical. Ainda durante o século XV,

“... os Reis e os Nobres tinham seus próprios mensageiros, assim como as corporações de ofícios. O povo recorria aos serviços dos Almocreves (homens de carga), a quem contratava para o transporte das cartas, sistema que se prolongou por muitos séculos”²¹.

Tendo os Correios uma enorme expansão devido aos negócios de Estado e necessidade de manter contacto com outras potências mercantis, sentia-se a urgência de um

²¹ <http://www.comelliphatelist.com>

O programa azulejar do Palácio do Correio-Mor, em Loures

serviço de correio eficiente, sigiloso, rápido e, acima de tudo, seguro. Para isso, teria de ter uma intervenção do Estado, necessidade sentida em todas as nações. Aliás, uns anos antes de aparecer em Portugal, a vizinha Espanha já levava avanço neste campo:

“O vasto Império de Carlos V desenvolveu os correios e o imperador fundou o poder da família Taxis²², detentora de ofícios postais nos Países-Baixos, Alemanha, Itália, Espanha, tendo o último monopólio familiar só desaparecido já depois de 1867. Devido aos ofícios, ascenderam os Taxis a posições sociais importantes, como príncipes de Thurn und Taxis na Alemanha...”²³.

Este cargo de responsabilidade sobre as comunicações terrestres à época, significava muito poder para quem detinha o ofício. Em Portugal, foi com D. Manuel I, através de Carta Régia (Fig.11), passada a 6 de Novembro de 1520, em Évora, que se criou o posto de Correio-Mor. O primeiro a desempenhar este cargo foi Luís Homem, cavaleiro da Casa Real, que já possuía conhecimentos neste tipo de desempenho, pois já tivera dado provas de lealdade para com o Rei, levando correspondência para fora do país. A Luís Homem também foram, e igualmente aos seus congéneres Thurn und Taxis, atribuídos privilégios e responsabilidades que o cargo exigia.

Pouco se sabe como correu o cargo ao primeiro Correio-Mor português. Com D. João III, e pós falecimento de Luís Homem, coube ao monarca nomear o seu sucessor, e, em 1532, a escolha recaiu naquele que era homem de sua confiança, Luís Afonso. Este novo Correio-Mor, também já contava com experiência de envio de correspondência, tendo levado muitas cartas do Rei à embaixada portuguesa em Paris. Luís Afonso dedicou toda a sua vida ao rei, tendo feito apenas um pedido ao monarca: que este promettesse que quem o substituiria no cargo de Correio-Mor, homem de total confiança, fosse o seu genro, Francisco Coelho, que foi empossado por Carta Régia a 20 de Setembro de 1565. Francisco Coelho falece em 1577 e D. Sebastião concede o título de Correio-Mor àquele que desposasse uma das filhas do

²² A casa principesca de Thurn e Taxis (Das Fürstenhaus Thurn und Taxis, em alemão) é uma família alemã que desempenhou um grande papel no serviço postal na Europa durante o século XVI, sendo hoje bastante conhecida por ser proprietária de cervejarias e construtora de inúmeros castelos.

²³ Tamagnini, “O Palácio ...”, pág. 111.

O programa azulejar do Palácio do Correio-Mor, em Loures

falecido. Coube a Manuel de Gouveia continuar o legado dos seus antecessores e honrar o ofício, após ter sido nomeado, a 7 de Setembro de 1579, pelo já Cardeal D. Henrique.

Aquando da invasão espanhola que Portugal sofreu, Manuel Gouveia ainda exercia o cargo:

“vindo a este Reino El-Rei Filipe 2º que se havia senhoreado dele no ano de 1580, se introduziu neste oficio o Correio-Mor de Castela e o serviu por seu Assistente ate Agosto de 1583”²⁴.

Com Manuel Gouveia, as nomeações régias para o cargo de Correio-mor terminaram, e os cerca de 78 anos de Serviços Postais, conhecidos e exercidos por esta forma, também. Filipe II, preferiu um homem da sua nacionalidade e confiança para exercer o cargo na expectativa de que alguém abastado aparecesse e pudesse adquirir o título de Correio-Mor do Reino:

“Um dos mais ricos fidalgos portugueses de seu tempo, Luiz Gomes da Mata, tinha feito um empréstimo a Filipe II no valor de trinta mil cruzados (moeda portuguesa da época). Sabedor das constantes necessidades de fundos para os gastos das duas coroas ibéricas, percebendo as possibilidades que esta situação poderia proporcionar-lhe e estando vago o cargo de Correio-Mor em Portugal, propõe ao Rei a compra em definitivo e de forma hereditária do título de Correio-Mor. Dava em contrapartida o preço de setenta mil cruzados pelo título, o que constituía na época uma soma elevadíssima, uma verdadeira fortuna. O Rei não resistindo à tentação de ver saldada sua dívida anterior e ainda “embolsar” mais quarenta mil cruzados, acabou por aceitar a proposta”²⁵.

²⁴ Armando Mário O. Vieira, “O Correio em Portugal”, Artigo originalmente publicado na revista *MOSAICO*, nº 5 – Julho/1992, órgão da Câmara Brasileira de Filatelia – Belo Horizonte – Brasil. Revisado, modificado, ampliado e actualizado pelo autor em Dezembro de 2006.

²⁵ <http://www.comelliphilatelist.com>

O programa azulejar do Palácio do Correio-Mor, em Loures

É aqui que surge Luís Gomes da Mata Coronel. Sendo ele descendente de espanhóis que em muito tinham contribuído para a causa dos Reis Católicos de Espanha e para a própria invasão espanhola a Portugal, Filipe II não demorou em vender o título de um dos cargos mais rentáveis do Reino e todo o prestígio que lhe assistia, à família Mata, pelos inacreditáveis 70.000 cruzados. O novo Correio-Mor, sabia que tinha sido um bom investimento, tal como se veio a revelar mais tarde. O ofício do Correio-Mor detinha muitas responsabilidades, actividades, protocolos, e serviços a serem tratados.

Fica aqui, então, um pequeno trecho que exemplifica algumas das competências que cabiam ao Correio-Mor do Reino:

Assim, competia ao Correio-Mor

“ ... organizar os Serviços Públicos dos correios, de acordo com os direitos e deveres prescritos naquela Carta Régia. Assim, ao titular do cargo cumpria: residir em Lisboa e, na sua ausência, fazer-se substituir por pessoa da sua confiança; ter os correios necessários para atender às viagens que lhe fossem requisitadas pelo rei ou pelos particulares; ajustar com os interessados o preço dos portes da correspondência, segundo as distancias e a rapidez da entrega; encaminhar e fazer agasalhar o seu pessoal; e, estabelecer cavalos de posta nos lugares mais convenientes. Por sua vez, determinava, também, aquele diploma régio, que aos correios cumpria: prestar juramento de servir com segredo e fidelidade; e, não correr a posta sem mandato do Correio-Mor.(...) Após um longo interregno de oito anos, a exploração dos Serviços Postais foi vendida por Filipe II, em 1606, a Luís Gomes da Mata, pela importante quantia de 70.000 cruzados. Deste modo, era iniciada a dinastia postal dos Matas, já que o cargo permaneceu no seio da família, passando de pais para filhos, durante 191 anos”²⁶ .

²⁶ “Correio-Mor”, Enciclopédia Portuguesa e Brasileira, Editorial Enciclopédia, Limitada, Lisboa-Rio de Janeiro, Abril de 1941, Vol. VII, pág. 775 – 776.

O programa azulejar do Palácio do Correio-Mor, em Loures

1.2 História da família Gomes da Mata

Esta monografia retrata uma família que viveu em crescendo, ainda que nem sempre abonada financeiramente, chegando até a ser devedora, não obstante ter sido possuidora de bens físicos, móveis e imóveis, e mantido e conquistado títulos nobiliárquicos. Para se falar nos *Correios-Mores do Reino* de Portugal, teremos que recuar no tempo e irmos até 1492. Em pleno século XV, a família *Senior* estava estabelecida em Espanha, mais propriamente em Segóvia, Castela, e tinha como chefe de família *Don Abraham Senior* (Fig.12):

A família Senior era originalmente uma família judia espanhola (sefarditas), a maioria dos quais se converteu ao catolicismo quando os judeus foram expulsos de Espanha em 1492, muitos foram convertidos numa data posterior. O membro principal da família era Don Abraham Senior de Segovia, Castela (1410-1412 - 1493²⁷.

Este sefardita em particular, pode ter sido provavelmente o mais abastado e poderoso judeu na história espanhola:

“... rabino Isaac de Leão costumava chamar este Dom Abraham Senior de "Soné Or" ["Odiador da Luz", um trocadilho para Senior em hebraico], porque ele era um herege, e o fim provou isto, já que Abraham Senior converteu-se ao Cristianismo aos oitenta anos, ele e toda a sua família, e o rabino Meïr Melamed consigo. [Senior e seu genro, Meïr, converteram-se em 15 junho de 1492; Fernando e Isabel estavam entre os padrinhos]. Dom Abraham foi quem arranjou o casamento entre os reis católicos. Por causa disso, Dom Abraham foi apontado como líder dos judeus, mas sem o consentimento destes”²⁸.

²⁷ “The Senior family were originally Spanish Jews (Sephardim), most of whom converted to Catholicism when the Jews were expelled from Spain in 1492; many converted back again at a later date. The leading member of the family at that time was Don Abraham Senior of Segovia, Castile (b 1410/12 d 1493”, www.happywarrior.org.

²⁸ www.brasilsefarad.com

O programa azulejar do Palácio do Correio-Mor, em Loures

A sua aparência cordial, bem falante, de bom porte, carregou-lhe a mais valia de rapidamente se transformar num dos validos do monarca Fernando de Aragão e Castela. Para além de ser um cobrador de impostos, diplomata e conhecedor profundo em finanças, *Don Abraham Senior* também interveio nos problemas da família real, fazendo com que *Isabel de Castela* fizesse as pazes com o seu irmão *Henrique IV*. Não obstante, este judeu de visão ampla, também apostou numa causa importante: financiou o armamento para as forças espanholas conseguirem expulsar os mouros de Espanha, fazendo assim com que os *Reis Católicos* pudessem colocar um fim aos 800 anos de guerras contra os Mouros. Em 1492, *Don Abraham Senior* já era apontado como *Regedor* de Segóvia, recompensa pelos seus serviços e préstimos à Coroa. Mas não foi fácil esta demanda. Este judeu, tal como tantos outros, viu-se obrigado a renunciar a sua religião, adoptando o Catolicismo como a sua religião professada. Desta forma, *Fernão Perez Coronel* livrou-se de uma vida atormentada e de perseguição pelo facto de um dia ter sido judeu.

O acrescento ao nome de Coronel apareceu por volta de 1492, aquando da sua conversão passou a chamar-se *Fernão Peres Coronel*:

“... *Abraham Senior* (...) baptizado com o nome de *Fernão Peres Coronel*, não sendo, portanto, abrangido já pela ordem de expulsão dos judeus”²⁹.

No momento em que se converteu, os Reis Católicos de Espanha, *D. Fernando* e *D. Isabel*, empossaram-no bem como a sua descendência, como cavaleiros nobres da Corte, com acesso a terras e profissões a que só nobres sanguíneos teriam direito, tais como cargos de oficiais militares e juizes. Tudo isto em troca da sua renegação do Judaísmo. Mas engane-se quem acreditar que *Abraham Senior* voltou as costas ao Judaísmo. Contrariando secretamente a vontade e violando o juramento feito aos seus Monarcas, fez esforços hercúleos para nunca deixar para trás os interesses dos seus amigos judeus, chegando mesmo a interceder junto do Rei para salvar centenas deles, principalmente mulheres e crianças judias, facultando avultadas quantias da sua própria fortuna, fazendo lembrar em tempos mais próximos a nós, o

²⁹ Tamagnini, “O Palácio ...”, pág. 110.

O programa azulejar do Palácio do Correio-Mor, em Loures

nosso *Aristides de Sousa Mendes*³⁰ ou o alemão *Oskar Schindler*³¹, que não conseguiram ficar indiferentes às vidas perigadas dos judeus perseguidos por Hitler. Fê-lo por diversas vezes, tendo-se perdido a conta de quantas vidas salvou e nunca foi declarado como um traidor da Coroa Real. Também é sabido que na sua casa mantinha os rituais judaicos e para isso teria uma sala secreta, uma pequena sinagoga com janelas muito altas, evitando assim ser descoberto. Reunia-se aqui com familiares e aqueles que lhe eram mais próximos, para orarem a Deus junto de um riquíssimo altar. Nesse local, em Segóvia, fruto da reconstrução do palácio, encontra-se o Mosteiro de *Santa María del Parral*. Don Abraham Senior faleceu em 1493 e encontra-se sepultado neste mesmo Mosteiro.

Quanto à sua descendência, muito está publicado e nem por isso deixa de ser confusa. Segundo a pesquisa que foi tratada para esta monografia, muitos relatos diferem quanto a datas e nomes ao longo da linhagem descendente. A confusão surge quando se dá uma separação da família Coronel, e Tristão Reymão Coronel - ou Tristão Perez Coronel - decide vir estabelecer-se em Portugal, nomeadamente, em Elvas. Leva ao engano a descendência deste, devido à designação aleatória de parentesco que dão a dois membros familiares. Vamos, todavia, tentar deslindar este desacerto³².

Don Abraham Senior ou *Fernão Perez Coronel* contraiu matrimónio por duas vezes, tendo vários filhos pelo que, através dele, o nome *Senior Coronel* foi espalhado por toda a Europa. Mas para a linhagem que aqui se pretende estudar, interessa-nos seguir o filho que *Fernão Perez Coronel* teve com a sua primeira esposa, *Dona Violante de Cabrera*.

Iñigo Perez Coronel, filho de *Fernão* e *Dona Violante*, também se convertera ao Cristianismo aquando do pai. Segundo informações apuradas, desconfia-se, mas sem grandes

³⁰ Os homens são do tamanho dos valores que defendem. *Aristides de Sousa Mendes* foi, talvez por isso, um dos poucos heróis nacionais do século XX e o maior símbolo português saído da II Guerra Mundial. Em 1940, quando era cônsul em Bordéus, protagonizou a "desobediência justa". Não acatou a proibição de Salazar de se passarem vistos a refugiados: transgrediu e passou 30 mil, sobretudo a judeus. Foi demitido compulsivamente. A sua vida estilhaçou-se por completo. "É o herói vulgar. Não estava preso a causas. Estava preso a uma questão fundamental: a sua consciência", afirma o jornalista Ferreira Fernandes.

³¹ *Oskar Schindler* – Svitavy, 28 de Abril de 1908, Hildesheim, 9 de Outubro de 1973 – foi um empresário alemão célebre por ter salvo 1.200 trabalhadores judeus do Holocausto, durante a Segunda Grande Guerra Mundial.

³² Para ajudar a compreender a linhagem dos Coronel, tomamos a preferência de seguir alguns sites da Internet sobre linhagens, reservando a preferência por um deles, <http://www.tzorafolk.com>, e a razão é somente uma. É um site criado para publicar as várias linhagens com descendência judaica e perante trocas de e-mails com os seus redactores, concluiu-se que se tratava de um trabalho sério e de confiança histórica. Também recorremos a informações reunidas da Biblioteca Municipal de Elvas e da Biblioteca Geral de Coimbra.

O programa azulejar do Palácio do Correio-Mor, em Loures

certezas, que este tenha vindo para Portugal devido à profissão que se iniciava à época, a de mercadores.

Falecido em 1522, Iñigo Perez Coronel teve também vários filhos, de que destacamos *Tristão Perez Coronel*, nascido em 1480, de que já se encontra documentação que prova que se estabeleceu em Elvas como um grande mercador, tal qual o seu neto, *António Gomes de Elvas Coronel* e o bisneto, *Luís Gomes de Elvas Coronel*.

Com *Luís Gomes Elvas Coronel*, modifica-se toda a situação desta linhagem: com a aquisição da *Quinta e Solar da Quinta das Flores*, com o título de nobre e com o ofício de *Correio-mor* em sua pertença, passa a ser (re)conhecido por *Luís Gomes da Mata* após abandonar o nome de cristão-novo que herdara dos seus antepassados. Sagaz, quando comprou o título do ofício de *Correio-Mor*, previu que uma nova era iria ter início e que a sua família iria ser forte e bem relacionada.

Sendo rico, com boas casas e bem centralizadas, uma posição social invejável, *Luís Gomes da Mata Coronel*³³ não irá aproveitar durante muito tempo esta ascensão, vindo a falecer pouco mais de um ano depois. O seu sucessor, *António Gomes da Mata Coronel*, foi possuidor de uma fortuna incrível. Mas que não se pense que ele não era benfeitor:

*“Costumava dar muita cera, azeite e dinheiro para festas religiosas e no testamento contempla muitas obras pias”*³⁴.

António Gomes da Mata Coronel, ao falecer não, deixou descendência. De um casamento sem filhos, viu-se, assim, *obrigado* a passar o ofício de Correio-Mor do Reino para o seu irmão, *João Gomes da Mata Coronel*, que decide não enveredar pelo ofício, e, tendo o seu primogénito escolhido a vida de eclesiástico, entrega o cargo ao seu segundo filho, *Luís Gomes da Mata*. Passa, então, o sobrinho de António Gomes da Mata Coronel a exercer o ofício de Correio-Mor do Reino, com todas as regalias que lhe estavam aclopadas.

Luís Gomes da Mata, por sua vez, também teve uma vida faustosa, mas nem sempre em crescendo. Casou-se com *D. Violante de Castro*, filha de *Lopo de Sousa Coutinho*, família

³³ Este irá ser tratado por Luís Gomes da Mata Coronel, para diferenciar do outro detentor do título de Correio-Mor com o mesmo nome, Luís Gomes da Mata.

³⁴ Subsídios para a História do Concelho de Loures, I Volume, 1940, pág. 105.

O programa azulejar do Palácio do Correio-Mor, em Loures

rica e com boa posição social. Face a este laço matrimonial, todos os descendentes deste terceiro Correio-Mor passaram a usar o apelido da família materna, Sousa Coutinho.

Também é sabido que Luís Gomes da Mata não foi uma pessoa muito contida em gastos, tendo até o vício do jogo, o que o levou a dissipar grandes fortunas.

De entre os muitos filhos que o casal teve, recaiu em *Duarte Sousa Coutinho da Mata* o destino de herdar o ofício de Correio-Mor. Este, ao contrário do seu pai, tinha um espírito muito mais contido. Viveu em Lisboa e honrava o título de fidalgo nobre dos seus antepassados:

*“Fidalgo da Casa Real, tal como seu pai e avós, foi muito estimado na Corte”*³⁵.

Foi um homem viajado, culto e sabe-se que permaneceu uma longa temporada na *Corte de Victor Amadeu II*, em Turim. Casado com *D. Isabel Caffaro*, filha do *Marquês D. Tomás Caffaro*, teve seis filhos, e, como já acontecia, coube ao primogénito herdar o título que o pai detinha.

Desta feita, coube a *Luís Victório da Mata de Sousa Coutinho*, que, ao contrário dos seus antecessores, detestava a confusão citadina e preferiu refugiar-se no palácio em Loures. Ocupando-se com as obras do palácio (acrescentos e melhorias), totalmente circunspecto e doente (hipocondríaco) casou com *D. Joana Catarina de Menezes*, filha do *Almotacé-Mor do Reino, João Gonçalves da Câmara Coutinho*.

Luís Victório Sousa Coutinho,

*“... em 1733, é aí ministro da Ordem Terceira de S. Francisco e em 1735 morre na Mata, solar da sua casa”*³⁶,

tendo falecido com apenas 46 anos, no palácio de Loures, devido ao facto de padecer de hipocondria e ser misantropo:

³⁵ Nuno Viegas Vaz, “O Concelho de Loures, O Palácio do Correio-Mor”. *2º Prémio do Concurso para a Monografia de Loures*. Boletim Informativo da Câmara Municipal de Loures nº 32 Agosto 1984.

³⁶ Tamagnini, “O Palácio ...”, pág. 113.

O programa azulejar do Palácio do Correio-Mor, em Loures

“A 18 do corrente faleceu de hum accidente em idade de 46 annos no limite do lugar de Loures, na Mata, solar da sua caza, Luiz Victorio de Sousa Coutinho da Mata Coronel, sexto Correyo mor do Reyno...”³⁷.

Da união com *D. Joana*, nasceu o primeiro filho, *José António de Sousa da Mata Coutinho*, que se tornaria o sexto responsável pelo ofício do *Correio-Mor*. Ainda muito novo quando ficou órfão de pai, foi seu tio materno, *Tomaz Caffaro*, que assumiu a direcção dos serviços dos *Correios*.

Foi um progressista no que toca a investir, tanto na casa de Lisboa como no palácio em Loures. Extremamente rico e igualmente gastador, este *Correio-Mor* vê o seu título a ser ameaçado:

“Fortalecendo o poder real, o despotismo iluminado, que começou em Portugal no reinado de D. José, com o Marques de Pombal e se sucedeu ao absolutismo régio de D. João V, atentou fortemente nos privilégios baseados na hereditariedade(...). Já no reinado de D. João V, O Testamento Político de D. Luís da Cunha (1747-49), vasto programa de governação com princípios de que se servirá Pombal, põe a hipótese, citando países em que o serviço de correios já pertence ao Estado, de o Rei tirar o ofício ao Correio-Mor, dando-lhe uma indemnização”³⁸.

Apesar das ameaças, José António Sousa Coutinho conseguiu segurar o ofício na família por mais uma geração. Casado com *D. Joaquina da Câmara*, teve como primogénito *Manuel José da Maternidade da Mata de Sousa Coutinho*, que foi de resto, o sétimo e último *Correio-Mor* do Reino. Manuel José da Maternidade de Sousa Coutinho, tal como acontecera com o seu progenitor, ficou privado do seu pai ainda novo, tendo-o substituído, temporariamente, o seu tio paterno, *Duarte de Sousa Coutinho*. Tal como o seu pai havia sido ameaçado com a perda do ofício, e estávamos já no Reinado de *D. Maria I*, em 1797, o Estado retirado-lhe as competências (Fig.13):

³⁷ Tamagnini, “O Palácio...”, pág. 113.

³⁸ Tamagnini, “O Palácio ...”, pág. 116.

O programa azulejar do Palácio do Correio-Mor, em Loures

“...reivindicou o monopolio dos correios, mantido na família havia quase 200 anos. Como recompensa, foram concedidos a Manuel José benefícios pecuniários, a promoção na carreira militar e o titulo de conde, com a apelação de Penafiel”³⁹.

Manuel José Sousa Coutinho perdia assim o marco histórico comunicacional do país, cujos antepassados haviam tido a honra de defender e manter. Apesar de completamente indefeso, este não ficou sem remunerações:

“Foram as seguintes as condições ofertadas, por Sua Majestade Fidelíssima D. Maria I, ao titular do cargo de Correio-Mor:

- “Título de Conde de Juro e Herdade com três vidas fora da Lei Mental (Lei de Inventário).

- A conservação da Honra de Criado de Sua Majestade.

- Uma renda permanente e que possa vincular em “Morgado” (transferência ao primogénito), de quarenta mil cruzados por ano, ou em Comendas, ou em bens da Coroa, ou em rendas do mesmo Correio.

- Pensões vitalícias de quatrocentos mil reis, cada uma, para sua mãe e seu irmão; para cada uma de suas irmãs; e de seu

irmão, até que se alcance a Comenda de Graça que Sua Majestade lhe promete pedir ao Grão Mestre de Malta. Estas pensões são reversíveis para ele Correio-Mor, no caso de sobreviver à cada uma das pessoas pensionadas, mas que de nenhum modo passarão a seu filho ou seus herdeiros.

- Declarar-se-á em nome de Sua Majestade, que estas pensões desobrigarão o Correio-Mor de dar o equivalente das mesmas a sua mãe, irmão e irmãs, e que o poderá descontar das “Legítimas” (parte

³⁹ Tamagnini, “O Palácio ...”, pag. 117.

O programa azulejar do Palácio do Correio-Mor, em Loures

da herança reservada por lei aos herdeiros necessários - descendentes e ascendentes - e da qual não se pode dispor livremente) ou em “Arras” (do latim “arrhas”: Bens dotais que por contrato o noivo assegura à esposa. Garantia ou sinal de um contrato. Penhor) que fosse obrigado a dar.

- Em atenção ao sacrifício que fazem o Correio-Mor e seu irmão, sejam avançados de um ou dois postos em algum dos Regimentos de Cavalaria da Corte. (Impresso na Imprensa Régia). Palácio de Queluz, 16 de janeiro de 1797. D. Rodrigo de Souza Coutinho, do Conselho de Estado de Sua Majestade, Ministro e Secretário de Estado dos Negócios da Marinha e Domínios Ultramarinos”.

Desta forma, o Decreto de 18 de janeiro de 1797 e o Alvará de 16 de março de 1797, extingue o cargo de Correio-Mor e incorpora à Real Coroa o ofício, o título e as funções. O último Correio-mor recebe o título de Conde de Penafiel”⁴⁰.

Sendo ainda nov, e gozando agora um estatuto diferente, mas nem por isso desprestigiante, seguiu a carreira militar afincadamente, tendo atingido o posto de *Brigadeiro*, devido à sua bravura na *Guerra Peninsular*⁴¹.

“... era então um belo rapaz, o fidalgo mais rico de Portugal e ornamento de sua classe, como foi ate aos últimos momentos”⁴²,

⁴⁰ <http://www.comelliphilatelist.com>

⁴¹ A Guerra Peninsular, também conhecida em Portugal como as Invasões Francesas e em Espanha como Guerra da Independência Espanhola, ocorreu no início do século XIX, entre 1807 e 1814,^[1] na Península Ibérica, e insere-se nas chamadas Guerras Napoleónicas. A princípio, envolveu Espanha e França, de um lado, Portugal e Reino Unido da Grã-Bretanha e Irlanda, do outro. Porém, a guerra teve repercussões além da Europa, influenciando na independência das colónias da América Latina.

⁴² Marquês de Fronteira e Alorna, “Memórias do Marquês de Fronteira e Alorna”, Coimbra, 1926 – 1º vol. pág. 55

O programa azulejar do Palácio do Correio-Mor, em Loures

escreveu o *Marquês da Fronteira de Alorna*⁴³, nas suas memórias. Manuel José Sousa Coutinho, uniu-se matrimonialmente com a filha dos *Marqueses de Belas*⁴⁴ e passa uma longa temporada em Paris. Já viúvo e com uma filha pequena, o conde de Penafiel decide regressar à pátria que o viu nascer. As obras de Loures não demoraram a entrar em acção, e, prova disso, é o enorme brasão pintado do *Conde de Penafiel* que o tecto sustenta numa das salas do palácio.

Não tendo mais filhos, o título que detinha passou-o para a sua filha, *D. Maria da Assunção da Mata de Sousa Coutinho*, considerada segunda *Condessa* de Penafiel e primeira *Marquesa de Penafiel*, que herda, assim, uma das maiores fortunas do país, e se casa com um diplomata brasileiro iniciando uma vida faustosa a dois, cheia de *glamour* típico do século XIX, em que a Família Real e outras famílias importantes do reino participavam, para gáudio do casal de *Condes de Penafiel*:

*“A grande novidade da semana foi o baile dos senhores Condes de Penafiel, prodigioso de riqueza e de elegância; uma dessas festas que não se descrevem, porque se mata a ideia delas ao querer guardá-las.... Tudo que as artes conseguem, tudo o que o gosto prepara, tudo o que a sumptuosidade inventa; um sonho acordado...”*⁴⁵.

Em 1874, entraram em falência. Rumaram a Paris, tendo vendido a maior parte do seu espólio, o recheio dos seus palácios, chegando mesmo a alugar o palácio de Loures e a vender o palácio de Lisboa.

A família Mata de Sousa Coutinho ainda perdura nos nossos dias.

⁴³ D. João de Mascarenhas, 2.º Conde da Torre, recebeu o título de Marquês de Fronteira do rei D. Afonso VI por decreto de 7 de Janeiro de 1670, como recompensa dos feitos militares na Guerra da Restauração.

⁴⁴ Foi primeiro marquês D. José Luís de Vasconcelos e Sousa (1740-1812), fidalgo da Casa Real, conselheiro de Estado e regedor das Justiças. Também foi desembargador do Paço, procurador fiscal da Junta dos Três Estados, deputado da Junta do Tabaco e director do Real Colégio dos Nobres. Seguiu para o Brasil com a família real em 1807, onde foi desembargador da Mesa da Consciência e Ordens. Esteve na corte de Londres diversas vezes como embaixador extraordinário. Adquiriu o título pelo casamento com D. Maria Rita de Castelo Branco Correia e Cunha, sexta condessa de Pombeiro e senhora de Belas, que recebeu o novo título por decreto de 17 de Dezembro de 1801 e carta de 13 de Janeiro de 1802.

⁴⁵ Tamagnini, “o Palácio ...”, pág. 117.

O programa azulejar do Palácio do Correio-Mor, em Loures

1.3 A sua vinda para Lisboa e a aquisição do título

”Da cepa comum a todos os «Coronéis» de Espanha e de Portugal, descendem os que aqui se vieram estabelecer na pessoa de Tristão Reymão Coronel, embaixador de Castela no tempo do nosso rei D. João III.

*Parece ser este o primeiro da família que se fixou em Portugal, vivendo em Elvas, com grande fortuna e consideração pública, e aí falecendo em consequência de uma queda”*⁴⁶.

Fazendo parte de uma linhagem forte e coesa oriunda de Espanha, estes *Coroneles* viram a sua *Casa* prosperar no país vizinho. A sua vida profissional passava por negócios comerciais. Durante mais de cem anos, estes cristãos-novos conseguiram angariar vastas fortunas que, aquando a sua vinda para Elvas, era já bem tida em conta.

*“Esta gente, oriunda de Elvas, e mais remotamente de Espanha, constituía um bloco de indivíduos estreitamente ligados por laços de família, o que lhes permitia, nas diferentes posições comerciais que cada um ocupava, facilitarem o sucesso uns dos outros”*⁴⁷.

Existem cartas trocadas entre membros da família que nos indicam o tipo de negócios que estes *Coronéis* detinham e dão uma ênfase ao comércio das especiarias vindas da Índia que lhe cabia depois exportar para o Norte da Europa. Com a venda de pimenta, açúcar, pedras preciosas, sal, tecidos e cereais, entre outros bens, conseguiram distanciar-se largamente dos seus concorrentes, tornando-se uma das famílias mais ricas do reino. Mas estes eram negócios menores, perto do círculo reservado daquilo que realmente eles controlavam. Visto que dinheiro era coisa que esta família sabia gerir, nada anómalo seria que exercessem cargos de banqueiros. Emprstavam elevadas somas de capital, não só a mercadores, mas também a nobres, e mesmo a reis, tal como aos reis Católicos de Espanha.

⁴⁶ Godofredo Ferreira, *Um ricaço Lisboaeta do Século XVII, Inventário de seus bens*, Lisboa, 1959, pág. 1.

⁴⁷ Godofredo Ferreira, *Algumas achegas para a historia do Correio em Portugal*, Lisboa, 1964, pág. 6.

O programa azulejar do Palácio do Correio-Mor, em Loures

Os *Coronel*, através de António Gomes de Elvas Coronel e Luís Gomes de Elvas Coronel, para além de manipular, pode dizer-se que conseguiram contornar os comércios, e, devido às actividades profissionais da vasta ramificação familiar, ligar-lhes empréstimos fiduciários avultados e bem remunerados em termos de juros. Cada vez mais importantes e conseguindo desta forma fazer destacar o seu nome na Corte - não só por estes cargos, mas também pelas obras beneméritas que com todo o grado exerciam com avultadas doações - estes fidalgos eram perseguidos pelo passado. Sabendo-os descendentes de convertidos a cristãos-novos, e por se exporem como fidalgos com sucesso mercantil e monetário, não se isentaram de serem apelidados de *cristãos-novos*, *sangue impuro*, *raça infecta*, *sefarditas*, etc., e, por isso serem, alvo de querelas e intrigas para os denegrir, o que lhes acarreta muitas tormentas e dificuldades para se dissociarem dessas acusações:

“Por mais de um século esta família sofreu a fama de judenga; e, a despeito de todas as contestações a que, em diferentes épocas, foram forçados, para defesa das suas pretensões fidalgas, afigura-se-nos que seria realmente do sangue judaico que lhes adviria a esperteza e habilidade para a chatinagem!”⁴⁸.

Não obstante, saídos de Elvas após alguns anos de conseguirem conquistar a confiança e colocar a sua marca nas operações comerciais nacionais, António e Luís Gomes de Elvas Coronel, neto e bisneto, respectivamente, daquele que foi o primeiro a fixar-se em Portugal, Tristão Perez Coronel, vêm para a capital do país, Lisboa, por volta de 1563, ambos com a pretensão de conseguirem fazer proliferar os negócios e melhorar as condições dos mesmos.

“ ...Os Elvas Coronel mudam-se para Lisboa e ganham lugar nos meios de negócios - notórios os seus, de importações e exportações de pimenta e outras especiarias, açúcar, sal, pedras preciosas”⁴⁹.

⁴⁸ Ferreira, *Algumas achegas...*, pág. 7.

⁴⁹ Júlio Gil, *Os mais belos palácios de Portugal*, Coleção Património, Editorial Verbo S.A., 2005, pág. 104.

O programa azulejar do Palácio do Correio-Mor, em Loures

Como já foi referido, com os negócios a ganharem um rumo positivo, é Luís Gomes de Elvas Coronel quem se vai destacar nas transacções comerciais. Através de algumas cartas, trocadas entre Luís e António, depara-se ali uma insatisfação em relação aos Correios da época, do final de *Quinhentos*, pois estes estavam a prejudicar-lhes as transacções. Não sabia Luís Gomes de Elvas Coronel o quão perto estava para se tornar no novo Correio-Mor do Reino,

“Lisboa, a 21 de Dezembro de 1576

Mui magnifico Senhor

..... vejo como havia muitos dias que estava Vossa Mercê sem carta nossa, que agora vimos a entender a grande velhacaria que fazem aqui os oficiais da casa do correio, porque havia escrito em 22 de Novembro pensando que as levava Luzon, e depois soubemos que ele estava aqui escondido, e depois se fez constar que o haviam detido por parte de El-Rei; íamos pelas nossas cartas e nos afirmavam e juravam que tinham seguido por outro correio, e parece que é falso”⁵⁰.

Vivia-se uma grande tensão na Península Ibérica no século XVII e, mesmo assim, Luís Gomes de Elvas Coronel conseguiu tirar proveitos da situação. Como tinha um desejo profundo de fazer parte da Corte e de ser tratado como um verdadeiro nobre, de primeira água e tendo o rei uma grande quantia de dinheiro em dívida para com ele, e a carecer de mais, aproveitou o momento para fazer o melhor negócio da sua vida e das gerações familiares vindouras.

Tendo Coronel posses e fundo de maneio avultado, foi assim, nesta conjuntura, que Filipe III de Espanha (II de Portugal), muito reconhecido pelos serviços prestados, principalmente de ordem financeira, elevou, como já foi enunciado, Luís Gomes de Elvas Coronel a cavaleiro-fidalgo, oferecendo-lhem ainda, o Solar da Mata das Flores, solicitado pelo novo fidalgo:

⁵⁰ Ferreira, *Algumas achegas...*, pág. 9.

O programa azulejar do Palácio do Correio-Mor, em Loures

*“quinta e Casal da Matta com as casas e todas as mais bemfeitorias que nella tenho feitas athe ao presente”*⁵¹.

Aqui começava uma nova fase para esta família, descendente de espanhóis. Desta forma, Luís, encontrou a excelente oportunidade de recomeçar a sua vida e a dos seus de forma limpa e incólume. Assim, para reforçar, solicita ainda ao monarca autorização para mudar de apelido: desejava deixar cair *Elvas Coronel*, e com ele todo o passado de humilhações, injúrias, armadilhas, que os seus inimigos tinham cometido e desta maneira ser o fundador de uma nova família, com estirpe digna de nobreza, ser o primeiro entre muitos da sua família a vingar no leito da Corte. Filipe III concede-lhe, pois, essa prerrogativa e Luís Gomes Elvas Coronel vê assim concretizada a sua vontade e muda o nome de cristão-novo *Gomes Elvas Coronel*, para *Gomes da Mata*:

*“Acedeu o rei ao pedido concedendo-lhe, por alvará de 18 de Fevereiro de 1606, que fosse, em Portugal, fidalgo de solar conhecido, para o que se apelidaria «da Mata», e lhe concedesse brasão de armas para este apelido – em campo de ouro (indicativo da sua natural nobreza) três matas verdes floridas, em roquete – fazendo-o a ele e a todos os seus descendentes, ainda que o fossem por linha feminina, fidalgos de solar conhecido”*⁵².

Nasce, assim, Luís Gomes da Mata, aquele que deixará em testamento uma das suas últimas vontades: que os seus herdeiros coloquem em todas as propriedades pertencentes à família, este brasão de armas, bem no alto, para ser visto e exibido com orgulho, pois era a glória atingida, após a imensa carga negativa que carregou longos anos, juntamente com os seus antepassados, o cunho despitante de ter pertencido a uma família de convertidos.

Mas as surpresas não se ficaram por aqui. O suserano espanhol, em situação limite e com as imensas dificuldades financeiras, precisava de toda a ajuda possível:

⁵¹ Anne Stoop, *Quintas e Palácios nos arredores de Lisboa*, Livraria Civilização Editora, 1986, pág. 34.

⁵² Ferreira, *Um Ricaço ...*, pág. 2.

O programa azulejar do Palácio do Correio-Mor, em Loures

“(...) o rei, falto de dinheiro, e já devedor de 30.000 cruzados (...) resolveu vender o lugar de correio-mor aos Matas, com o que saldava a dívida dos 30.000 cruzados acima referidos, e recebia mais 40.000, com que se completava a soma dos 70.000 por que foi vendido o rendoso cargo”⁵³.

O cargo de Correio-Mor foi, assim, adquirido por Luís Gomes da Mata, em 1606 - três meses após a sua ascensão a nobre – lugar este vago desde a morte do último Correio-Mor nomeado por Carta Régia, Manuel de Gouveia, em 1598. Efectivou-se, assim, um acordo que beneficiou ambas as partes.

Infelizmente, Luís Gomes da Mata não viveria muito mais tempo. Conseguiu apenas usufruir do status e do ofício por ele conquistado, cerca de ano e meio e conforme tinha deixado estabelecido no seu testamento, desejou ser enterrado no jazigo familiar que possuía na Capela de Nossa Senhora da Pérsia, no Convento de Nossa Senhora da Graça, em Lisboa.

Seguiu-lhe o seu filho, António Gomes da Mata e toda uma longa geração de Correios-Mores, que, cada um à sua maneira e cabeça, honrou o pedido deste homem, o de enobrecer o seu nome e de perpetuar a sua memória através do melhor e maior cargo que alguém poderia fruir.

1.4 Arquitectura do Palácio do Correio-Mor

Para tratar este ponto, referente à arquitectura do palácio do Correio-Mor, foram utilizadas várias formas de pesquisa: a tradicional, através de leituras; perguntas feitas aos responsáveis pelo palácio, e através da observação directa.

Para se escrever uma monografia, ou qualquer obra histórica, não se pode desprezar o “corpus” documental existente sobre o assunto, nem o que já se escreveu sobre o tema. Todavia, “corpus” e bibliografia consultados têm de ser credíveis. Contudo, isto não basta: torna-se necessário observar o monumento “in loco” e descrever o que se vê e o que se sente; melhor, é preciso interpretar o que se observa. Assim sendo, esperamos que a descrição

⁵³ Ferreira, *Algumas chegadas ...*, pág. 10.

O programa azulejar do Palácio do Correio-Mor, em Loures

detalhada, que vamos tentar, interesse o espírito do leitor e lhe aguace o apetite para uma visita. Não sendo esta possível, que consiga, pelo menos, visualizar e entrar em contacto com este fantástico e fantasioso palácio.

Como já foi explanado anteriormente, toda e qualquer referência a este palácio está automaticamente ligada à grande família Gomes da Mata. E tal não poderia deixar de o ser, visto que contemporâneos dos Mata, e exercendo o mesmo ofício, estavam as famílias *Thurn und Taxis* que, sendo grandes famílias europeias e possuidoras de grandes fortunas e títulos, ostentavam grandes casas de campo, todas caprichosamente engalanadas e sumptuosas. Os Gomes da Mata não ficaram atrás. Este palácio, alvo do nosso estudo, poderá, ao pé dos *rivais*, poderá talvez não ser tão ostensivo, mas é garantidamente um palácio como poucos haverá na zona circundante de Lisboa:

“Portugal do século XVIII não possuía recursos que permitissem à sua aristocracia construir casas da magnitude de Blenheim ou Wentworth Woodhouse, Syon House ou as muitas outras que fazem (ou fizeram) da Grã-Bretanha um país tão rico em arquitectura domestica desse tipo. Contudo, mesmo o viajante apressado verifica que Portugal possui grande numero de pequenas e deliciosas casas solarengas, além de uma que constitui um magnifico exemplar – o solar de Mateus, perto de Vila Real, na região Norte”⁵⁴.

Em contraponto, o autor Carlos Azevedo, na sua obra “Solares Portugueses”, refere:

”Muito expressiva desta sobriedade architectónica é a grande casa da Quinta do Correio-Mor, em Loures (...), uma das mais importantes do País e o exemplo mais notável das casas da zona do Centro que em pleno século XVIII adoptam a planta em U. Bastará comparar a sua fachada com a do Solar de Mateus.”⁵⁵.

⁵⁴ Tamagnini, “O Palácio ...”, pág. 103.

⁵⁵ Azevedo, *Solares Portugueses ...*, pág. 91.

O programa azulejar do Palácio do Correio-Mor, em Loures

Mas não há autor nem relato algum que possa fazer jus à beleza deste Palácio. Mal chegamos à Quinta, podemos observar a grande dimensão que o palácio comporta. A receber-nos está:

“Um portão de cantaria, encimado pelas armas dos Mata, dá acesso ao amplo pátio que, enquadrado pelas três alas da planta em U do edifício, era fechado por alto muro, agora substituído por gradeamento”⁵⁶.

O palácio, implantada numa quinta, que possui actualmente cerca de 140 hectares, é uma morada urbana de uma arquitectura civil setecentista (Fig.14 e 15), de traço barroco, com a sua planta em forma de U, com um grande pátio, para que a circulação de veículos seja feita com destreza e uma escadaria interior.

De frente para o portão, podemos observar o pormenor *sui generis* que este palácio possui e que poucas casas campestres têm, um andar intermédio (Fig.16), para além dos comuns rés-do-chão e andar nobre, o que se deve ao aproveitamento do declive do terreno:

“Para que o andar nobre abra sobre os jardins, o desnível do terreno determinou a colocação de um piso intermédio entre o rés-do-chão e o andar nobre, solução pouco comum na casa de campo mas corrente do palácio urbano, que reforça a monumentalidade e equilibra as proporções”⁵⁷.

Convém referir que, antes do acrescento, a quinta tinha um pequeno solar, correspondente ao corpo da casa e que, actualmente, se encontra a Sul. Acredita-se que, depois das primeiras obras, o solar da Mata das Flores tivesse logo ficado com a configuração actual de três pisos. Também podemos constatar que, nas traseiras da ala Sul, do lado esquerdo, uma capela com uma torre sineira. Esta habitação, do modo como foi concebida, estava cercada por um muro alto (Fig.17 e 18), de alvernaria, mas que, mais tarde, e depois de

⁵⁶ Barroco em Loures, Palácio do Correio - Mor, Loures, 1996.

⁵⁷ Quinta do Correio-Mor”, José Fernandes Pereira, *Dicionário da Arte Barroca em Portugal*, Editorial Presença, 1ª Edição, Lisboa, 1989, pág. 138.

O programa azulejar do Palácio do Correio-Mor, em Loures

terem sido feitas obras de remodelação, foi substituído por outro de gradeamento de ferro forjado, que permitia a visualização em pleno do palácio. Deste muro, e conforme já foi anteriormente referido, do original apenas resta o portão de cantaria que sustenta o brasão nobiliárquico dos Gomes da Mata (Fig.19), seja o do último Correio-Mor, Manuel José da Maternidade da Mata de Sousa Coutinho.

Transpondo os muros gradeados, temos à nossa frente a fachada principal e é impossível o nosso olhar não se deter no corpo central da habitação (Fig.20). Para além de ser constituída por três andares, notamos que a fachada principal da casa possui uma arquitectura que evocante da festa, sensação típica do estilo da época: o Barroco que a enforma.

Nos três corpos da casa, distinguem-se os três andares, através da tipologia das janelas: no rés-do-chão, óculos ovais com gradeamento; no piso intermédio ou mezzanino, quadradas, discretas, pequenas, todavia a cumprir o seu objectivo de criar um novo andar na casa. Este andar, aliás, seria o de serviço de quartos. No piso nobre, as janelas são de sacada, com varandas, e um frontão triangular e encimá-las. Fogem à excepção quatro janelas, duas na ala Sul e outras duas na ala Norte, em que as janelas são encimadas por frontões curvilíneos.

A divisão de funções está bem definida: no primeiro piso em que se guardavam as alfaias agrícolas, encontramos, também, as cavalariças (Fig.21), a fantástica cozinha decorada com azulejos extraordinários de figura avulsa, o lagar do vinho (Fig.22), a adega, grande, de três naves, o lagar do azeite e o vestíbulo. Ao piso intermédio destinou-se a função de acolher as dependências de apoio ao funcionamento do palácio, e alguns quartos destinados aos criados que serviam o andar nobre.

Quanto ao andar nobre em si, e como a própria designação traduz, destinava-se aos proprietários do palácio, encontrando-se lá o quarto do Marquês de Penafiel, na ala Norte, e, variadíssimas salas, ricas em decoração azulejar e tectos trabalhados. Dele tem-se à Capela, através da sacristia que se encontra neste piso, e acesso aos vários jardins.

No piso térreo do corpo central do palácio encontramos duas entradas por onde se atinge o andar intermédio, havendo entre elas e embutida na parede, uma fonte (Fig.23). No andar nobre, as três janelas principais são brindadas por uma comprida varanda em ferro forjado, em que se imitam motivos vegetalistas. A janela do meio é maior e mais elaborada no que toca à decoração, pois possui um recorte da verga destacada, o que permite visualizar melhor a altura da cornija (Fig.24):

O programa azulejar do Palácio do Correio-Mor, em Loures

“Sobre a cornija, coroando forçadamente este equilibrado conjunto, um frontão contém um nicho, uma imagem de Nossa Senhora da Oliveira”⁵⁸.

O frontão é contra-curvado, tendo ao meio um nicho com a estátua totalmente branca de Nossa Senhora da Oliveira (Fig.25), protegida por uma janela de vidro emoldurada numa grinalda de flores, coroada por três anjinhos (Fig.26). Quatro fogaréis fazem destacar as quatro pilastras da fachada do palácio.

As outras duas fachadas são idênticas. Para além de terem as portas para as dependências de trabalho, contêm portas que dão acesso aos outros dois pisos do palácio, havendo sempre uma discrição total e uma distinção entre a entrada dos empregados e a entrada dos proprietários e visitas. Para se ter acesso ao primeiro piso, e andar mais importante, pode recorrer-se à escada que se encontra no pátio interior ou vestíbulo. Subindo a escada até ao primeiro lance de degraus, em frente de uma janela aparece, como a coroar a subida e a receber as pessoas, uma fonte magnífica do século XVIII (Fig.27). Em mármore, e com uma ninfa a ornamentá-la (Fig.28):

“No patamar central preside à escadaria uma bela escultura em mármore, que se recorta no fundo luminoso de uma janela – a bíblica Samaritana, sobre esplêndida fonte monolítica: “Senhor, dá-me dessa água, para que eu não sinta mais sede...”⁵⁹.

Matilde Tamagnini afirma, ainda numa das suas notas na Separata sobre o palácio do Correio-Mor:

”Pensamos que a chamada Fonte da Samaritana se pode atribuir à Escola de Escultura de Mafra, a mais importante de Portugal, chefiada pelo italiano Alexandre Giusti e que floresceu de 1753 ate cerca de 1770. De concreto, sabemos apenas que esta peça custou 40

⁵⁸ Tamagnini, “O Palácio ...”, pág. 107.

⁵⁹ *Os mais belos ...*, pág. 108.

O programa azulejar do Palácio do Correio-Mor, em Loures

moedas, Dario Canas, O Concelho de Loures..., pág. 18 (Lisboa, 1944)⁶⁰.

Na janela, encontramos um pequeno *putti* alado que segura com veemência um medalhão com a efígie esculpida do (Fig.29), segundo alguns autores,

“...presumivelmente do 9º Correio-mor, Luís Victório da Mata Coutinho (1696-1735), a quem se deverá o maior esplendor do palácio”⁶¹,

cuja autoria, dadas as características de estilo – o tema dos medalhões e anjos era muito caro ao artista -, se atribui ao francês Claude de Laprade e também o facto de andar por perto de Loures à época. Laprade trabalhou também para o Convento de Mafra com este exacto tema.

Façamos, agora, uma explanação sobre a divisão interna desta belíssima joia de arte arquitectónica em que se encontram, perfeitamente definidas, e nítidas três fases decorativas. A primeira, que corresponderá ao bom gosto joanino tardio, balizada entre os anos 35 e 45, do século XVIII; a segunda surge no período rococó inicial, e é visível em todas as salas principais da frontaria central, cujo corpo central deverá ter sido terminado antes do terramoto, mas sofrido arranjos logo a seguir; lado norte do palácio, as obras internas foram feitas já vários anos após o terramoto, num período pombalino ou também chamado período D. José. Também deve ter sido nesta altura que, quando faziam o acrescento norte da casa, se deve ter aumentado o remate superior, que tem um frontão central tardio, pois devia ter inicialmente um frontão mais baixo.

A casa, como se pode verificar por esta pequena súpula, é claramente uma obra joanina, mas comporta duas fases importantes do rococó: a fase do pré-terramoto, que é um rococó mais fino, o mais elaborado de todos, mais cuidado e depois a segunda fase do rococó, mais estereotipado, pertencente ao período pombalino.

As obras aqui feitas no século XIX não interferiram muito, e as que interferiram foram eliminadas durante os anos 60. Portanto, houve salas que levaram estuques e outros

⁶⁰ Tamagnini, “O Palácio ...”, pág. 121.

⁶¹ Carlos de Azevedo, Monumentos e Edifícios Notáveis do Distrito de Lisboa, Junta Distrital de Lisboa, 1963, vol. III, pág. 55.

O programa azulejar do Palácio do Correio-Mor, em Loures

ornatos no século XIX e que foram retirados nessa altura, que consideraram um pouco antagónicos.

O edifício ganhou uma certa unidade, o recheio da casa é todo dessa época, adquirido por Miguel Quina, o que faz com que não tenha qualquer tipo de relacionamento histórico original com o palácio ou com os proprietários nobres que aqui viveram; isto não significa que esta habitação não salvaguarde pequenos tesouros de grande qualidade, que como tal iremos apresentar nos segundo e terceiro capítulos deste trabalho.

**O programa azulejar do
Palácio do Correio-Mor, em Loures**

**Capítulo II:
Inventário Iconográfico dos Azulejos do Palácio do Correio-Mor**

“Ao longo de vários séculos em que a azulejaria teve uma importância primordial em Portugal, o grande centro produtor desta arte ornamental localizou-se na cidade de Lisboa, de onde se difundiu para todo o território (...). Lisboa conserva o número mais expressivo de exemplares, qualitativa e quantitativamente”⁶².

No interior do Palácio do Correio-Mor, que tanta história e estórias vivenciou e conseguiu ultrapassar, vamos encontrar pequenos tesouros. Não tesouros fechados em arcas, mas sim todo um espólio artístico que se manteve durante anos desmesuradamente incógnito. Referimo-nos à Azulejaria que encontramos bem presente nas paredes de todos os cômodos do palácio, com a exceção de um único, a Sala do Brasão.

Antes de passar à descrição das salas mais importantes e imponentes que outorgam o grande *elan* a este palácio, gostaríamos de fazer ressaltar que as obras grandiosas feitas no palácio não foram realizadas ao mesmo tempo, sendo, por isso, estes azulejos e tectos que aqui vamos passar a explanar, marcos históricos que nos revelam o gosto e as respectivas posses dos encomendantes das obras, embora os grandes impulsionadores da casa tenham sido os Correios-Mores, José António da Mata de Sousa Coutinho e seu filho, Manuel José da Maternidade da Mata de Sousa Coutinho.

Ante a divisão arquitectural do palácio, centremos a descrição das salas primeiramente na ala Sul da casa, percorrendo assim o palácio de modo natural, visto que este corpo do imóvel foi o primeiro a ser construído, sendo a azulejaria nela presente, a mais antiga e valiosa também. Passaremos de seguida para o corpo central, em que iremos descrever a decoração do mesmo, e, finalmente, o corpo Norte, em que se encontram os últimos azulejos e mais recentes da casa.

⁶² José Meco, “Exposição de Azulejos de Lisboa”, promovido pela Câmara Municipal de Lisboa, Estufa Fria – Parque Eduardo VII, Fevereiro/Março, 1984, pág. 15

O programa azulejar do Palácio do Correio-Mor, em Loures

Não obstante, o estudo feito sobre a decoração desta faustosa moradia, ainda que fruto de uma investigação científica, não teria total credibilidade caso não fosse apoiada por bibliografia acreditada, isto é, em bases incontestáveis de informação credível.

Sejamos claros: estamos perante uma excelente amostra da azulejaria do século XVIII, aquela em que se concentrou o bom gosto e as melhores técnicas já vindas do século anterior:

“(...) observa-se uma viragem no gosto pelo azulejo, manifestada, em primeiro lugar, pela gradual substituição dos esquemas cromáticos da paleta de «quatro cores» - azul, amarelo, verde e manganês – para a pintura apenas a azul”⁶³.

2.1 Sala da Caça

O estudo das salas azulejadas do *Palácio do Correio-Mor* inicia-se com chave de ouro, a *Sala da Caça* (Fig.30). De uma beleza notável, esta sala alia o melhor da azulejaria figurativa com um maravilhoso tecto de madeira pintado (Fig.31).

Além disso, possui uma pequena dependência, resto do original do século XVIII. Trata-se de um *Louceiro* (Fig.32), em que eram colocadas as pratas e as loiças, composto por uma estrutura de madeira e com um desenho exclusivo, em degraus trapezoidais, não sendo imaginar as baixelas, as pratas e os faqueiros ali armazenados e bem acondicionados. A casa comporta mais dois louceiros na *Sala do Brasão*, de dimensões menores, mas nem por isso menos preciosos. Isto só vem provar e reiterar o testemunho de que se tratava de uma casa muito rica e muito faustosa, a que se aliava o bom gosto e a cultura de quem ali vivia. Estes louceiros têm ainda a particularidade de terem gavetas delicadas e adornadas e a ladear o móvel estão umas escadas que permitem o acesso às peças.

⁶³ J. M. dos Santos Simões, *Azulejaria em Portugal, no século XVIII*, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 1979, pág. 51.

O programa azulejar do Palácio do Correio-Mor, em Loures

Passando, então, para a *Sala da Caça* propriamente dita, toda e qualquer análise da arte de ornamentar uma sala para o efeito pretendido – sala de jantar – passa essencialmente por saber que:

“Duas manifestações artísticas atingiram em Portugal valor superlativo e parecem inseparáveis: o azulejo e a talha, disse Santos Simões”⁶⁴.

A nível azulejar, esta sala detém painéis recortados, de gravuras soltas e avulsas. Comporta, lado a lado, painéis sem qualquer tipo de critério, de leitura totalmente aleatória, não representando, por isso, qualquer narrativa. Seria esta indubitavelmente a sala de jantar, e terá sido esta sala que terá permitido acabar com dignidade este corpo da casa. Embora estreita, esta divisão é admirável. Datada de 1740, portanto, bem ao estilo joanino, com as pinturas do tecto pertencendo a *José da Costa Negreiros*⁶⁵, e os azulejos a *Nicolau de Freitas*⁶⁶. Indubitavelmente uma obra notável, mesmo não estando subscrita, dá-se como certa a autoria já que o traço e a forma de pintar denunciam o autor.

Cada painel é uma cena só, enquanto que na parede nobre, o artista teve de encher uma parede inteira e não existiam à época gravuras que pudessem cobrir tais dimensões. Só em casos muito raros é que se conseguiram adaptar gravuras para serem colocadas em paredes tão compridas. Nesta sala, cada cena é uma gravura distinta que o artista ia colocando em cima da paisagem, ligando-as, seguidamente através das molduras. A maioria delas está ligada à caça, tema central que dará origem à designação da sala: podem ver-se uma tourada, caçadas ao veado, ao javali, ao urso, à raposa e ao leão (Fig.33, 34, 35, 36, 37 e 38). Há também cenas de bel-prazer como uma refeição a ser degustada por membros da nobreza, em que, curiosamente, vemos, para além dos pratos, o pormenor da existência dos talheres sobre a mesa (Fig.39),

⁶⁴ Tamagnini, “O Palácio ...”, pág. 108.

⁶⁵ José da Costa Negreiros, pupilo na Escola de André Gonçalves tornou-se um pintor em uma grande obra remanescente e que comprova a forte influencia de André Gonçalves, na geração seguinte.

⁶⁶ Nicolau de Freitas, sendo de Lisboa, foi discípulo de António Oliveira Bernardes e inscrito na Irmandade de São Lucas. Casou-se com a filha de Bartolomeu Antunes.

O programa azulejar do Palácio do Correio-Mor, em Loures

“(...) onde é curioso notar ainda não serem usados garfos”⁶⁷.

Assiste-se a um concerto (Fig.40), que tão apreciado era pela sofisticada nobreza, e existe uma cena de galanteio a uma dama num encontro durante uma caçada. São deveras interessantes estes painéis interessantes porquanto transmitem as sensações reais que as personagens estão a vivenciar, fazem com que o espectador se sinta também integrado nas realidades ali representadas. Existe um pormenor curioso no painel principal: encontramos um negro a segurar um cão (Fig.41), que também se faz representar no tanque do jardim setecentista do palácio. Relativamente aos painéis no seu todo, não se vislumbra uma ligação entre si, mas com a continuidade da paisagem, fazem com que olhar para eles seja um prazer e um acto contínuo.

Estes silhares azulejares são de um azul muito denso e muito expressivo, a transmitir claramente um toque dramático. Encontramos efeitos arquitectónicos, pilastras, elementos perspectivados, dois tipos de remates com cartelas encimadas por cabeças femininas, e, até aparece uma palmeta de regência, pois este estilo [de regência] já começava a aparecer nesta época. Os painéis são constituídos por espaldares mais elevados, formando uma espécie de pequena cúpula que também têm uma palmeta mais desenvolvida com uma cortina que liga o painel de uma ponta à outra e que nas extremidades se encontram sempre pilastras com meninos esvoaçantes que abrem a cortina de uma maneira muito teatral.

Nos painéis mais pequenos temos apenas as cortinas, com dois *putti* a abri-las dando a entender que há uma situação a ocorrer (Fig.42), ou seja, existe aqui uma certa teatralidade, uma certa carga e densidade dramática em tudo isto que é notável, principalmente se pensarmos que estas sensações são produzidas apenas com o azul cobalto e claro, através da capacidade artística do seu autor. Os efeitos de perspectiva e a sombra, são notáveis e fazem desta obra uma das criações mais interessantes da azulejaria da época joanina, o período mais glorioso da história da azulejaria, em que o azulejo português, mesmo comparando ao que se criou no estrangeiro, foi o que mais se destacou.

Estão aqui bem patentes uma arte e uma densidade dramática, com grande teatralidade e uma maior capacidade cenográfica fazendo com que o objectivo de revestir totalmente a área pretendida tivesse sido um sucesso.

⁶⁷ Tamagnini, “O Palácio ...”, pág. 109

O programa azulejar do Palácio do Correio-Mor, em Loures

Evidentemente que estas cenas foram baseadas em livros de gravuras. Ao longo do século XVII, e principalmente ao longo do século XVIII, a representação no azulejo de uma ideia ou de uma visão idealizada da vida da corte era bastante significativa para quem encomendava este tipo de figurações. Copiavam-se, assim, gravuras estrangeiras e abordavam-se os temas que davam prazer à vida da corte: a caça, a música na sala de jantar onde se comia bem.

Encontram-se, também, um tipo de cercadura que é aplicada nos azulejos, a revelar uma certa característica marcante da cronologia.

O tecto tem como temática a *Mitologia Greco-Romana*, que quase sempre se encontra numa sala ou num tecto deste tipo de habitação nobre. Muito raros, porém, são aqueles que nos chegaram sem estarem degradados, sendo uma sorte imensa haver nesta casa um tecto com este conjunto de oito quadros com pinturas em talha, douradas, do século XVIII. Todas as histórias que aqui estão representadas são episódios da mitologia greco-romana retirados da obra de *Ovídio*⁶⁸, *As Metamorfoses*⁶⁹, em que são contadas as relações atribuladas entre os deuses e os mortais no universo da mitologia greco-romana, e tiveram grande divulgação na Europa barroca através de gravuras da autoria de artistas conceituados. O poema, 231 histórias em 15 livros, exalta as relações entre humanos terrenos e os deuses, pois no pensamento grego, tudo na vida se passava num universo de harmonia cósmica. Exemplo disto, num dos poemas em a personagem principal é *Orfeu*, foca-se que quando ele

⁶⁸ Publius Ovidius Naso, conhecido como Ovídio nos países de língua portuguesa (Sulmo, 20 de Março de 43 a.C. – Tomis, 17 ou 18 d.C.), foi um poeta romano que é mais conhecido como o autor de *Herodes*, *Amores* e *Ars Amatoria*, três grandes colecções de poesia erótica, *Metamorfoses*, um poema hexâmetro mitológico, *Fastos*, sobre o calendário romano, e *Tristia* e *Epistulae ex Ponto*, duas colectâneas de poemas escritos no exílio, no Mar Negro.

⁶⁹ *Metamorfoses* é uma das obras mais famosas e considerada como *a magnum opus* do poeta latino Ovídio. O poema narrativo foi tornado público por volta do ano 8, e, ao lado de *Fastos*, trata-se talvez de um de seus poemas inconclusivos por conta do exílio que sofreu no Ponto Euxino, costa do Mar Negro, região distante de Roma. É desconhecida a causa do exílio mas existem duas hipóteses: ou Augusto não tenha gostado do âmbito de sua obra desde *A Arte de Amar*, e as *Metamorfoses* de Ovídio, ao contrário do pensamento de ordem e estabilidade do imperador, mostram um mundo em constante mutação, ou o poeta romano foi indiscreto a respeito de algum aspecto íntimo do soberano ou de sua família. A estrutura de *Metamorfoses* constitui-se de 15 livros escritos com cerca de 250 narrativas em doze mil versos compostos em latim e que transcorrem poeticamente sobre a cosmologia e a história do mundo, confundido deliberadamente ficção e realidade, narrando a transfiguração dos homens e dos deuses mitológicos em animais, árvores, rios, pedras, representando o principio dos tempos, chegando à apoteose de Júlio César e ao próprio tempo do poeta, ou seja, o Século de Augusto (43 a.C. - 14 d.C.). Aproveitando tal abordagem das Eras do Homem, Ovídio uniu livremente os deuses aos mortais em histórias de amor, incesto, ciúme, crime.

O programa azulejar do Palácio do Correio-Mor, em Loures

tocava e cantava na floresta, as árvores o ouviam, os animais se reuniam perto para ouvir, as pedras, e, enfim, todo o universo se quedava e ficava a ouvir Orfeu. Na Religião Cristã, as primeiras representações de Cristo - na arte Paleocristã - comparam-No a Orfeu:

“Não surpreende que no imaginário paleocristão o Cristo possa ser representado da mesma maneira que Apolo, o deus do sol, a iluminar o mundo, como Orfeu pacificando as "feras" (pagãos) com sua "música" (doutrina), ou como um filósofo clássico ensinando aos discípulos os segredos da nova filosofia”⁷⁰.

Neste tecto, da autoria do artista *José da Costa Negreiros*, encontramos alguns dos episódios que mais marcaram a Arte Europeia, visualizáveis também em palácios italianos, franceses, espanhóis, etc., muito em voga na época. Eram, sobretudo, cenas das Metamorfoses ovidianas que contam que os deuses e os homens se metamorfoseiam para se poderem seduzir mutuamente. Estamos, portanto, perante histórias de amor recuperadas no período barroco, a que se juntou o toque de *coquetterie* ou *galanterie*, tão ao gosto da estética barroca.

Nesta pintura de elevado nível artístico, conta-se a história do *Rapto da Europa* (Fig.43). A figura feminina sentada num touro branco é uma princesa do Oriente, de nome *Europa*, que despertou a paixão de Júpiter, deus dos deuses, que, de impulsos incontroláveis, decide transformar-se (metamorfosear-se) em touro para raptar *Europa*.

Verdade seja dita, os poemas de *Ovídio* na época em que a Igreja se consolida, vão ser mantidos pela própria Igreja, mas com leituras cristãs: este *Rapto da Europa*, que aqui vemos representada com um touro branco, era relatada como se de uma travessia para o *Paraíso* se tratasse. Durante o *Barroco*, contudo, estas representações adquirem aspectos mais estéticos: aparecem figuras aladas, representados por *putti* ou por *vitórias*, que privilegiam e enxameiam a momentalidade. Aqui a cena já não retrata apenas o próprio rapto, mas sim uma cena poética, de suavidade, beleza e aceitação do acto.

Outro painel que aqui se encontra retrata o amor de *Dafne* (Fig.44), uma ninfa humana que desperta o amor cobiçoso de *Apolo* e a vingança de *Cupido*. Na mitologia greco-romana, *Cupido* faz-se acompanhar sempre com dois tipos de setas: de ouro, que provocam o

⁷⁰ <http://imagensdaarte.blogspot.com>

O programa azulejar do Palácio do Correio-Mor, em Loures

amor em quem as recebe; e de chumbo, que provocam o sentimento inverso, o repúdio do amor. Esta paixão não surge por mero acaso:

“O amor de Apolo e de Dafne não nasce por acaso, mas sim de um conflito entre Apolo e Cupido. Apolo troçara Cupido e este, para se vingar, dispara contra Apolo uma flecha dourada que faz nascer o amor e contra Dafne uma flecha de chumbo que torna o amor impossível”⁷¹.

Assim, a seta de chumbo faz com que *Dafne* não aceite o amor de *Apolo*, que louco de desejo persegue a bela *Dafne*. Desesperada e completamente exausta de tanto fugir, a ninfa pede ajuda a *Pai*, divindade fluvial, representada na pintura por um idoso, um ancião que possui uma bilha que simboliza a Vida, a fonte da Vida, e que vai transformar a jovem desesperada em loureiro. Por norma, *Dafne* é caracterizada com as pernas a transformarem-se em raízes e tronco da árvore. Neste painel, porém, está retratada em forma humana, ainda que com os dedos e as mãos a transformarem-se já em folhas e galhos de loureiro. Vendo *Apolo* que perdeu a sua amada, decide cortar um ramo e coroar-se de louros, podendo, assim, desta forma romantizada, ter a sua linda *Dafne* com ele para toda a eternidade:

“Ela, no limite das suas forças, quase desmaia; enfraquecida pela fuga rápida, o olhar virado para as águas de Pené, suplica: «Vem meu pai, vem socorrer-me, se os rios como tu têm um poder divino; liberta-me através de uma metamorfose desta beleza tão sedutora». Assim que acaba a sua súplica, toldam-se-lhe os membros; uma fina casca de árvore cobre-lhe o peito delicado; os cabelos esticam e transformam-se em ramos e folhas; os braços em troncos; os pés, há instantes tão ágeis, aderem ao solo com raízes incapazes de se

⁷¹ Ana Paula Correia, «Palácios, Azulejos e Metamorfoses», “Azulejos de Portugal e Brasil”, *Revista Oceanos*, Nº 36/ 37, Outubro de 1998/ Março de 1999, Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimientos Portugueses, pág. 190.

O programa azulejar do Palácio do Correio-Mor, em Loures

*moverem; a copa de uma árvore coroa a sua cabeça; (...).
Metamorfoses I, 438-551*⁷².

Sobre o tema paradigmático do amor e da transformação, encontramos noutro painel a história de *Vénus* a impedir *Adónis* de ir para a caça (Fig.45):

“ *«Sê prudente, meu jovem amante, não te mostres temerário pondo em perigo a minha felicidade, não ataques animais a quem a natureza deu defesas; a tua glória seria para mim uma imensa tristeza». (...) «Mas estou a sentir-me cansada por uma ocupação contrária aos meus hábitos; aqui está, bem a calhar, um choupo, a cuja sombra vos convidado; a relva oferece-nos um leito; quero deitar-me aqui, no solo, contigo.» Logo ela se deita, encostando a si o corpo do jovem; a cabeça encostada ao peito do jovem, recostando-se para trás, começa a descrição, interrompendo-a com beijos. (...) E assim se exprimiu Vénus. Com a sua atrelagem de cisnes, retoma o caminho dos ares(...). Metamorfoses X, 708-739*⁷³.

Outro painel retrata *Narciso* (Fig.46) que olha embevecido a sua imagem reflectida na água e se apaixona por ele próprio. Mais uma vez encontramos *Cupido*, o que nos remete para mais uma história de amor impossível, de *Narciso*, por si próprio, que definha e morre. No local em que padeceu e morreu nasceu uma flor conhecida pelo nome de *Narciso*:

“*Quantas vezes deu beijos vãos a este ribeiro ilusório! (...) O que vê ele? Ignora-o. Mas o que ele vê consome-o; o mesmo erro que engana os seus olhos, excita-os. Jovem crédulo, porque te obstinas em vão a apanhar uma imagem fugitiva? O que procuras não existe; o objecto que amas, se te virares, desaparecerá. (...). Deitado na erva, ao fim do dia, contempla de um olhar insaciável a imagem ilusória. Morre, vítima dos seus próprios olhos. Ligeiramente levantado, erguendo os*

⁷² Correia, «Palácios, ...», *Oceanos...*, pág. 190.

⁷³ Correia, «Palácios, ...», *Oceanos...*, pág. 186.

O programa azulejar do Palácio do Correio-Mor, em Loures

braços para as árvores que o rodeiam: «Jamais, amante algum, digam-me, ó florestas, sofreu sorte tão cruel?...»». Metamorfoses III, 330-355⁷⁴.

Existem outras histórias de metamorfoses neste magnífico tecto: a história de Vénus e Marte, Juno e Júpiter, etc., (Fig.47, 48, 49 e 50). É sem dúvida alguma uma sala muito rica em arte setecentista, que muito apraz a quem a desfruta, pois tem uma capacidade enorme de envolver o visitante. Esta sala dá acesso directo a um pequeno jardim tipicamente decorado ao estilo do século XVIII.

2.2 Sala de Retratos de D. Miguel, Sala dos Painéis Octogonais, Sala dos Arcebispos e Sala dos Cardeais

Juntam-se estas quatro salas no mesmo ponto pelo simples motivo de que a azulejaria que nelas aparece é toda idêntica, diferenciada apenas nos motivos decorativos. Pertencentes à época joanina, as três salas possuem silhares de azulejos de grande vulgaridade, cujo centro de interesse, contudo, assenta na diversidade dos temas da decoração de cada uma das salas.

Designada por *Sala de D. Miguel* (Fig.51), é, tal como as outras, uma sala muito simples, mantendo o evidente bom gosto. A decoração azulejar possui a moldura típica das outras salas. Sobressaindo, como principal ornato, as albarradas, a vegetação, e as grinaldas de flores, muito em voga na época joanina (Fig.52). E daí o nome, uma impressionante e vasta colecção de retratos de D. Miguel ajuda na decoração. É a prova mais que certa de que terá existido um Correio-Mor miguelista e que, então, conseguiu reunir uma boa colecção iconográfica do rei absolutista.

No compartimento seguinte, a *Sala dos Painéis Octogonais* (Fig.53), há uma decoração azulejar muito repetitiva de albarradas, com pequenos *putti*, cabecinhas aladas e vasos floridos (Fig.54), feitos em série, e um tecto com oito telas de madeira pintada formando um octógono, em que as pinturas se centram em cenas típicas do século XIX, portanto já na época do Romantismo: observam-se cenas de trabalho no mar, de passeio, de

⁷⁴ Correia, «Palácios, ...», *Oceanos...*, pág. 184.

O programa azulejar do Palácio do Correio-Mor, em Loures

caçadas, com a particularidade de haver sempre na praia um forte como que se estivesse a proteger as figuras que por ali andam. Este pormenor faz com que o requinte das imagens de temas românticos, típicos do século em questão, sejam particularmente interessantes e adequadas à zona da casa em que se encontram (saída da sacristia).

Na Sala dos Cardeais (Fig.55), a decoração não diverge muito da anterior. As albarradas e os *putti* em série continuam a ser o tema azulejar, com o pormenor interessante de nestes painéis aparecerem golfinhos (Fig.56).

Por fim, na *Sala dos Apóstolos* (Fig.57), intitulada desta forma, devido aos dois quadros de apóstolos que ali se encontram, a decoração dos azulejos é igual à das salas anteriores, aparecendo as já famosas albarradas, com vasos de flores, e as grinaldas floridas (Fig.58).

2.3 Sacristia

Esta dependência (Fig.59), que precede a capela, é de tamanho considerável, se tivermos em conta que a capela é muito pequena para a casa. É na sacristia que se encontra um dos poucos mobiliários originais do palácio utilizado pelo capelão da casa. Possui ainda, o armário primitivo onde as vestes sacerdotais incólumes, estão guardadas.

Nesta sala encontram-se dois quadros que serão de *Seiscentos*, um alusivo a *Nossa Senhora da Misericórdia* (Fig.60), em que os anjos seguram o seu bondoso manto, abrindo-o para proteger os homens; e outro que é a representação da *Última Ceia*. Facto curioso é estar Judas pintado de forma a que seja o único que não está a olhar para a acção, antes virado para sair da cena.

Quanto à sala em si, o tecto é de madeira pintada com fingimentos marmóreos e a forma é de masseira. Tal como as salas anteriores, a sacristia tem a engalaná-la azulejos da época joanina fabricados em série, com albarradas (Fig.61), vasos floridos e outros ornatos bem adaptados aos espaços. Uma curiosidade desta sala é o lavatório (Fig.62) do capelão que se encontra suspenso na parede e que confronta o móvel que tem a forma de uma concha em mármore.

O programa azulejar do Palácio do Correio-Mor, em Loures

2.4 Cozinha

“É a cozinha uma das divisões mais interessantes do palácio, pelo original e rico revestimento azulejar, de cerca 1750”⁷⁵.

Sendo uma das divisões mais ricas da casa, a cozinha, (Fig.63) para além de ser bastante ampla, espelha a posição abastada dos proprietários e, prova disso, são os significativos silhares azulejares:

“À entrada, sobre a esquerda, abre-se a grande cozinha, curiosa pela sua decoração de azulejos do século XVIII, que figuram peças de caça, peixe, carne penduradas nas paredes e ainda dois grandes painéis que representam também interiores de cozinhas”⁷⁶.

Quando nela se entra, o olhar do visitante pasma-se na sua ampla envergadura, na enorme chaminé, na grande mesa de mármore, com pias para se lavar a loiça (Fig.64), com depósitos de água e, como não podia deixar de ser, nos azulejos (Fig.65, 66 e 67). A encimar a grande chaminé, encontramos um enorme painel azulejar em azul e branco, com uma moldura ondulada que é uma perfeita moldura barroca joanina (Fig.68 e 69). As figuras representam os preparativos e a confecção de uma refeição para um festim, por cozinheiros e respectivos ajudantes. Com esta imagem não nos é difícil viajar no tempo e imaginar o corrupio constante que se vivia nesta cozinha que, para além de ser faustosa, seria farta em alimentos. Desta feita, é de relevar o enquadramento da imagem, o enfoque que se confere às colunas já neoclássicas (remetendo-nos já para a segunda parte do século XVIII); também é curioso o detalhe focado pelo artista ao colocar, na imagem, os ratinhos a comerem as sobras caídas, conseguindo, assim, transmitir a veracidade e o realismo da cena. A ladear este belo e emblemático painel, estão duas peças de caça (Fig.70 e 71):

⁷⁵ Tamagnini, “O Palácio ...”, pág. 107.

⁷⁶ Azevedo, Monumentos e Edifícios... , pág. 20.

O programa azulejar do Palácio do Correio-Mor, em Loures

“um boi e um veado, em azulejos recortados, estão pendurados como à espera de ser esquartejados”⁷⁷.

Por cima da porta, encontramos outro painel, de menores dimensões, possuindo também uma moldura, todavia no estilo *rocaille* (Fig.72). A imagem nele inserida transmite uma cena da matança do porco. Tal como no painel que se encontra por cima da chaminé, encontramos aqui a ladear este pequeno silhar, várias figuras como coelhos, presuntos, aves, etc., (Fig.73, 74 e 75), também elas recortadas, permitindo perceber que as peças estão realmente penduradas na parede. A curiosidade maior vai para o detalhe minucioso como estas peças foram pintadas, de modo a dar relevo, criando assim uma ilusão (*tromp d`oeil*). No resto das paredes da cozinha, podemos focar que:

“Toda ela está revestida numa altura de 16 azulejos, com azulejos de figura avulsa(...). Na parte inferior das paredes e como estivessem pendurados, há muitas peças de caça, perdizes, coelhos, chouriços e presuntos, tudo pintado no azulejo a cor manganês”⁷⁸.

2.5 Sala das Quatro Estações

É através da Sala das Quatro Estações (Fig.76) que entramos no corpo Central do palácio, local que permite que as duas alas das extremidades se unam. É a partir desta sala que se começa a perceber a grande importância, a grande riqueza e a grande monumentalidade desta residência. Esta sala, e outras que se seguirão, chegaram até aos nossos dias em excelentes condições de conservação, embora tenham sofrido algumas intervenções durante o século XIX. Aqui, na *Sala das Quatro Estações*, encontramos o azulejo azul e branco de um rococó inicial. Aliás, uma denominação advém justamente dos seus quatro painéis de azulejos que a decoram, datadas de 1755 e alusivos às quatro estações do ano. Note-se, ainda, que são painéis azulejares no palácio que possuem legendas, neste caso alusivas a cada uma das estações do ano.

⁷⁷ Gil, *Os mais ...*, pág. 108.

⁷⁸ Simões, *Azulejaria ...*, pág. 295.

O programa azulejar do Palácio do Correio-Mor, em Loures

Possui um tecto em estuque bem trabalhado, de cunho mais regionalista. Aparecem nele quatro medalhões, um em cada canto, que representam o brasão das armas dadas por Filipe II, de Portugal, a Luís Gomes de Elvas Coronel, em 1606, o quinto Correio-Mor oficial do Reino (Fig.77). Os silhares azulejares são de dez azulejos em painéis de cabeceira lisos, com cercaduras idênticas. Em cada painel, e através de motivos rococós, estão representadas situações, cenas de paisagem quotidianas relacionadas com cada uma das estações do ano, sendo muito mais elaborados do que o mesmo tema representado nos azulejos que se encontram no corpo norte do palácio. Estes têm paisagens, misturando-se os trabalhos campestres exercidos durante as respectivas estações. Vê-se também neles a camada de verniz que foi colocado para proteger os painéis, escurecidas com o tempo, colocando um tom amarelado nas zonas que muito alvas eram. J.M. Santos Simões, na sua obra *Artistas da Azulejaria Portuguesa do Séc. XVIII*, dá maior enfoque ao painel referente à *Estação do Verão* (Fig.78). Havendo em cada painel cenas características de cada estação, sendo a do *Estio* é muito curiosa: tosquia, ceifa e um grupo que prepara uma merenda (Fig.79, 80 e 81). Não menos curiosos são os outros painéis: o silhar que representa o *Inverno* (Fig.82) traduz-se sob a forma de trabalhadores do campo, a carregarem talvez palha, feno e, mais à frente, encontra-se outra cena figurando a matança do porco (Fig.83, 84 e 85). O *Outono* (Fig.86) é representado, como não poderia deixar de ser, pelas vindimas. Não faltam as pipas carregadas de uvas para serem levadas para o tratamento que as transforma no precioso néctar vinícola. Mais à frente vemos um cão e uma mulher do campo com um cesto ou balde de castanhas ou talvez de azeitonas para a extracção de azeite. Infelizmente, o painel referente à *Primavera* (Fig.87) está parcialmente encoberto por um enorme móvel (Fig.88) podendo, apenas, deduzir-se o que representa através do espaço visível entre as pernas grossas e douradas do dito móvel. Ainda assim, foi possível encontrar uma fotografia na página oficial da DGMN⁷⁹, deste painel, em que se figura mais uma cena campestre. Todavia a resolução não permite tirar grandes conclusões.

As janelas estão também embelezadas com alguns azulejos e retratam as estações. Na parede do lado direito da janela encontramos um homem de barbas, tendo nos braços um vasilhame com fogo, a representar o *Inverno*; possuindo uma moldura de rocaille cerrado, e ao centro e por baixo da janela, retrata-se a *Primavera* junto a um casal com dois filhos. No

⁷⁹ www.igespar.pt

O programa azulejar do Palácio do Correio-Mor, em Loures

lado esquerdo, vemos representada uma mulher a carregar lenha ou feno. Atrás dela vê-se a casa nobre que está envolta numa moldura rococó (Fig.89, 90 e 91).

2.6 Sala dos Troféus

A Sala dos Troféus (Fig.92), condiz muito com a Sala da Música. Azulejos e tecto, do mesmo estilo e gosto, saídas presumivelmente das mesmas mãos, configuram-se mais felizes e de maior notoriedade, pois o tecto tem uma liberdade, soltura e fantasia que a outra sala não tem, devido, principalmente, aos motivos decorativos que nascem dos cantos e que depois se espalham pelo resto do tecto, transmitindo e aguçando o sentido da visão. Ao centro, a decoração afirma-se através das cenas mitológicas (Fig.93) que se fazem acompanhar por *putti* e pela *Fama*, que, envoltos numa representação cenográfica, entre troféus e motivos vegetalistas, harmoniza todo o tecto.

Há alguns anos atrás, os responsáveis pelo Palácio do Correio-Mor decidiram colocar uma luz escondida para fazer sobressair o maravilhoso estuque. Infelizmente, houve um curto-circuito e o tecto sofreu danos, que, todavia, não chegaram a destruir a belíssima obra produzida:

“Silhar de 10 de alto com painéis ornamentais de cerca de 1770-90. Os painéis estão muito bem conservados e as suas tonalidades são o amarelo, azul, verde e roxo, em tons um pouco acentuados”⁸⁰.

São justamente os painéis de azulejos que estão nesta sala, que o especialista Santos Simões descreveu como:

“(...) seis painéis ornamentais policromos representativos de uma fabricação excepcionalmente cuidada”⁸¹.

⁸⁰ Simões, *Azulejaria ...*, pág.

⁸¹ Tamagnini, “O Palácio ...”, pág. 108.

O programa azulejar do Palácio do Correio-Mor, em Loures

Tendo sido já catalogados como as jóias da azulejaria portuguesa do século XVIII pelo historiador em azulejaria deste século Professor José Meco, estes painéis sustentam o que de mais fino e elaborado existe no palácio(Fig.94). Não encontramos na sua decoração quaisquer figuras: têm figura motivos rococós iniciais ainda mais explícitos que na *Sala da Música*, com os concheados das cercaduras mais desenvolvidas. Têm figuradas asas de morcegos e morceguinhos a esvoaçarem por cima de faixas amarelas. A finura destes motivos, a fantasia, os elementos vegetalistas, as grinaldas, os vasos, os ramos, as flores, as palmetas, os enigmáticos dragões e os pássaros, todos eles em contínuo movimento, fazem com que a decoração não estática, dê uma sensação de frescura e companhia para quem escolhe esta sala para receber visitas:

*“ Os silhares da Sala dos Troféus desenvolvem uma gramática formal diferente: perde-se o interesse figurativo, que dominou a azulejaria da primeira metade do século XVIII; joga-se agora com a linearidade, o ritmo e outros valores abstractos”*⁸².

Concheados tratados de forma livre, muito livre, belíssimos apontamentos de cor, manchas azuis nas flores, amarelos no meio dos roxos, folhas que são verdes com apontamentos de azul, tudo isto mostra uma sensibilidade à cor e um requinte excepcionais, sem qualquer tipo de figuração, não influencia a qualidade dos azulejos, não obstante haver conjuntos figurativos extraordinários também com esta ornamentação, como é o caso da sala similar a esta.

Na época do Rococó, o marmoreado assume proporções tais que quase o vulgarizam. Não se estranha, por isso, encontrarmos aqui, embora afirmando-se de modo ligeiro, marmoreados fingidos, em composições a semelharem almofadados. Entre os desenhos descortináveis, destaca-se uma fonte, de cores azuis e roxas, emoldurada por pequenas *cariátides* (Fig.95) - cabeças femininas - e alguns concheados. De notar que estes painéis foram restaurados e que o verniz, teria a função de os proteger. Sendo, inicialmente, de fundo branco e cores vivas, o tempo e o envelhecimento do verniz do restauro, transmitiram-lhe tons caramelizados. Em todas as paredes, pilastras e aventais, vemos ramagens fantásticas, de um

⁸² Palácio do Correio-Mor”, Pereira, *Dicionário da Arte Barroca ...*, pág. 137.

O programa azulejar do Palácio do Correio-Mor, em Loures

primor e jeito artístico únicos. Temos aqui no palácio amostras azulejares representativas da melhor qualidade de que já produziu em Portugal e mesmo na Europa. Na verdade, esta liberdade de formas não se encontra em qualquer outro país da Europa, além, do nosso país, pois nenhum conseguiu, nos vários séculos, produzir azulejos tão requintadamente belos e perfeitos, principalmente no século XVIII.

2.7 Sala Central

“Uma equilibrada porta de cantaria abre para a Sala Central. Esta, tem interessantes azulejos, azuis e brancos, recortados, datáveis de 1760 e muito originais por representarem, em paralelo, as idades do homem e as fases de um navio (a história dos azulejos começa na parede direita de quando entramos)”⁸³.

Esta é a sala (Fig.96) que serve de “entrada” para toda a casa e que é completamente diferente das duas salas anteriores e das outras a seguir, embora seja também da mesma fase. Ao contrário das demais, o tecto, em vez de ser de estuque, é forrado de madeira pintada.

Além disso, os azulejos têm motivos *regência*: cartelas com cabecinhas aladas e palmetas na cabeça, um motivo ornamental totalmente típico *regência* (Fig.97). Também tem urnas a encimar os silhares configuradas totalmente em rococós assimétricas. São painéis com a sua graça e são os únicos azulejos do palácio que são recortados por cima e recortados com muita altura. Parece que transmitem imponência por estarem tão em evidência e demarcados em duas ou três partes, ou seja, reparados por mísulas que marcam a divisão através da arquitectura ou da natureza que as próprias cenas proporcionam.

A iconografia destes silhares azulejares que se encontram nesta Sala Central é bastante complexa, pois não se sabe ao certo a mensagem que quer transmitir. A leitura possível que se consegue fazer é a de que contam duas histórias em paralelo: uma relativamente a uma família e outra que concerne a construção de um barco (Fig.98). São azuis e brancos, com recortes muito acentuados como já foi referido, e têm uma linguagem

⁸³ Tamagnini, “O Palácio ...”, pág. 108.

O programa azulejar do Palácio do Correio-Mor, em Loures

muito estranha, havendo alguns desenhos de não boa qualidade, sejam rostos muito mal retratados, possuam embora uma expressão extraordinária.

Terá sido Domingos de Almeida⁸⁴, muito provavelmente, o seu autor..

As molduras dos silhares concentram-se em sanefas teatrais, elementos joaninos, mostrando aqui aparecem pormenores de rococó/regência, que, aliados à fantasia retratada nos desenhos, conferem ao conjunto um valor extraordinário.

Encontramos ainda nesta sala um painel de referência, que, do ponto de vista iconográfico, tem um interesse muito particular. Trata-se de uma alegoria (Fig.99), personificação de uma entidade abstracta, que, neste caso, sendo a representação das estações do ano, se relaciona com as quatro idades do homem. Começa pela criança, em que tudo está ainda para acontecer, que segura nas mãos uma cornucópia com flores, o símbolo da abundância, e, assim, por extensão representa. A seguir, deparamo-nos com a *Juventude*, um mancebo de 25 anos, pleno de vigor, tendo como símbolos a representar o *Verão*, uma foice e trigo segado. Entra-se na idade madura, representada por um homem já maduro, com barba, que prova que já tem experiência de vida e que se faz representar com uvas nas mãos e uma coroa na cabeça com os mesmos frutos, interpretando, desta forma a estação do *Outono*. Finalmente, a *Velhice*. Está representada por um idoso com longas barbas grisalhas, com falta de cabelo, envergando um hábito de monge e um cajado, carregando o lume da vida numa das mãos. É a chegada do *Inverno da Vida*, em que a chama/vida se pode apagar a qualquer momento.

Este tipo de alegorias está quase sempre representada nas casas nobres, sendo algo ligado à cultura visual da época. Ainda assim, não é comum encontrarmos um painel em que figurem as quatro fases da vida do homem, mas sim apenas três: um jovem sem barba, outro com barba, e o último sempre muito mais velho. A fase da *Primavera*/ criança é raro aparecer, o que faz com que este painel seja muito precioso e singular. Este tipo de representação advém da antiguidade clássica, que vai sendo adaptada às várias épocas e culturas visuais, e, especialmente, aos vários modos de pensar e de viver a emoção do mundo que rodeia as pessoas e os contextos em que decorrem, significando, assim, que a alegoria ali presente não é de todo recorrente. Curiosamente, neste mesmo painel, mas noutra cena, observamos a

⁸⁴ Este terá sido contratado para recuperar os azulejos perdidos de uma abóbada, na Igreja de São Francisco de Faro e estes painéis possuem algo de idêntico que leva a acreditar que tenha sido ele o criativo destes painéis.

O programa azulejar do Palácio do Correio-Mor, em Loures

apresentação duma caçada ao javali, o que faz com que não se vislumbre ali nem grande sentido histórico e nem linear.

No restante da sala, encontramos, noutra parede, cenas familiares, com crianças a brincar com as aias, com carrinhos, brinquedos vários, e, mais uma vez, uma cena em que se assiste a uma missa campal com um barco a ser construído. Numa terceira parede, vemos cenas colegiais: uma aula num colégio (Fig.100), que poderá ser jesuíta, pois a cena retrata o que poderão ser as salas de aulas da Universidade de Évora com a Cátedra, com o mestre a falar e os alunos na ponta da sala, local onde se sentavam, uma cena de uma aula de representações artísticas, designadamente aulas de pintura e escultura, e, uma vez mais, uma cena que em nada relaciona as cenas anteriores, pois aparece um cais, uma fortaleza com um regimento militar, em que por trás deles, mais uma vez aparece um barco a ser construído. Existe, assim, uma narração nestes painéis, mas dificilmente se irá chegar a uma conclusão. Noutra parede, assistimos a um casamento, em que as personagens aparecem todas muito bem engalanadas. Na cena a seguir assistimos talvez a uma bênção religiosa ou talvez a entrada de um fidalgo para uma ordem religiosa, visto que é composta por clérigos e nobres. Em paralelo, mas noutra parede, temos retratada uma única cena e relacionada com a vida náutica, em que vemos galeões no mar e pequenos barcos mais próximos da costa.

Esta sala é uma das dependências da casa que, para além de servir para acolher as visitas e de as conduzir para a sala mais apropriada, é a mais enigmática, devido às representações aqui colocadas.

2.8 Sala do Brasão

O estudo das salas deste palácio não estaria completo se não fosse também focada a Sala do Brasão (Fig.101). Desprovida de qualquer tipo de azulejaria nem por isso é menos importante. Ao chegar-se à parte traseira do palácio, vemos que a construção que ali está feita data já dos anos iniciais do século XX, sendo que até à data referida, a entrada se fazia lateralmente na habitação. Tendo sido rasgada a parede traseira e acrescentado uma escadaria fora do comum, esta abre-se para o jardim e para o extenso pomar que o empreendimento comportava (Fig.102).

O programa azulejar do Palácio do Correio-Mor, em Loures

De boa extensão, com um bom pé direito e uma iluminação fantástica, foi terminada pelo último Correio-Mor do Reino e das Cartas Além Mar, primeiro Conde de Penafiel, Manuel José Sousa Coutinho, já no século XIX. Pensa-se que o tecto terá sido pintado por volta dos anos 30 ou 40 século XIX, apesar da decoração ser totalmente Rococó. Neste brasão (Fig.103), constam, portanto, as armas que lhe foram atribuídas, já nos finais do século XVIII. Quanto à sala em si, detém um arranjo bastante moderno, reflexo do chão aplicado nos anos 60 do século XX, bem como do recheio da sala, adquirido por essa altura. A sala tem quatro espelhos, cujos panos têm molduras pintadas, do estilo rococó (Fig.104 e 105) com pinturas de muito requinte, a fazerem lembrar a talha dourada que se encontra no Mosteiro de Tibães, em Braga. Caso se venha a concluir ser isto verdade, tal não será de espantar, visto o Correio-Mor ter posses para fazer uma encomenda desta envergadura relativamente a estes exemplares oriundos do norte do país, o local de melhor casta relativamente ao trabalho da talha. E não nos podemos esquecermos, também, de que era Conde de Penafiel.

É aqui, nesta enorme sala, que se encontram outros dois louceiros (Fig.106 e 107):

“Subindo três degraus, vemos, de um lado e outro, uma prateleira, mostruário de peças de prata, louça, etc., e, em frente, a porta, agora rasgada, dá acesso aos jardins”⁸⁵.

2.9 Sala da Música

A *Sala da Música* (Fig.108), paralelamente com a *Sala dos Troféus*, é uma das que têm o tecto mais espectacular do palácio. Uma e outra são paralelas à *Sala Central*. Os tectos (Fig.109) têm sido atribuídos a *João Rossi*⁸⁶. Tendo esta sala muito em comum com a *Sala dos Troféus*, não será errado afirmar que, sendo os estuques muito parecidos, terão elas pertencido à mesma campanha de obras, pertencendo-lhes os mais brilhantes e sugestivos

⁸⁵ Tamagnini, “O Palácio ...”, pág. 108.

⁸⁶ Foi um grande escultor milanês, que por cá andou nos anos 40 do século XVIII. Este artista desenvolveu esta arte a par com outros e foi para ele que o Marquês de Pombal criou uma oficina de estuques no complexo das Amoreiras, em 1764, que foi depois extinta com a queda do mesmo. Este *João Rossi* teve um papel extraordinário, porque pouco antes do terramoto, desenvolveu toda uma série destes tectos que depois do terramoto continuou a utilizar nas grandes igrejas.

O programa azulejar do Palácio do Correio-Mor, em Loures

tectos em estuque deste palácio. Este material, o estuque, veio substituir materiais anteriores e era o apropriado para prédios pombalinos, cuja estrutura era de gaiola de madeira. Teve uma grande difusão neste período, encontrando-se aqui o que de melhor se conseguiu fazer em estuque. A nível decorativo, já se nota o rococó a aparecer em força, baseado no gosto francês. Na verdade, foi a França quem deu um grande contributo ao início do Rococó. Não se pode, todavia, olvidar o Centro Europeu - com a Áustria, a Boémia, principalmente, Habsburgo (Fig.110) cujas contribuições para o estilo foi assaz elevada, incontestavelmente as zonas europeias onde se produziam as gravuras mais fantasiosas do rococó, que, por sua vez, também inspiraram os azulejos a tornarem-se mais exuberantes:

“Os tectos de quatro salas no andar nobre – Sala da Fama, Música, Troféus e Estações – apresentam uma esplêndida decoração em estuques rocaille, datáveis do Reinado de D. José e, dos melhores exemplares do género em edifício civil português”⁸⁷.

Estão representados no tecto variadíssimos instrumentos musicais, muitos *putti*, concheados, as grinaldas, os medalhões nos cantos (Fig.111), formando assim um excepcional exemplar de um tecto em estuque rococó.

Tal como na sala anterior, também esta tem a decorar as sobreportas belos painéis pintados:

“Como era habitual, as dez pinturas de sobreportas são inspiradas em gravuras holandesas, datando sensivelmente da mesma época, cerca de 1755, das referidas peças decorativas desta sala, os belos painéis de azulejo policromos”⁸⁸.

Quanto aos azulejos, tanto os desta sala como os azulejos da *Sala dos Troféus* são realmente conjuntos dos mais notáveis desta habitação, vendo-se claramente que pertencem à mesma oficina e ao mesmo artista, e, sem dúvida alguma, pertencentes ao período pré-

⁸⁷ Barroco em ..., pág. 3.

⁸⁸ Barroco em ..., pág. 5.

O programa azulejar do Palácio do Correio-Mor, em Loures

terramoto. A nível decorativo, encontramos uns medalhõezinhos azuis (Fig.112) no centro dos painéis, muito interessantes, com motivos musicais, motivos de caça, e motivos de lazer, entre outros, com concheados rococó que aparecem aqui em força: tanto a já conhecida asa de morcego, como os três elementos de espécie de dragões, espalhados com as asas abertas, ou seja, há neles uma elegância na expressividade das formas. As cores são vibrantes: o azul, o amarelo, o verde e o roxo, produzem uma bem conseguida fantasia cromática. Como esta sala é composta por paredes e colunas de tamanhos diferentes, os motivos decorativos aplicam-se na perfeição, pois não há o problema do artista ter de improvisar para o desenho ficar bem colocado. Como decoração numa das paredes, encontramos uma pluma encimada por uma cabecinha (Fig.113), e o resto da decoração parece vegetação, motivos condensados que preenchem com muita harmonia os variados painéis, revelando uma forma extremamente hábil de decoração. Percebe-se um gosto e um profissionalismo à altura do trabalho final.

2.10 Sala da Fama

Intitulada como a *Sala da Fama* (Fig.114), devido à pintura central que sustem no tecto envolta de um belíssimo estuque, podemos sentir a sua imponência face à relação entre tecto e azulejos. Apesar do tecto de estuque ser trabalhado, não é dos mais interessantes da casa, mas, mesmo assim, é um excelente elemento decorativo, já que tendo como mote a *Fama* (Fig.115) a centralizar a atenção do mesmo - que é já uma representação muito corriqueira nos finais do século XVIII e inícios do século XIX - é composto por mais quatro figuras, uma em cada um dos quatro cantos do tecto, pois era comum que:

“(...) para vários casos e consoante o número de painéis necessários para uma unidade decorativa, adopta-se imaginária convencional(...) QUATRO: As partes do Mundo: Europa, Ásia, África e Américas; as Estações: Estio, Primavera, Outono e Inverno; os Elementos: Ar,, Terra, Agua e Fogo; os Evangelhos: S. João, S. Mateus, S. Marcos e S. Lucas”⁸⁹.

⁸⁹ Simões, *Azulejaria ...*, pp.43 - 44.

O programa azulejar do Palácio do Correio-Mor, em Loures

No caso desta sala, optou-se por representar os quatro continentes conhecidos à época. É, também a partir desta divisão que nos deparamos com a grande obra da fase rococó inicial que datam entre os anos 1745 e 1755. Exemplo disso são as pinturas que se encontram nas sobreportas, inspiradas em gravuras holandesas em que existem motivos marinhos, que, sem dúvida alguma, são um acrescento do século mencionado, tal como o é próprio tecto, cujas pinturas embora não se precise se serão contemporâneas do estuque ali presente, podemos afirmar que são pinturas já tardias. Mesmo que tenha havido algumas intervenções pós-terramoto ou estragos, pelo estilo aqui representado, deduzimos, em definitivo ser da fase inicial do rococó, uma fase na história da azulejaria que, até há pouco tempo estava mal estudada, pois havia poucas balizas seguras. Aliás, este azulejo mais elaborado foi considerado em tempos como fabrico da *Fábrica do Rato*, mas é seguramente anterior ao *Grande Terramoto de 1755*.

Estamos perante uma fase extraordinária na arte portuguesa, nomeadamente no que toca a azulejaria, em que os cinco anos que antecederam o terramoto foram muito sumptuosos:

“ Dos novos reis – D. José I e D. Mariana Vitória -, pode afirmar-se que eram grandes amantes da ópera, proibida na corte nos últimos anos do reinado de D. João V, e, entre outras coisas, que tinham uma notória antipatia pela patriarcal, obra maior do rei defunto. Queriam virar uma pagina. O verdadeiro centro da actividade régia nos primeiros tempos do reinado de D. José foi, na verdade, a construção da Casa da Ópera ou Ópera do Tejo (situada no local onde depois viria a estar o Arsenal da Marinha, perto do Terreiro do Paço). Com planta do arquitecto italiano Giovanni Carlo Sicinio Galli Bibiena, teve uma inauguração espectacular, a 31 de Março de 1755, com alguns dos melhores cantores e músicos da época. Pouco durou a nova e sumptuosa construção”⁹⁰.

⁹⁰ Rui Ramos, *Historia de Portugal*, A Esfera dos Livros, 6ª Edição, 2010, pág. 360.

O programa azulejar do Palácio do Correio-Mor, em Loures

O período logo após o terramoto fez com que o rococó se fizesse representar de uma forma mais sublime. Neste período, toda a construção necessária passou por novas mudanças e as artes decorativas foram um bom reflexo dessa transformação. Surge um novo projecto arquitectónico para ser posto em pratica massivamente pela cidade lisboeta. O responsável, Marquês de Pombal, não deixou nada ao acaso, e com esta nova construção baseada na racionalidade e sobriedade, aliada a materiais utilizados em série, fomenta-se a oportunidade para a utilização do azulejo e do estuque. Mas não se pense que era uma arte rica, pois o rococó pós-terramoto é mais moderado e consumido em série, revelando ser o oposto à fase anterior, a joanina:

“Entre as duas praças, do Rossio e do Terreiro do Paço, foram traçadas ruas largas, de malha octogonal, com edificações uniformes de quatro pisos, que incorporavam diversos dispositivos de resistência a abalos sísmicos, designadamente, o celebre sistema de «gaiola». Adoptado na construção de paredes”⁹¹.

Assim sendo, é para essa fase anterior que esta sala nos remete. Segundo foi apurado, o responsável pela beleza dos azulejos desta sala e das outras, com a excepção da Sala Central, será Valentim de Almeida⁹², Este era um pintor que trabalhava desde os vinte anos e que era um artista um pouco duro, grosseiro até na maneira de conceber as cenas. Detinha um gosto à romana. Usufruindo do Barroco Clássico, que tratava de uma forma desgraciosa, adopta a linguagem Rococó. Com ela, parece que se liberta, que se solta, passando assim a produzir trabalhos fantásticos, com uma finura e delicadeza completamente extraordinárias. Talvez devido a isso, diz-se que terá sido ele o responsável pelos painéis desta sala.

⁹¹ Ramos, *Historia de Portugal*, pág. 365.

⁹² O segundo quartel do século XVIII é o período melhor conhecido da extensa carreira do pintor Valentim de Almeida, com intervenção documentada em importantes conjuntos do Barroco Joanino, como os painéis da Sé do Porto (1729-1731), e da transição para a azulejaria Rococó, com a encomenda para a Quinta de Nossa Senhora da Piedade (1747-1752), dos Condes de Vila Nova de Portimão, em Vila Franca de Xira. Em Évora, podem-se atribuir à sua oficina o conjunto de silhares figurativos para as aulas do Colégio do Espírito Santo (1744-1746). Na representação de São Miguel, como príncipe militar, intervindo pelas almas no dia do Julgamento Final, é patente a agilidade expressiva e um certo descompromisso com as formas, originando uma pintura rarefeita, numa das marcas mais características dos trabalhos da oficina do pintor lisboeta.

O programa azulejar do Palácio do Correio-Mor, em Loures

Aqui encontramos o início dos azuis: o centro é mais claro do que o azul das molduras bem mais carregado. Mesmo assim, ainda não é muito nítido esse apontamento. Quanto à decoração em si no azulejo, temos bem presente a libertação: as formas começam a soltar-se e os recortes avançam para o centro do painel ganhando assim uma fluidez muito interessante. Estes motivos ainda não se podem considerar totalmente rococós, o que nos remete, desde logo, para uma fase transitória chamada *Estilo de Regência*⁹³.

Aqui, nesta sala, a decoração possui fitas cruzadas, florões, palmetas, toda uma série de elementos que eram muito usados ainda no final do reinado de Luís XIV, principalmente por *Jean Bérain*⁹⁴. Estamos, portanto, perante o estilo que vai abrir a porta ao rococó propriamente dito, fazendo subtilmente a transição de um estilo para o outro. Nestes painéis está bem visível uma característica do rococó, o motivo decorativo chamado asa de morcego. A asa de morcego, que surge em força na fase inicial do rococó, integra-se sempre no período pré ou ante-terramoto. As molduras fazem com que estejamos perante uma fase muito imaginativa, em que existe uma fantasia decorativa imensa e uma liberdade de formas muito notável a envolver os temas dos desenhos.

Existem dois painéis muito curiosos, que são as vistas de Lisboa antes do Grande Terramoto, certamente baseadas em gravuras e não feitas ao natural, pois, na época, os artistas, para pintar painéis de azulejos, baseavam-se em gravuras, e, muitas delas sobre Lisboa eram mais imaginadas que reais. De notar, todavia, que ao artista e ao encomendante interessava bem mais a beleza do cenário que a realidade a reproduzir. Os dois painéis são, mesmo assim, dois documentos históricos preciosos pois num deles está o Torreão do Paço da Ribeira e, ao lado, o Palácio dos Côrte-Real (Fig.116). Percebe-se, todavia, que a cena não é totalmente verdadeira pela falta de habitações que à época, aquela zona deveria ter: a encosta de São Francisco não tem casas e deveria ser enxameado delas, aparecendo apenas o Convento de São Francisco no alto da colina, ou seja, fizeram questão de retratar as moradas mais importantes e decidiram eliminar as do povo. Sendo este painel um documento raro, a nível artístico tem algumas falhas. A que mais ressalta à vista é a forma desajustada em que se

⁹³Esta fase foi assim denominada, porque se deu no período de regência de França, durante a menoridade de Luís XV, tendo sido uma fase que depois nos anos seguintes se espalhou pela Europa. Trata-se de um estilo ornamental de grande elegância.

⁹⁴Jean Bérain, foi decorador e que vai dar este gosto de transição, o que nas Artes Decorativas tem uma grande individualidade, aparecendo combinado com o barroco anterior com o rococó que vem a seguir.

O programa azulejar do Palácio do Correio-Mor, em Loures

enquadra. O desenho está alongado, com uma escala errada que não resulta muito bem, mas, ainda assim, é um bom painel. No outro painel, que retrata com relevância a Torre de Belém, também se vê o Bugio e o forte de São Julião da Barra, em Oeiras (Fig.117). Tal em relação ao painel anterior, o desenho está desajustado m relação à parede onde se encontra, e faz com que a Torre esteja desenhada de forma tosca, parecendo revelar que os artistas terão sentido necessidade em mexer no enquadramento dos painéis. Não há dúvidas de que as gravuras foram desenhadas antes do terramoto e os azulejos também.

Os outros silhares azulejares que se encontram nesta sala, já nada têm a ver com paisagens de Lisboa, mas sim com o quotidiano marítimo. Um, apresenta-nos a representação de uma cidade fluvial com o seu respectivo cais, sendo, muito provavelmente, uma cidade fictícia ou uma cidade baseada numa gravura ou imagem, uma urbe de uma singularidade notável devido à sua dimensão e desenvolvimento no que toca à integração paisagística. Outro painel, mas com o mesmo tema, contém uma paisagem urbana com barcos e marinheiros. Há, todavia, menos cidade, dando a entender que os artistas pegaram em diversas gravuras pequenas e as aproveitaram para completar o que necessitava de ser completado. Ou seja, este painel pode muito bem ser uma composição alusiva ao registo da relação comercial entre Lisboa e o exterior⁹⁵.

2.11 Salas sem designação na zona Norte do Palácio

Ao entrarmos no corpo do palácio que se encontra a Norte e ascendermos ao piso nobre, deparamo-nos com um longo corredor que dá acesso a diversas divisões, que um dia já foram quartos, saletas, salas e uma biblioteca. Há, aqui, nestes cómodos uma sensação de bom gosto bem patente na decoração interior dos mesmos. Estamos na segunda metade do século XVIII e estas paredes para além de transmitirem uma mística tardo-barroca, contam uma história que talvez se possa *sentir*.

⁹⁵ Uma nota para estes azulejos e para muitos outros painéis que se encontram no palácio é o facto destes se encontrarem amarelados. Isto não acontece por acaso, mas sim por alguns restauradores terem colocado, por volta dos anos 60 do século XX, uma camada de verniz para os proteger. Erro crasso, pois a qualidade dos azulejos nunca se iria deteriorar, se se mantivesse a manutenção necessária de cuidados e de preservação. Esta camada só contribuiu para o amarelamento e nota-se muito no branco do azulejo.

O programa azulejar do Palácio do Correio-Mor, em Loures

É a única parte do palácio que não se encontra mobilada, e, por isso não há forma de descrever o que por ali havia, mas ainda assim, excita-se a mente através da sua decoração ornamental principal: os painéis azulejares:

“Azulejaria Rococó (desde cerca de 1735 até ao final do século, no qual está incluído o tempo pombalino) retoma a policromia, com predominância do amarelo suave, que coexiste com as formas barrocas. Tal como na pintura, este período é rico na representação de cenas galantes e nos motivos de inspiração naturalista: aves, grinaldas, conchas, etc. desta fase destaca-se a produção de fabricas nacionais como a Real Fabrica de Faianças do Rato, em Lisboa...)⁹⁶.

Neste lado Norte do palácio, encontram-se azulejos de uma fase já bastante adiantada do século XVIII, a rondar 1780, apanhando já um pouco o Reinado de D. José I. Tendo o primeiro Conde de Penafiel continuado as obras aqui no palácio, neste lado norte. São azulejos pombalinos tardios, um pouco já estereotipados, com um concheado retorcido e movimentado com as cores habituais da época, o amarelo combinado com o verde e o roxo, normalmente ligados com centros pintados a azul e branco. Nota-se que não se trata de uma azulejaria que sustenta a frescura das épocas anteriores, todavia é sempre muito decorativa, e oferecendo um efeito festivo muito grande, o que faz com que desempenhe o papel que lhe cumpre muito bem.

Ao ingressarmos na primeira sala, com um chão transitório e um tecto que não foi concluído, deparamo-nos com um adorno fantástico a ornamentar as paredes. São painéis de azulejos que retratam cenas ligadas com caçadas e isto acontece, porque:

“(...) o azulejador ou o seu cliente dispõem de abundante material impresso, servindo-se dos livros ilustrados que proliferam nos séculos XVII e XVIII, de estampas e gravuras avulsas, ou recorrem a pintores criadores, que fornecem os modelos. (...) poucos foram os pintores de azulejos que, de facto, criaram as suas pinturas.

⁹⁶ Andreia Vale Lourenço, *Azulejos Imaginários. Teoria e Prática do discurso expositivo*, Coimbra, FLUC, 2005, pág. 5 e 6.

O programa azulejar do Palácio do Correio-Mor, em Loures

Os azulejadores, cada vez mais familiarizados com o mercado vão, pouco a pouco, construindo o seu repertório de temas, guardando, de encomenda para encomenda, os «riscos» e «picados», que se utilizarão mais tarde, quando se possam adequar as idênticas exigências»⁹⁷.

Ou seja, o móbil porque se decoravam as paredes com estes motivos nesta época devia-se somente ao facto de os artistas ou os encomendantes irem *beber* a uma fonte de catálogos com gravuras e temas que depois eram empregadas neste tipo de edifícios ou casas nobres. Havia quase sempre uma sala com cenas inerentes a caçadas, cenas ligadas à música, cenas galantes, etc., que podiam ter que ver com a utilização das próprias salas ou também poderia não ter, visto que se colocavam este tipo de representações, por ser moda cada sala ter a sua decoração própria. Ou seja, devido à enorme concentração de desenhos e gravuras que existiam espalhadas por toda a Europa, estas eram utilizadas pelos artistas em larga escala. Em Portugal os artistas eram de grande qualidade, não tanto a criar composições originais, mas na adaptação dos mesmos aos diversos programas tratados:

“(...) do azulejo das Províncias Unidas da Holanda (finais do século XVII), a pureza dos materiais, o requinte do fabrico e a especialização dos pintores; da adopção e exploração das potencialidades expressivas da pintura azul, realizada com cobalto, através da qual abandona a procura do realismo fotográfico e cromático, o azulejo enriquece-se dramaticamente na obtenção de uma realidade estética, onde a mancha, a impressão ou a marca forte e acentuada das pinceladas se firmam com a pujança e valor plástico e autónomo; nas gravuras e livros impressos estrangeiros encontram os pintores as principais fontes de inspiração para a composição das variadíssimas figurações dos painéis; das varias carências económicas (nomeadamente as implicações do Terramoto de 1755) a concepção utilitária e pratica, como complemento do factor estético;

⁹⁷ Simões, *Azulejaria ...*, pág. 43.

O programa azulejar do Palácio do Correio-Mor, em Loures

*da moda neoclássica europeia, dos finais do século XVIII, a rarefação ornamental e a depuração dos motivos*⁹⁸.

Os artistas portugueses eram sem dúvida alguma capazes de inovar e inventar para que os painéis concordassem com as gravuras pretendidas. Assim, por exemplo, enquanto os artistas holandeses reproduziam uma gravura, seriada em grande escala e sempre nas mesmas medidas, proporções, etc., os artistas portugueses faziam o contrário. Não tinham qualquer tipo de pejo em modificar ou mesmo desmanchar a gravura toda, dando conformidade ao necessário. Se a gravura estivesse na vertical, eles colocavam-na na horizontal, se necessário esticando-a ou modificando-a compunham paisagens, ou seja, faziam de tudo para que o painel se integrasse bem no local para onde fora destinado, mesmo que tudo isto implicasse retalhar toda a gravura.

Os artistas portugueses detinham, assim, um sentido decorativo extraordinário. Conforme se observa nestes painéis, percebe-se que, as cenas pintadas tiveram de ser moldadas em conformidade com o tamanho das paredes. É notório que algumas cenas tiveram que ser alongadas e outras condensadas para se poderem adaptar ao espaço

A nível de artistas e oficinas estamos ante uma época em que identificá-las se torna tarefa muito difícil, salvo num ou outro caso. Estamos precisamente na época pombalina em que onde alguns mestres já provinham da fase anterior, mas que evoluíram no seu gosto artístico, o que faz com que seja difícil identificá-los:

*“Esses conjuntos multicolores, de estilo rococó, podem ver-se nas paredes exteriores do Palácio de Pombal, em Oeiras, datado de 1767, e na Sala das Mangas, do Palácio Real de Queluz, onde grandes cenas policromas foram pintadas por Francisco Jorge da Costa, em 1784”*⁹⁹.

Tal como muitas outras construções pós-terramoto, o palácio do Correio-Mor, possui azulejos idênticos aos de outras residências nobres com o mesmo gosto decorativo, mas, por vezes, não é a importância do conjunto decorativo de uma sala em si, mas sim, a importância

⁹⁸ Meco, “Exposição ...”, pág. 21.

⁹⁹ Hans Van Lemmen, *Azulejos na Arquitectura*, Caminho, Lisboa, 1994, tradução Paula Reis, pág. 83.

O programa azulejar do Palácio do Correio-Mor, em Loures

do conjunto de todas as salas que suporta toda uma decoração faustosa, dando um requinte e uma riqueza muito grande. Indo de sala para sala repara-se na composição, nos temas, nas cores, verifica-se que existe toda uma unidade de gosto coesa e muito grande, e é isso que é notável neste período. É uma arte que os artistas portugueses conseguiram desenvolver, com gosto e com uma criatividade extraordinária.

Sem sombra de dúvida, a azulejaria que se encontra no palácio do Correio-Mor é uma das grandes pérolas decorativas que se podem descobrir; mas seria injusto dizer que é a única, pois a casa comporta tectos com estuque rococó, alguns dos mais extraordinários da arte portuguesa, que conjuntamente com outros tectos de madeira pintada, e nem por isso com menos valor, são igualmente jóias artísticas.

Já na sala seguinte, deparamo-nos com painéis semelhantes aos da sala anterior, tendo, sido feitos certamente, pela mesma oficina. A decoração e a pintura são muito idênticas, embora nesta sala a decoração tenha um tema diferente. Aqui os motivos centralizam-se em cenas de cais, cenas marinhas, cenas de pescadores e espaços envolventes.

Na última sala, antes de se chegar ao quarto do Conde de Penafiel, defrontamo-nos com quatro painéis alusivos às *Quatro Estações do Ano*. Embora o palácio tenha uma sala com essa designação e com azulejos mais antigos e muito mais ricos a nível artístico, vemos aqui que os silhares já são muito mais interessantes do ponto de vista iconográfico e artístico em relação às salas anteriores, pois esta mostra uma capacidade criativa e uma desenvoltura que as outras salas não possuem, e combinação policroma que não é de todo vulgar:

“Embora o azul e branco continuasse a ser popular, voltaram a usar-se cores, principalmente o amarelo e o púrpura”¹⁰⁰.

Essa combinação de cores poderá ter uma certa influência da Escola Alemã, pois, quando se encontram as cores azul e roxo, o azul encontra-se sempre ao centro da imagem, na representação da cena a ser exposta enquanto que o roxo e o amarelo se encontram à volta. Contudo, nesta divisão, as cores estão invertidas, mostrando o gosto alemão, que usava muito os centros roxos com enquadramentos azuis.

¹⁰⁰ Lemmen, *Azulejos ...*, pág. 83.

O programa azulejar do Palácio do Correio-Mor, em Loures

Outra curiosidade nas cores destes painéis é o tom azul que se anuncia nos silhares: tem dois tons que se fazem representar nas molduras por um azul muito carregado e, no centro da imagem, por um azul mais clarinho, o que é uma característica do estilo rococó. Para se conseguir um azul muito carregado, é necessária uma técnica muito precisa, ter um óxido de cobalto muito concentrado, enquanto que para se obter um azul mais claro é preciso diluir esse óxido. Mas não é uma tarefa fácil de cumprir. É preciso ter cuidado, pois pode ficar claro demais e tornar-se cinzento, perdendo-se assim todo um painel azulejar.

No que toca ao responsável dos azulejos desta sala, podemos dizer seguramente que são da Fábrica do Rato, pelo pincel do artista Sebastião de Almeida, introdutor do azulejo nesta fábrica de faianças de Lisboa, e também, seguramente, são de um período curto, de 1771 a 1779. Sebastião de Almeida não vai focar aquela riqueza de cores muito sustentada pela Fábrica do Rato, antes opta por uma certa moderação decorativa, um desenho muito correcto a traduzir, assim, uma pintura de qualidade e a utilização de materiais precisos, muito avançados. Para o provar, iremos encontrar precisamente azulejos iniciais deste tipo no Palácio do Marquês de Pombal, em Oeiras. Assim sendo, estes painéis no palácio do Correio-Mor, podem muito bem ser dessa fase, já que possuem uma qualidade muito superior aos azulejos da ala tardia. A sua decoração prende-se com aves, fitas, ramagens, ou, como num apontamento, água que parece estar a ser está cristalizada. Todos estes silhares são de uma enorme delicadeza, de uma grande finura de desenho, tendo como nota final o contraste com o roxo, o que é por demais interessante. Temos aqui, sem dúvida, uma obra notável.

2.12 Quarto do Conde de Penafiel

Considerado o quarto nobre da ala Norte, por ter sido o cómodo do último Correio-mor e primeiro Conde de Penafiel, todo ele está decorado conoante o uso típico da segunda metade do século XVIII. O quarto do *Conde de Penafiel* – assim designado - possui um tecto com ornatos rococó pintados e com aplicações de talha dourada, que aponta a ser tardia, tal como os azulejos, ou seja, do fim do século XVIII. É um tecto com uma grande finura e somente com motivos decorativos soltos, sem qualquer tipo de figuração ou elemento temático.

O programa azulejar do Palácio do Correio-Mor, em Loures

A autoria destes painéis poderá ter sido de *Francisco Jorge da Costa*, que trabalharia na *Fábrica do Rato*, que foi o autor dos painéis superiores da Sala das Mangas, no Palácio de Queluz, em 1784, já na fase Neoclássica. Quanto aos azulejos presentes neste quarto devem ser anteriores a essa data, remetendo-os talvez para os anos 70 ou 80 do século XVIII. Mas como foi referido, não passa de uma suposição.

As representações que decoram os silhares desta câmara focam-se em cenas de barcos, cais, pois eram os temas que proliferavam na época devido à grande profusão de gravuras existentes sobre estes temas. Quanto ao que toca à pintura em si, não é especialmente cuidada como possivelmente seria expectável para um quarto destes. É mais ornamental, tendo fitas, concheados, motivos florais, tornando-se assim numa pintura eficaz, que embora não sendo da melhor qualidade, empresta um sentido muito decorativo ao cómodo, transmitindo a tal coerência já referida e destacando-se das anteriores salas.

**O programa azulejar do
Palácio do Correio-Mor, em Loures**

**Capítulo III:
Outra Iconografia no Palácio:
A Azulejaria da Quinta - Jardim e Capela**

“O palácio está em fundo valle apertado entre altos montes vestidos de arvoredos e vinhas até meia encosta; a região inferior povoada de laranjaes, agora um pouco doentes, e de hortejo viçoso. Provavelmente edificaram o palácio naquelle covão por causa das aguas; e de facto há agua corrente em muitos pontos da grande residência”¹⁰¹.

Já foi referido que este palácio foi palco de sucessivas transformações aos longos dos séculos, e com ele não foram excepção os seus exteriores. Com o palácio situado no centro de um vale (Fig.118), nada mais expectável que não só o solar, mas também os espaços verdes mais próximos tivessem sido o centro de toda as atenções. Referimo-nos às áreas envolventes do palácio: os diversos jardins, a estatuária presente, o papel que estes espaços e ornatos representavam para esta família da alta sociedade lisboeta que, na sua casa de veraneio, se deleitavam usufruindo a paz e a frescura dos ares do campo.

Conforme citado anteriormente neste trabalho, um dos proprietários do palácio, António José Gomes da Mata, interessara-se já pelos jardins. Facto é que até um jardineiro tinha para cuidar deles. Não é possível saber-se presentemente como se encontrava a decoração dos jardins à época desse correio-mor, mas podemos observar hoje em dia a decoração que neles está impressa a partir dos buxos e, principalmente, através das fontes que presenteiam estes espaços:

“Jardim e casa são dois elementos de um projecto único e não ficaria completo este entendimento entre estas duas estruturas se não o vissemos do ponto de vista programático. De facto, exemplos como os jardins de Tibães, Fronteira, Palácio de Pombal, Queluz, Quinta do Correio-Mor, não só acompanham o programa arquitectónico da

¹⁰¹ Gabriel Pereira, *De Bemfica à Quinta do Correio-Mor*, Officina Typográfica, 1805, pág. 5.

O programa azulejar do Palácio do Correio-Mor, em Loures

*casa, como, acima de tudo, o empenho iconográfico e simbólico posto nas dependências interiores extravasava para o exterior, sendo desta forma continuado ou corroborado*¹⁰².

A quinta do palácio possui muitos recantos de lazer, alguns recônditos e outros mais expostos. Dependendo do objectivo pretendido, podemos imaginar longos passeios de lazer que se poderiam fazer pelos jardins do palácio; conversas mais privadas ao pé da fonte onde se encontram as *Metamorfoses de Ovídio* (Fig.119) registadas em azulejo; encontros amorosos junto à cascata (Fig.120) escondida por detrás do corpo sul da casa. Todo este espaço nos remete a uma época cuja atmosfera é tipicamente burguesa.

Não só de fontes é constituída a faustosa decoração nos jardins. Também a estatuária está bem vincada e toda ela se aproxima dos valores do *Neoclássico*, dando assim uma espécie deificado ao redor do palácio.

3.1 O Azulejo na Quinta do Palácio

*Mais um pouco de estrada, e topa-se à esquerda uma avenida bem tratada, recatada, com suas filas de oliveiras; entramos na quinta do Correio-Mor*¹⁰³.

Actualmente, ao entrarmos nos jardins do palácio (Fig.121 e 122), é de desencanto o nosso primeiro encontro face ao desarranjo em que se encontra. Contudo, podemos ver a traça deixada ao longo dos séculos, através das fontes (Fig.123, 124 e 125) e estátuas (Fig.126, 127 e 128), que se espalham pelos vários jardins.

Nos jardins do século XVIII, os azulejos tinham um papel muito importante e destacado mas, no caso deste palácio, a concentração de azulejaria encontra-se dentro da habitação. Não obstante, ainda que de somenos importância e interesse, encontramos alguns exemplares no exterior. Sendo peças discretas, ao sair da *Sala da Caça* para o jardim,

¹⁰² Paulo Pereira, *Grandes Temas da Nossa História, História da Arte Portuguesa*, Círculo de Leitores, 1995, Vol. III, pág. 219.

¹⁰³ Pereira, *De Bemfica ...*, pág. 4.

O programa azulejar do Palácio do Correio-Mor, em Loures

encontramos a encimar a parede exterior, três painéis (Fig.129, 130 e 131). Estes medalhões com imperadores romanos que se encontram suspensos através de laços e com uma cercadura de ovos, são indubitavelmente de *Nicolau de Freitas*, pois a sua oficina utilizou intensivamente estes ornatos. Exemplo disso temos os dois pombais no *Palácio dos Arcebispos*, em Santo Antão do Tojal, cuja decoração se centra em grinaldas em volta dos pombais e cujos motivos de decoração são, como estes medalhões, com cercadura pintada em amarelo.

É um tema que *Nicolau de Freitas* utilizava muito e que aqui tem uma graça e delicadeza especiais. O azulejo é recortado, o que fornece uma harmonia maior, sendo que são estes pequenos apontamentos, como estes reparados, nos levam a perceber a *assinatura* do artista. Em boa verdade, a finura da pintura com aquela expressividade nas caras – geralmente trata os rostos muito bem psicologicamente – e a assinatura derradeira que são as pestanas, duas pestanas muito espetadas confirmam-nos, pois era este traço que o distinguia dos demais. Em relação ao espaço ajardinado, o que resta de mais visível do que era o antigo será um tanque no centro, ladeado de várias estátuas alusivas à *Mitologia Greco-Romana*, muito já ao estilo *Neoclássico*. Encontra-se perto uma fonte com um tipo de azulejos marmoreados, que produz um fundo neutro, e que é encimada por uma grande concha, o que lhe confere efeitos de perspectiva, já de si curvos, mas mais dinâmicos à colocação da concha (Fig.132). Infelizmente, a traça dos jardins perdeu-se, continuando, contudo, a existir ao pé do tanque plataformas e zonas ainda primitivas, mas que, percebe-se, com o passar dos anos foi sendo descaracterizado e destruído. Ainda assim, detém marcas evidentes daquilo que foi a glória desta casa e a sua grande importância. Não obstante e relevante, encontramos nas costas da habitação registos de azulejos, um de cada lado:

“(…) dois registos de 8x3 azulejos cada, representando São Francisco de Paula e São Marçal”¹⁰⁴.

São painéis (Fig.133 e 134) soltos que, por tradição, se costumavam colocar nas fachadas das casas. Não é que o palácio tivesse falta de azulejaria, que como já se viu não era

¹⁰⁴ Simões, *Azulejaria...*, pág. 295

O programa azulejar do Palácio do Correio-Mor, em Loures

o caso, mas estes tipos de painéis tinham um propósito muito específico: eram representações de santos protectores das habitações e dos seus moradores.

Todavia, as atenções viram-se totalmente para um tanque que se encontra mais afastado da casa, de dimensões muito razoáveis, que possui um espaldar de azulejos evocando as *Metamorfoses de Ovídio*:

“Na maior parte dos palácios actualmente existentes, decorados com silhares de azulejo figurativos, existem representações mitológicas, o que leva a supor que as Metamorfoses do poeta Publius Ovidius Naso (43 a.C. - 17 d.C.) eram um dos temas de predilecção e principal fonte de inspiração dos artistas ceramistas”¹⁰⁵.

Seis cenas mitológicas retiradas da grande obra de Ovídio (*Actéon surpreende Diana no banho* (Fig.135); *A Queda de Ícaro* (Fig.136); *Triunfo de Neptuno* (Fig.137), *as Nereidas* (Fig.138) - ou simplesmente a continuação do painel anterior, representando a fama de Neptuno; a *Metamorfose de Narciso* (Fig.139) e o *Rapto de Europa* (Fig.140), se evidenciam neste tanque, seis cenas emblemáticas e muito representadas no século XVIII. Quanto à época destes painéis, podemos datá-los de 1750 – 60, que, segundo a autora Anne Stoop, atribui a José da Costa Negreiros, também ele o autor das telas que se encontram na *Sala da Caça*¹⁰⁶:

“Os azulejos suportam muito bem a comparação, a busca de simplificação do desenho, o pitoresco das cenas aquáticas, a ingenuidade das personagens, fazendo com que toda esta decoração uma obra profundamente original e perfeitamente adaptada à sua função. Cercados de motivos «rocailles», em formato de asas de morcego (...)”¹⁰⁷.

¹⁰⁵ Correia, «Palácios, ...», *Oceanos...*, pág. 180.

¹⁰⁶ “Nada de mais instrutivo do que olhar, por exemplo, a pintura «Narciso contemplando a sua imagem» ou o painel de azulejos «Júpiter raptando Europa» e fazer a comparação de duas interpretações diferentes: o trabalho brilhante de estilo clássico, à maneira italiana, que José da Costa Negreiros emprega para o tecto, e o tratamento, voluntariamente mais rústico, de tradição nacional que ele utiliza no tanque”. Stoop, *Quintas...*, pág. 41.

¹⁰⁷ Stoop, *Quintas ...*, pág. 41.

O programa azulejar do Palácio do Correio-Mor, em Loures

Quanto à iconografia dos mesmos, no primeiro painel vemos retratada a cena de *Actéon* ou *Artémis*, um caçador que apregoava ter visto *Diana* nua. Como se sabe, *Diana* era a deusa caçadora que tinha como princípio de vida a castidade, tal como as suas ninfas tinham, também, de acompanhar esse princípio de vida. *Actéon*, o caçador, vê *Diana* nua no banho e faz troça dela, dizendo que ela se diz tão casta, mas que ele facilmente conseguiu vê-la nua. Ao repararmos na deusa, notamos que há raios a partirem das mãos de *Diana*, ao mesmo tempo o que lhe atira água e diz que nunca mais ele a veria a tomar banho. Reflexo da água e dos raios, *Actéon* começa de imediato a transformar-se em veado. Esta é uma das metamorfoses que criou mais impacto ao longo dos séculos:

“...Assim que entrou (...), as ninfas, no estado de semi-nudez em que se encontravam, ao aperceberem-se da presença de um homem, começaram a bater no peito enchendo a floresta dos seus gritos estridentes; reunidas à volta de Diana, fizeram um abrigo com o próprio corpo; mas a deusa é mais alta que elas, ficando com a cabeça de fora. (...) Diana fica corada por ter sido vista sem roupas. Apesar de acompanhada pelas amigas, pega no que pode, água, e atirando à cabeça do jovem esta vaga de vingança, diz-lhe as seguintes palavras anunciando o seu trágico destino:”Agora vai contar que me viste sem véu; se conseguires, eu consinto-o”. Limitando-se a estas palavras, faz nascer na cabeça molhada do infeliz chifres do veado, o pescoço estica, as orelhas transformam-se, as mãos tornam-se patas, os braços pernas compridas, o corpo cobre-se de pêlo às manchas. A isto ela acrescenta uma alma medrosa: o herói foge e ao correr assusta-se com a sua própria agilidade. (...).”
(Metamorfozes III, 134-157)¹⁰⁸.

Esta lenda mostra que não devemos ir muito longe e desafiar os deuses: *Actéon* é um humano que desafia uma deusa e lhe provoca a ira, fazendo com que ela o transforme em

¹⁰⁸ Correia, «Palácios, ...», *Oceanos...*, pág. 195.

O programa azulejar do Palácio do Correio-Mor, em Loures

veado. À sua volta encontram-se os seus cães que olham para o dono e não o reconhecem como caçador, mas sim como veado, como caça, preparando-se para o atacarem.

A segunda cena, representa a *Queda de Ícaro*, com aspectos relativos ao sonho e à ambição. É, também, uma representação invulgar, pois a representação desta metamorfose não é comum:

“Dédalo, a quem não faltavam recursos, fabricou para Ícaro e para si mesmo umas asas que colou com cera aos seus ombros e aos do filho. Em seguida, ambos levantaram voo. Antes de partir, Dédalo recomendara a Ícaro que não voasse nem muito alto nem muito baixo. Ícaro, porém, orgulhoso, não deu ouvidos aos conselhos do pai e elevou-se nos ares, aproximando-se tanto do Sol que a cera derreteu e o imprudente caiu no mar que, a partir desse momento, se chamou Mar Icário”¹⁰⁹.

A cena seguinte, desdobrada em dois painéis, refere o *Triunfo de Neptuno*. No primeiro painel, vê-se a imagem de *Neptuno* no seu carro, em pose majestática e vitoriosa; no segundo, vêem-se as *Nereidas*, que formam o cortejo que antecede *Neptuno*. Viviam no fundo do mar, no palácio do seu pai - *Neptuno* - e anunciam aqui o triunfo do rei dos oceanos. É interessante notar como se relaciona o deus dos oceanos com a ideia da cascata, aqui neste tanque.

O quinto painel refere-se a *Narciso* e a sua metamorfose:

“... o jovem, que uma caça ardente e o calor do dia tinham fatigado, veio deitar-se na terra seduzido pela beleza do local e pela frescura do ribeiro. Quer matar a sede, mas sente em si uma sede nova. Enquanto bebe, seduzido pela sua própria imagem, que vê espelhada nas águas apaixona-se pela ilusão do seu próprio corpo; toma por um

¹⁰⁹ Pierre Grimal, *Dicionário da Mitologia Greco-Romana*, Difel, pág. 241.

O programa azulejar do Palácio do Correio-Mor, em Loures

*corpo aquilo que é apenas água, extasia-se perante si próprio; fica imóvel, o rosto impávido, semelhante a uma esttua*¹¹⁰.

Neste painel, a metamorfose de Narciso foi retratada não com ele debruçado num ribeiro mas sim perto de uma fonte. O autor dos painéis não o fez acompanhar de pequenos *putti*, e que lhe traria uma visão mais romântica desta metamorfose. Em vez de anjinhos a adoçarem a imagem, Narciso faz-se acompanhar por pequenos “diabretes”, que dão uma espécie de “empurrão” ao acto que Narciso acabou por cometer. A expressão diabólica deles transmite o que vai ali acontecer.

Por fim, no sexto painel, está a figuração do *Rapto de Europa*. Tal como no painel da *Sala da Caça*, a cena possui uma carga romântica:

*“Zeus viu Europa brincar com as suas companheiras na praia de Sídon ou de Tiro, no reino de seu pai. Apaixonado pela sua beleza, transformou-se num touro de resplandecente brancura e cornos semelhantes a duas luas na fase de quarto crescente. Aproximou-se assim da jovem, indo deitar-se a seus pés. Primeiro, Europa assustou-se, mas pouco depois, tomando coragem, acariciou o animal, sentando-se sobre o seu dorso. Logo o touro se levanta, correndo em direcção ao mar. apesar dos gritos da jovem, que se agarrava aflita às hastes do animal, ele avança por entre as vagas e vai-se afastando da margem”*¹¹¹.

Toda a temática deste tanque é alusiva à água. Os painéis aqui postos não contêm qualquer tipo de relação entre si, salvo no que toca ao elemento água. No painel de *Actéon*, este é metamorfoseado pela água que *Diana* atira; no segundo painel, Ícaro cai sobre o mar aberto; no terceiro é o próprio rei dos mares e oceanos que está representado em conjunto com o painel a seguir, as *Nereidas*; e, por fim, o *Rapto de Europa*, em que o mar também faz parte da lenda, tendo, por isso e desta forma, a característica da água bem evidenciada neste tanque.

¹¹⁰ Correia, «Palácios, ...», *Oceanos...*, pág. 184.

¹¹¹ Grimal, *Dicionário ...*, pág. 161.

O programa azulejar do Palácio do Correio-Mor, em Loures

É um conjunto excelente que precisa e deve ser tratado e restaurado, pois trata-se de algo raríssimo no país, pois ao que se sabe, não há mais nenhum com esta temática, o que o torna ainda mais excepcional

Existe um apontamento interessante: um menino negrinho que *abre* o primeiro painel. Este deveria ser um menino muito especial para a família, pois, também se encontra representado na *Sala da Caça* a segurar um cão. Referimo-lo como alguém muito especial, porque também é posto em relevo pelas cores no azulejo: enverga uma capa ou um manto muito rico, com fio de ouro, e, para o tornar bem evidente e perene na iconografia azulejar, tem a cabeça pintada de manganésio, o que lhe enfatiza a cor da pele e o destaca neste conjunto inteiramente azul e branco. Este toque de colorido também o encontramos nas figuras de convite do *Palácio dos Arcebispos*, em Santo Antão do Tojal. O negrinho, e agora entramos no campo das hipóteses, pode bem ser o narrador personificado pelo negrinho-anão, que, segurando um papagaio numa mão, na outra um cajado e envergando vestes clericais, relata as *Metamorfoses de Ovídio* aos seus senhores que por ali se passeiam de barco, trazendo animação para o enfado característico da nobreza, de que padeciam nas temporadas em que permaneciam na morada de veraneio.

3.2 Jardim

“É fora de dúvida que o jardim existiu desde a mais remota antiguidade encontrando-se já representado nos baixos-relevos egípcios e mencionado nas mitologias nórdicas na dualidade do “outgard” e “midgard”, e logo nos parece como um local privilegiado pela tranquilidade e pela exuberância da sua vegetação. No sul, defendido por altos muros do vento e das feras do deserto e abrigado das ardências do sol pela sombra protectora das arvores; no norte, delimitado da floresta por sebes e recebendo o sol benéfico, que expulsa os génios maus das sombras, encontra-se sempre na

O programa azulejar do Palácio do Correio-Mor, em Loures

proximidade imediata da habitação e o homem vive nele na mesma paz e segurança da sua casa”¹¹².

A partir da segunda metade do século XVIII, começou a aderir-se a um novo estilo de arte, uma espécie de contra-ataque ao *Barroco* que espantou o país com as suas grandiosas construções. Começam a cair por terra todos os excessos e abrem-se as portas ao simples, retomam-se os valores e as formas *clássicas greco-romanas*.

É o *Neoclassicismo* que vem como opositor ao Barroco e aos seus exageros, típico do Absolutismo do Portugal coevo. Advindo do *Iluminismo*, como se fosse um rasgo de luz e serenidade a surgir dentro do caos barroco, do espalhafato dourado e confuso, é uma arte aplicável a tudo, o que se constrói de que os jardins das grandes casas não foram excepção.

A excelência dos jardins deste palácio caracteriza bem a arquitectura paisagista que se praticou durante o século XVIII em Portugal, e que competia com o melhor que se produzia a nível europeu, e que, no caso presente, traduzindo a moda epocal, não deixando de manter a memória do que antes se produzia nas casas senhoriais de veraneio e deleite:

“Em todos os aspectos o jardim é uma parte da casa, um espaço privado, um compartimento (ou vários) com muros, banhado de sol, luz, sombras, aromas e sons”¹¹³.

No jardim mais intimista, junto à habitação, encontram-se arbustos centenários, com as copas e os troncos muito bem desenvolvidos, talvez, os melhores testemunhos do passado que este empreendimento possui, pois, com o passar dos anos, eles desenvolveram-se e aquilo que seriam pequenos buxos de embelezamento são hoje três árvores altíssimas. Também chamados arbustos arbóreos, devem ter origem em arbustos desenhados, ou seja, na época, tal como alguns jardins ainda hoje, usava-se um tipo de embelezamento baseado em plantas de buxo em que se desenham bolas e animais. Estes três exemplares são venenosos, desde o tronco às folhas.

¹¹² Francisco Caldeira Cabral, “Fundamentos da arquitectura paisagista”, *Instituto da conservação da natureza*, Lisboa, 1993, Pág. 75.

¹¹³ Pereira, *Grandes Temas...*, pág. 219.

O programa azulejar do Palácio do Correio-Mor, em Loures

O jardim, provavelmente, estaria dividido em áreas enquadradas por outros terraços, que deveriam continuar pelo vale abaixo cobertos de laranjeiras. Deveriam ser pomares ajardinados que chegariam até ao portão principal de entrada da quinta, que, enquadrado, deveria proporcionar uma chegada à casa completamente diferente. É fácil imaginar o verde da natureza em bruto a contrastar com o verde das laranjeiras ou do verde das encostas cobertas de oliveiras, mais escuro e sombrio, a contrastar os demais. Existe uma alameda que faz a ligação entre os dois jardins mais intimistas, com o resto das outras zonas térreas, que também seriam utilizadas como jardins-pomares. Muito produtivos e instrutivos, há que compreender como eram compostas estas zonas de lazer, pois, desta forma, esses jardins poderão ser resgatados e voltar a produzir frutos e riqueza.

Em relação ao estilo da decoração, poderemos catalogá-la ao género do gosto francês italianizado:

“A construção do jardim barroco em Portugal procurou a conciliação e a valorização de uma ideia de Natureza não dominada pela Arte, da Natureza não racionalizada, ao contrario do que fizeram os paisagistas franceses, mas de acordo com o modelo italiano (...)”¹¹⁴.

À época, o arbusto que estava na moda era a murta, de que os proprietários das grandes casas faziam grandes encomendas, em virtude deste tipo de arbusto ter um crescimento rápido e poder ser utilizado na construção de sebes. Tinha um senão: era rápida a crescer, mas também era rápida a ficar sem ramagem. Face a isto, o buxo tornou-se a tendência de escolha mais popular: era utilizado na construção das sebes dos jardins, originando belas construções decorativas e dando um *glamour* típico e faustoso às moradias aristocratas.

Mas nem só da Natureza se formavam estes jardins. A estatuária era também um ícone bem presente neste tipo de espaço, pois sem ela não ressaltaria o objectivo de possuir *jardim nobre*:

¹¹⁴ Pereira, *Grandes Temas ...*, pág. 219.

O programa azulejar do Palácio do Correio-Mor, em Loures

“As estátuas espalhadas pelos jardins criam e ajudam a criar eixos e perspectivas, marcam entradas, sublinham os diversos planos, regularizam a paisagem, em suma, vão ritmando o espaço, o que faz delas peças fundamentais da arte paisagística”¹¹⁵.

3.3 Capela

Para se falar da iconografia da capela, teremos primeiro de começar por falar nas duas figuras de convite que se encontram à entrada da mesma (Fig.141 e 142):

“As figuras de convite emprestam um sentido barroco de festa aos espaços onde são colocadas, devendo-se a sua “invenção” a experiências artísticas na decoração de festas de carácter efémero, que muitas vezes permanecem como memória em elementos decorativos dos edifícios”¹¹⁶.

As figuras de convite surgiram no século XVIII e ainda se encontram alguns exemplares, poucos mas bons, em algumas casas nobres com este tipo de azulejaria:

“As figuras de Convite são inventadas em princípios do século XVIII, nas oficinas de azulejaria de Lisboa que já só usavam o azul e branco como cor para pintar azulejos. (...) Como se sabe, o terramoto de 1755 destruiu muitos edifícios em Lisboa e muitas Figuras de Convite terão desaparecido”¹¹⁷.

¹¹⁵ Pereira, *Grandes Temas ...*, pág. 224.

¹¹⁶ Luísa Arruda, *Azulejaria Barroca Portuguesa, Figuras de Convite*, Edições Inapa, S.A. Lisboa, 1993, pág. 9.

¹¹⁷ Luísa Arruda, «Figuras de Convite em Portugal e no Brasil», “Azulejos Portugal e Brasil”, *Revista Oceanos*, Nº 36/37 – Outubro 1998/ Março 1999, Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, pág. 127.

O programa azulejar do Palácio do Correio-Mor, em Loures

As entradas de casas nobres ganham nova figuração tanto a nível arquitectónico, como a nível decorativo. A utilização dos azulejos figurativos entra na moda tanto na decoração de fachadas como das escadarias:

“A elaboração deste tema relaciona-se com a vivência cortesã, cerimoniais e regras de etiqueta (...). A posição das mãos indicando um percurso, o olhar que enfrenta o espectador são elementos quase constantes nas figuras de convite, sublinhando o seu carácter retórico. Estas imagens simbolizam o discurso da entrada, o ritual da passagem do exterior, do publico, para o interior, o privado”¹¹⁸.

Na verdade, estas famílias que possuíam moradias faustosas encontraram uma forma de acolher o visitante, seja a de colocar painéis figurativos azulejares:

“(...) a iconografia que designamos por Figuras de Convite, e para as quais foram usadas expressões como Figuras de Receber, Figuras de Respeito, Figuras de Cortesias, ou apenas Mordomos ou Porteiros, nascem (...) fruto do gosto e das mentalidades barrocas, na conjuntura política e social da corte de D. João V”¹¹⁹.

Não nos podemos esquecer que nos encontramos na época dos “Anos Dourados” em que estas figuras de convite, totalmente barrocas, se inserem, segundo o autor J.M. Santos Simões.

Pensa-se que a criação desta iconografia se deve a P.M.P.¹²⁰, tendo por objectivo o receber bem os visitantes ou convidados.

Estas personagens eram representadas sempre vestidas a rigor conforme a sua profissão (alabardeiro, militar, criado) no seu tamanho original. Originalmente, tiveram o

¹¹⁸ Pereira, *Dicionário da Arte ...*, pp. 192 – 193.

¹¹⁹ Arruda, «Figuras,...», *Oceanos ...*, pág. 127.

¹²⁰ “P.M.P. é um pintor de azulejos que apenas se identifica pela sua assinatura em monograma, mas cuja obra é facilmente identificada pelo estilo do seu trabalho. Trata-se do criador das figuras de convite, estabelecendo tanto a sua integração espacial nas escadarias como na iconografia dos porteiros e alabardeiros, trajando à moda da época”, Arruda, *Azulejaria Barroca ...*, pág. 35.

O programa azulejar do Palácio do Correio-Mor, em Loures

intuito de serem criadas para as ditas casas públicas e fazer as honras do acolhimento. Esta nova invenção azulejar (pintar iconograficamente estes receptores) veio dinamizar os espaços em que se enquadravam, valorizando, assim, a arquitectura do recinto e toda a sua envolvência. Por outro lado, estes azulejos também foram produzidos para as casas de cariz religioso. Um exemplo bem próximo do palácio está localizado no *Palácio da Mitra ou dos Arcebispos*, que pertenceu a *D. Tomás de Almeida*. É, aliás, com este religioso que se estreita o elo relacional entre a modernidade e aposição social do encomendante, com o enfoque virado para a integração deste na roda da Corte. Com o arquitecto do Rei ao seu serviço, o encomendante aposta no embelezamento e conforto, recorrendo à azulejaria e, com ela, às figuras de convite.

Posto isto, passemos então para as nossas duas figuras de convite que se encontram na galilé da Capela do Palácio do Correio-Mor:

“As figuras de convite que “guardam” a entrada da Capela do Palácio do Correio-Mor, em Loures, embora integralmente recortadas e restauradas, são figuras do século XVIII. (...) A atitude das figuras e a qualidade de desenho indicam uma produção claramente imputável a uma boa oficina de Lisboa”¹²¹.

Estas duas figuras que representam a força e a segurança que só os espingardeiros gozam, datam da época da *“grande produção joanina”* (1730-1750). Sabe-se que são desenhos joaninos devido à sua forma de trajar, elegante, com casacos compridos abertos, coletes bem aprumados e abotoados, camisas com folhos nas mangas, o *fusil* (símbolo dos espingardeiros) assumindo uma posição teatral de boas-vindas serena, mas não muito ostensiva.

Resumindo, temos aqui duas peças de figuras de convite não muito robustas, mas que conseguem transmitir a quem chega mensagem exacta e pretendida do proprietário do palácio, que é a de boas-vindas, com algum requinte típico da época, recordando quem é e mostrando que no seu trato há militares trajados a rigor, com farda de espingardeiro, tipicamente joanino.

¹²¹ Arruda, *Azulejaria Barroca ...*, pág, 101.

O programa azulejar do Palácio do Correio-Mor, em Loures

Importa não esquecer que esta Capela (Fig.143) foi abençoada por *D. Tomás de Almeida*, em 1744, e que foi este quem promoveu a moda artística barroca nas terras saloias pertencentes a Loures. Em parte, o motivo deste cuidado na arte de bem receber deve-se às várias idas do Monarca para esta zona de Loures e, com isso, toda a responsabilidade de acomodar o Rei se prendia também com estes pormenores estilísticos.

Já dentro (Fig.144) da Capela do Palácio do Correio-Mor, podemos observar de imediato que esta é muito pequena em relação a todas as outras assoalhadas do palácio e até mesmo em comparação com o imenso espaço em redor do mesmo. Não se percebe o motivo desta ser assim tão diminuta em contraste com a riqueza que constitui este agregado arquitectónico. Pensa-se que talvez houvesse algum projecto para a ampliar, mas o seu tamanho não diminui em nada a beleza e a riqueza que esta comporta.

Quando se avista o oratório e todo o altar-mor em si, apercebemo-nos que ele foi sujeito a algumas remodelações, e é este ponto que leva a acreditar que havia projectos para se ampliar a capela. Como o oratório se encontra alteado, ou seja, a zona do altar é mais alta que a zona da nave, pode supor-se ter sido uma obra intermédia inacabada, datável talvez dos fins do século XVIII¹²². O altar é de estuque pintado a semelhar o mármore, contudo, com materiais um pouco menos difíceis de serem trabalhados. O altar-mor comporta dois nichos laterais com duas imagens de eremitas, muito graciosos, e que se vão repetir no coro-alto. Nos nichos colocaram umas consolas na frente que tapam a parte de baixo dos painéis, e foram feitas umas ranhuras para que estas ficassem incrustadas. Se um dia se decidir tirar as consolas, os painéis ficarão com um buraco cada um.

Também é de referir que, na parte inferior do retábulo do altar-mor, se encontra uma tribuna, tal como era habitual nos altares barrocos, e que geralmente têm acesso por detrás deste. Já o retábulo é uma grande tela que cai na boca do camarim onde está a evocação dos *Doutores da Igreja* (Fig.145)¹²³. Vemos nele *São Jerónimo*, que foi secretário do Papa, vestido de vermelho. De notar que, na época, ainda não existia o cargo de cardeal. *São Jerónimo* vai ter uma vida de erudito e penitente e costuma ser representado com vestes de

¹²² Tamagnini, "... e o alteamento da torre, apontam para o final do século XVIII", p. 119.

¹²³ "Título dado aos antigos e eminentes teólogos cristãos. «Depois dos doutores da Lei», intérpretes qualificados do Antigo Testamento, os mesmo títulos foram dados aos primeiros grandes teólogos do Novo Testamento: são os Padres (...) do Ocidente (S. Agostinho, S. Jerónimo, S. Gregório Magno, etc.). Marguerite-Marie Thiollier, *Dicionário da Religiões*, Editorial Perpétuo Socorro, Editora Vozes Ltda, pág. 117.

O programa azulejar do Palácio do Correio-Mor, em Loures

cardeal, mas com o manto meio despido, para indicar que era penitente. Foi o tradutor da Bíblia, tradução conhecida por *Vulgata*, que foi aprovada no *Concílio de Trento*. Tem o chapéu de cardeal no chão. É costume ser representado com um leão ao lado, que é o seu atributo. Também estão presentes no quadro *Gregório Magno* e, sentados, são *Santo Ambrósio* e *São Agostinho*. Por cima, encontra-se o *Santíssimo Sacramento*. Esta obra é, presumivelmente, do grande mestre da época, em azulejaria, *Nicolau de Freitas*, que foi discípulo entre 1717 e 1721, de *António Oliveira Bernardes*¹²⁴, também outro grande mestre.

Na capela do palácio do Correio-Mor, temos, assim, então azulejos que sobreviveram ao episódio que abalou o país, o Terramoto de 1755, e neles está o que leva a crer que se trata do culto religioso a *São Jerónimo* (Fig.146 e 147), pois há indícios que levam a supor que a imagem do monge que se encontra repetido ao longo dos dois painéis seja deste Santo, porque se faz acompanhar pela ampulheta, pelo chicote, pelo *Livro*, e, já no outro painel, se apresenta com uma caveira. Além disso, em todas as imagens faz-se acompanhar pela *Santa Cruz*. Há ainda aqui um dado curioso: podemos encontrar o capelão e o anão que moravam na casa. Conforme foi citado na obra de *Anne Stoop*, que por sua vez transcreveu *Beckford*,

*“personagens indispensáveis, a toda a casa portuguesa que se respeita”*¹²⁵.

Era comum na época as famílias albergarem nas suas casas pessoas *exóticas* tais como um anão, o aleijado, o bobo, etc. Relativamente ao anão, devia ser uma pessoa muito estimada pela família do Correio-Mor, pois foi representado também numa estátua (Fig.148) que se encontrava à porta da galilé da entrada da Capela que se fazia pelo jardim. As cenas que se encontram nos painéis azulejares da Capela não são inspiradas em cenas reais, mas sim baseadas em gravuras, havendo o cuidado de nelas inserir figuras que são mesmo autênticas e que revelam a importância da sua presença dentro desta habitação nobre. Em frente ao altar-mor, localiza-se um pequeno coro-alto (Fig.149), de onde a família assistia às celebrações,

¹²⁴ António Oliveira Bernardes, juntamente com o seu irmão Policarpo, foram dois grandes artistas da azulejaria do século XVIII. António Oliveira Bernardes, iniciou-se na pintura de azulejos, trabalhando para o azulejador Valentim da Costa e para o genro deste, Manuel Borges. A oficina de Oliveira Bernardes, foi uma autêntica “escola” tendo como colaboradores, discípulos e aprendizes, produzindo a grande maioria dos revestimentos que lhe são atribuídos ou onde é possível ainda encontrar a sua intervenção.

¹²⁵ Stoop, *Quintas*, pp. 36 - 37.

O programa azulejar do Palácio do Correio-Mor, em Loures

deprendendo-se que, normalmente, as portas da capela eram abertas à população, que entravam pelo lado da rua e directamente para a ermida. No coro alto, encontram-se três painéis de azulejos alusivos à Natividade (Fig.150) e Fuga para o Egipto (Fig.151), não tendo sido possível visualizar o terceiro painel, o que se supõe poder ser a apresentação do Menino ao profeta São Simeão, no Templo.

Falta apenas referir que a capela era dedicada aos *Três Reis Magos* ou aos *Três Santos Reis*. Por cima da porta da capela encontramos uma inscrição em Latim gravada em pedra (Fig.152 e 153) que diz:

*“ Regibus ista tribus domus est sacrata: per illos
Hic tria adorato sunt data dona Deo
Visuri Christum natum sua regna relinquunt
Hic sistum; illis hic data meta viae
Ad Christum ut videas, siste Viator, iter”*¹²⁶.

Não era uma dedicação muito comum, mas bem vistos os temas que dela combinam, não faz muito sentido a forma com que os temas foram agregados, tantos dos azulejos como o retábulo (embora esteja presente *São Jerónimo*), como a dedicação da capela ao *Reis Magos*.

¹²⁶ **A três Reis foi esta morada consagrada: por eles
Aqui foram trazidas três oferendas a Deus adorado
Desejosos de verem Cristo nascido deixam seus reinos:
Aqui se detêm; É-lhes indicado o destino da sua caminhada.
Detém-te (também tu) Mensageiro, para que vejas o caminho que conduz a Cristo.**

O programa azulejar do Palácio do Correio-Mor, em Loures

Conclusão

Ao concluir o estudo realizado para a elaboração desta monografia, que retrata o Palácio do Correio-Mor, percebeu-se que o intuito desta se encontra apenas no início de uma exaustiva análise. Embora os objectivos aqui propostos para a elaboração desta tese de Mestrado tenham sido atingidos, o estudo do palácio fica muito aquém do que pode ser feito: muito ficou ainda por indagar relativamente ao palácio e às suas componentes artísticas, como por exemplo, o que não é despiciendo, o nome e a actividade do seu arquitecto.

Neste palácio, sendo um belíssimo exemplar arquitectónico setecentista, verificamos que a simplicidade requintada que subsiste por fora - fazendo-se representar com uma planta em U e com três pisos, sendo o andar *mezzanino* algo incomum - não faz jus ao tesouro artístico que se encontra no seu interior. Toda ele, por fora e por dentro se encontra muito bem preservado, tal como o seu espólio mobiliário, embora este não seja primitivo e contemporâneo à dinastia dos Correios-Mores.

Sendo que originariamente barroco, representante do que de melhor se fazia nos arredores de Lisboa à época, foi no seu interior que a investigação teve o seu cerne. A azulejaria aqui encontrada é um esplêndido documento barroco, joanino e *rocaille*, que só se pode encontrar em casas civis. Tendo sido uma arte utilizada em excesso, tanto em Lisboa, como no resto do país, temos aqui as paredes dos cômodos da habitação forradas com esta decoração riquíssima, em que se pode fazer uma leitura e contextualização históricas relativamente aos proprietários da mesma durante a dinastia Gomes da Mata de Sousa Coutinho. Contudo, este tipo de decoração não o encontramos só no interior do palácio. Também no seu belíssimo jardim, nas fontes e na capela da casa, encontramos vários painéis, o que mostra que esta casa servia os seus senhorios para muito mais do que se possa cogitar. Relativamente à iconografia, teremos aqui, de feituas e artistas diferentes, imagens copiadas de gravuras portuguesas e importadas, tendo sempre presente a técnica portuguesa e figuras destacadas a pedido dos seus encomendantes.

Assim, tal como se averiguou, a azulejaria que teve um pico de expoente máximo no século XVIII, quer pela sua capacidade de embelezamento e teatralidade cénica, quer pela festividade que se adapta a cada sala em que ela se encontra, permitiu o crescimento de várias e excelentes fábricas de azulejaria e faiança a nível nacional .

O programa azulejar do Palácio do Correio-Mor, em Loures

Devido à carência de tempo e de expedientes, é certo que este tema será remetido e continuado para um projecto futuro, em que se projectará a descoberta de mais factos importantes, e quem sabe, relativamente ao tipo de rotina quotidiana que por ali se vivia. Muito há ainda por descobrir e revelar sobre os mistérios contidos no Palácio do Correio-Mor.

**O programa azulejar do
Palácio do Correio-Mor, em Loures**

Bibliografia

- ARRUDA, Luísa, *Azulejaria Barroca Portuguesa, Figuras de Convite*, Edições Inapa, 1993.
- ARRUDA, Luísa, «Figuras de Convite em Portugal e no Brasil», “Azulejos Portugal e Brasil”, *Revista Oceanos*, Nº 36/37 – Outubro 1998/ Março 1999, Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses.
- ALORNA, Marquês de Fronteira e, *Memórias do Marquês de Fronteira e Alorna*, Coimbra, 1926 – 1º vol.
- AZEVEDO, Carlos de, *Monumentos e Edifícios Notáveis do Distrito de Lisboa*, Junta Distrital de Lisboa, vol. III, 1963.
- AZEVEDO, Carlos de, *Solares Portugueses: Introdução ao Estudo da Casa Nobre*, Livros Horizonte, Lisboa, 1969.
- BARRETO, D. José Trazimundo Mascarenhas, “Marquês de Fronteira e d’Alorna”, *Memórias*, III, Parte V, 1833 a 1834.
- Barroco em Loures, Palácio do Correio-Mor, Loures, 1996.
- Bíblia Sagrada, Difusora Bíblica (Missionários Capuchinhos), 5ª Edição, Lisboa, 1973.
- CABRAL, Francisco Caldeira, “Fundamentos da arquitectura paisagista”, *Instituto da conservação da natureza*, Lisboa 1993.
- CORREIA, Ana Paula, «Palácios, Azulejos e Metamorfoses», “Azulejos de Portugal e Brasil”, *Revista Oceanos*, Nº 36/ 37, Outubro de 1998/ Março de 1999, Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses.
- COSTA, Vítor, *As Figuras de Convite*, FLUC, Coimbra, 2008.

**O programa azulejar do
Palácio do Correio-Mor, em Loures**

Enciclopédia Portuguesa e Brasileira, Editorial Enciclopédia, Limitada, Lisboa – Rio de Janeiro, Vol. VII, Abril de 1941.

FERREIRA, Godofredo, *Algumas achegas para a história do Correio em Portugal*, Lisboa, 1964.

FERREIRA, Godofredo, *Um ricoço Lisboeta do Século XVII, Inventário de seus bens*, Lisboa, 1959.

GIL, Júlio, “Os mais Belos Palácios de Portugal”, *Colecção Património*, Verbo, 1990/2005.

GRIMAL, Pierre, *Dicionário da mitologia Grega e Romana*, Difel, 5ª edição, 2009.

Inventário do Património Arquitectónico, Palácio e Quinta do Correio-Mor (www.monumentos.pt).

LEMMEN, Hans Van, REIS, Paula, trad., *Azulejos na Arquitectura*, Caminho, Lisboa, 1994.

LOURENÇO, Andreia Vale, *Azulejos Imaginários, Teoria e Prática do Discurso Expositivo*, Coimbra, FLUC, 2005.

Loures, Tradição e Mudança, I Centenário da formação do concelho 1886-1986, I vol., Câmara Municipal de Loures, 1986.

MECO, José, “Exposição de Azulejos de Lisboa”, promovido pela Câmara Municipal de Lisboa, Estufa Fria – Parque Eduardo VII, Fevereiro/Março, 1984.

NETO, Margarida Sobral, coord., *As Comunicações na Idade Moderna*, Fundação Portuguesa das Comunicações, 2005.

Palácio do Correio-Mor – Sociedade Imobiliária e Turística, SA (catálogo ou brochura).

**O programa azulejar do
Palácio do Correio-Mor, em Loures**

PEREIRA, Gabriel, *De Bemfica à Quinta do Correio-Mor*, Officina Typográfica, 1805.

PEREIRA, José Fernandes, dir., PEREIRA, Paulo, coord., «Quinta do Correio-Mor», *Dicionário da Arte Barroca em Portugal*, Editorial Presença, Lisboa, 1989.

PEREIRA, José Fernandes, dir., PEREIRA, Paulo, coord., «Palácio do Correio-Mor», *Dicionário da Arte Barroca em Portugal*, Editorial Presença, Lisboa, 1989.

PROENÇA, P. Álvaro, *Subsídios para a História do Concelho de Loures*, I volume, Loures, 1940.

RAMOS, Rui, SOUSA Bernardo Vasconcelos e, MONTEIRO, Nuno Gonçalo, *História de Portugal*, A Esfera dos Livros, 2009, 6ª edição.

SIMÕES, J. M. dos Santos, “Azulejaria em Portugal, no século XVIII”, *Fundação Calouste Gulbenkian*, Lisboa, 1979.

STOOP, Anne, *Quintas e Palácios nos Arredores de Lisboa*, Livraria Civilização Editora, 1986.

TAMAGNINI, Matilde Pessoa de Figueiredo, “O Palácio do Correio-Mor em Loures”, *Separata de Belas-Artes*, Nº 31, 1977.

THIOLLIER, Marguerite-Marie, *Dicionário das Religiões*, Editorial Perpétuo Socorro, Editora Vozes Ltda

VIEGAS, Nuno, “O Concelho de Loures, o Palácio do Correio-Mor”, *2º Prémio do Concurso para a Monografia de Loures*. Comemoração do Aniversário do Concelho, 1983. (Boletim Informativo da Câmara Municipal de Loures, nº 32 – Agosto 1984).

**O programa azulejar do
Palácio do Correio-Mor, em Loures**

Internet

<http://bibliotecajoanina.uc.pt>

www.brasilsefarad.com

www.comelliphilatelist.com

www.happywarrior.org

www.igespar.pt

<http://imagensdaarte.blogspot.com>

www.tzorafolk.com

**O programa azulejar do
Palácio do Correio-Mor, em Loures**

ANEXOS

**O programa azulejar do
Palácio do Correio-Mor, em Loures**

ÍNDICE DE IMAGENS

Fig.2 – Vista aérea da área envolvente do Palácio do Correio-Mor.....	103
Fig.3 – Fachada do Palácio do Correio-Mor, em Loures.	103
Fig.4 - Luís Elvas Coronel/Luís Gomes da Mata.....	103
Fig.5 - António Gomes da Mata (Coronel)	103
Fig.7 - Duarte de Sousa da Mata Coutinho	103
Fig.6 – Luís Gomes da Mata.	103
Fig.8 – José António da Mata de Sousa Coutinho	103
Fig.9 - Manuel José da Maternidade da Mata de Sousa Coutinho.	103
Fig.10 - Maria da Assunção da Mata de Sousa Coutinho	103
Fig.11 – Carta Régia, criação do Ofício do Correio.....	103
Fig.12 - Assinatura de <i>Don Abraham Senior</i>	103
Fig.13 - Decreto de Extinção do Ofício de Correio-Mor do Reino.....	103
Fig.14 – Planta do 3º piso do Palácio do Correio-Mor.....	103
Fig.15 – Planta do 1º piso do Palácio do Correio-Mor.....	103
Fig.16 – Enfoque para os três andares do palácio.	103
Fig.17 – Entrada do Palácio. Muro alto em alvernia.....	103
Fig.18 – Entrada do Palácio. Gradeamento de ferro forjado.....	103
Fig.19 – Brasão do último Correio-Mor e primeiro Conde de Penafiel.....	103
Fig.20 – Corpo central do Palácio do Correio-Mor.....	103
Fig.21 – Cavalariças.....	103
Fig.22 – Adegas.....	103
Fig.23 – Entrada para o Palácio, através do vestíbulo.....	103
Fig.24 – Pormenor da janela do corpo central da fachada	103
Fig.25 – Frontão inserido	103
Fig.26 – Nossa Senhora da Oliveira.....	103
Fig.27 – Fonte na escadaria de acesso ao andar nobre.....	103
Fig.28 – Pormenor da Samaritana, na Fonte da escadaria.....	103
Fig.29 – <i>Putti</i> alado segurando um medalhão com a efígie do Correio-Mor Luís Victório Mata Sousa Coutinho.....	103
Fig.30 – Sala da Caça.....	103

O programa azulejar do Palácio do Correio-Mor, em Loures

Fig.31 – Tecto da Sala da Caça	103
Fig.32 – Louceiro – Sala da Caça	103
Fig.33 – Pormenor de uma cena de Tourada- Sala da Caça.....	103
Fig.34 - Pormenor de uma cena de Caça ao veado – Sala da Caça.....	103
Fig.35 – Pormenor de uma cena de caça ao javali – Sala da Caça.....	103
Fig.36 – Pormenor de uma cena de caça ao urso – Sala da Caça.....	103
Fig.37 – Pormenor de cena de caça à raposa – Sala da Caça	103
Fig.38 – Pormenor de cena de caça ao leão – Sala da Caça.....	103
Fig.39 – Pormenor de cena de banquete – Sala da Caça.....	103
Fig.40 – Pormenor de cena de lazer	103
Fig.41 – Pormenor de uma cena de caça, onde está retratado o negrinho do palácio	103
Fig.42 – Pormenor de um dos vários painéis que se encontram na Sala da Caça	103
Fig.46 – <i>Narciso</i> – Tecto da Sala da Caça	103
Fig.47 – <i>Vénus e Marte</i> - Tecto Sala da Caça	103
Fig.48 – <i>Juno e Júpiter</i> - Tecto Sala da Caça.....	103
Fig.49 – Pormenor de uma tela - Tecto Sala da Caça	103
Fig.50 – Pormenor de uma tela - Tecto da Sala da Caça.....	103
Fig.51 – Sala dos Retratos de D. Miguel.....	103
Fig.52 - Painel da Sala dos Retratos de D. Miguel.....	103
Fig.53 – Sala dos Painéis Octogonais	103
Fig.54 – Painel da Sala dos Painéis Octogonais.....	103
Fig.55 – Sala dos Cardeais	103
Fig.56– Painel da Sala dos Cardeais	103
Fig.57 – Sala dos Apóstolos.....	103
Fig.58 – Painel da Sala dos Apóstolos	103
Fig.59 – Sacristia do Palácio.....	103
Fig.60 – Pintura na Sacristia, Nossa Senhora da Misericórdia	103
Fig.61 – Painel da Sacristia.....	103
Fig.62 – Lavatório do Capelão – Sacristia	103
Fig.63 – Cozinha	103
Fig.64 – Lava-loiças, com depósitos de água – Cozinha.	103
Fig.65 – Painel de azulejos - Cozinha.....	103

O programa azulejar do Palácio do Correio-Mor, em Loures

Fig.66 - Pormenor de um painel azulejar da Cozinha.....	103
Fig.67 – Painel de azulejos da Cozinha.....	103
Fig.68 - Painel azulejar - Cozinha.....	103
Fig.69 - Painéis azulejares – Cozinha.....	103
Fig.70 – Painel recortado, boi – Cozinha.....	103
Fig.71 – Painel recortado, veado – Cozinha.....	103
Fig.72 - Painel menor – Cozinha.....	103
Fig.73- Painéis azulejares – Cozinha.....	103
Fig.74 - Painéis azulejares recortados – Cozinha.....	103
Fig.75- Painéis azulejares recortados – Cozinha.....	103
Fig.76– Sala das Quatro Estações.....	103
Fig.77 – Tecto da Sala das Quatro Estações.....	103
Fig.78 – Painel com a Estação de Verão, na Sala das Quatro Estações.....	103
Fig.79 – Pormenor do painel da Estação de Verão.....	103
Fig.80 – Pormenor do painel da Estação de Verão.....	103
Fig.81 – Pormenor do painel da Estação de Verão.....	103
Fig.82 – Painel da Estação do Inverno.....	103
Fig.83 – Pormenor do painel da Estação de Inverno.....	103
Fig.84 – Pormenor do painel da Estação de Inverno.....	103
Fig.85 – Pormenor do painel de Inverno.....	103
Fig.86– Painel da Estação do Outono.....	103
Fig.87 Painel da Estação da Primavera.....	103
Fig.88 – Pormenor do painel da Estação da Primavera.....	103
Fig.89 – Painel que se encontra por baixo da janela, na Sala das Quatro Estações.....	103
Fig.90 – Pormenor de painel -Sala das Quatro Estações.....	103
Fig.91 – Pormenor de painel - Sala das Quatro Estações.....	103
Fig.92– Sala dos Troféus.....	103
Fig.93 – Pormenor do tecto da Sala dos Troféus.....	103
Fig.94 – Painel da Sala dos Troféus.....	103
Fig.95 – Painel da Sala dos Troféus.....	103
Fig.96 – Sala Central.....	103
Fig.97 – Painel de azulejos – Sala Central.....	103

O programa azulejar do Palácio do Correio-Mor, em Loures

Fig.98 – Painel da Sala Central	103
Fig.99 – Alegoria das Estações da Vida do Homem – Sala Central	103
Fig.100 - Painel da Sala Central.....	103
Fig.101 - Sala do Brasão	103
Fig.102 – Acesso à Sala do Brasão - Traseiras do palácio	103
Fig.103 – Pormenor de um painel azulejar – Sala da Música	103
Fig.104 – Espelho da Sala do Brasão	103
Fig.105 – Espelho da Sala do Brasão	103
Fig.106 – Louceiro – Sala do Brasão	103
Fig.107 – Pormenor do Louceiro – Sala do Brasão	103
Fig.109 – Tecto da Sala da Música	103
Fig.108 – Sala da Música	103
Fig.110 – Pormenor do tecto da Sala da Música.....	103
Fig.111 – Pormenor da Sala da Música.....	103
Fig.112 – Painel azulejar da Sala da Música.....	103
Fig.114 – Sala da Fama	103
Fig.115 – Pormenor do tecto da Sala da Fama.....	103
Fig.116 – Painel referente ao Terreiro do Paço – Sala da Fama.	103
Fig.117 – Painel referente à Torre de Belém – Sala da Fama.	103
Fig.118 – Palácio do Correio-Mor.	103
Fig.119 – Tanque com espaldar azulejar, <i>As Metamorfoses de Ovídio</i>	103
Fig.120 – Cascata	103
Fig.121 – Jardim intimista.....	103
Fig.122 – Jardim Principal – traseiras do palácio	103
Fig.123 – Fonte no jardim principal – traseiras do palácio	103
Fig.124 – Fonte do jardim principal – traseiras do palácio	103
Fig.125 – Fonte – Jardim.....	103
Fig.126 – Estatuária no jardim	103
Fig.127 – Estatuária no jardim	103
Fig.128 – Jardim intimista com estatuária neoclássica	103
Fig.129 – Medalhão.	103
Fig.130 – Medalhão	103

**O programa azulejar do
Palácio do Correio-Mor, em Loures**

Fig.131 – Medalhão	103
Fig.132 . Fonte - Jardim intimista	103
Fig.133 – Painel evocativo a São Francisco de Paula	103
Fig.134 – Painel evocativo a São Marçal.....	103
Fig.135 – <i>Actéon surpreende Diana no banho</i> – Tanque.....	103
Fig.136 - <i>A Queda de Ícaro</i> – Tanque.....	103
Fig.137 - <i>Triunfo de Neptuno</i> – Tanque.....	103
Fig.138 - <i>As Nereidas</i> – Tanque.	103
Fig.139 - <i>Metamorfose de Narciso</i> – Tanque.....	103
Fig.140 - <i>Rapto da Europa</i> – Tanque.....	103
Fig.141 - Figura de Convite na galilé da Capela.....	103
Fig.142 – Figura de Convite na galilé da Capela.....	103
Fig.143 – Fachada da Capela.	103
Fig.144 – Interior da Capela.....	103
Fig.145 – Retábulo da Capela	103
Fig.146 – Painel da Capela.....	103
Fig.147 – Painel da Capela.....	103
Fig.148 – Estátua do Anão	103
Fig.149 .- Coro-alto – Capela.....	103
Fig.150 – Painel alusivo à <i>Natividade</i>	103
Fig.151 – Painel alusivo à <i>Fuga para o Egipto</i>	103
Fig.152 - Galilé da Capela.....	103
Fig.153 – Inscrição em Latim – entrada da Capela.....	103

**O programa azulejar do
Palácio do Correio-Mor, em Loures**



Fig.2 – Vista aérea da área envolvente do Palácio do Correio-Mor.

Foto: terra.google.com

**O programa azulejar do
Palácio do Correio-Mor, em Loures**



Fig.3 – Fachada do Palácio do Correio-Mor, em Loures.
Foto: www.fibeira.pt

**O programa azulejar do
Palácio do Correio-Mor, em Loures**



Fig.4 - Luís Elvas Coronel/Luís Gomes da Mata
Foto: www.tzorafolk.com



Fig.5 - António Gomes da Mata (Coronel).
Foto: www.flickr.com

**O programa azulejar do
Palácio do Correio-Mor, em Loures**



Fig.6 – Luís Gomes da Mata.
Foto: <http://historiapostal.blogspot.com>



Fig.7 - Duarte de Sousa da Mata
Coutinho. Foto: www.flickr.com

**O programa azulejar do
Palácio do Correio-Mor, em Loures**



Fig.8 – José António da Mata de
Sousa Coutinho.
Foto: www.fpc.pt

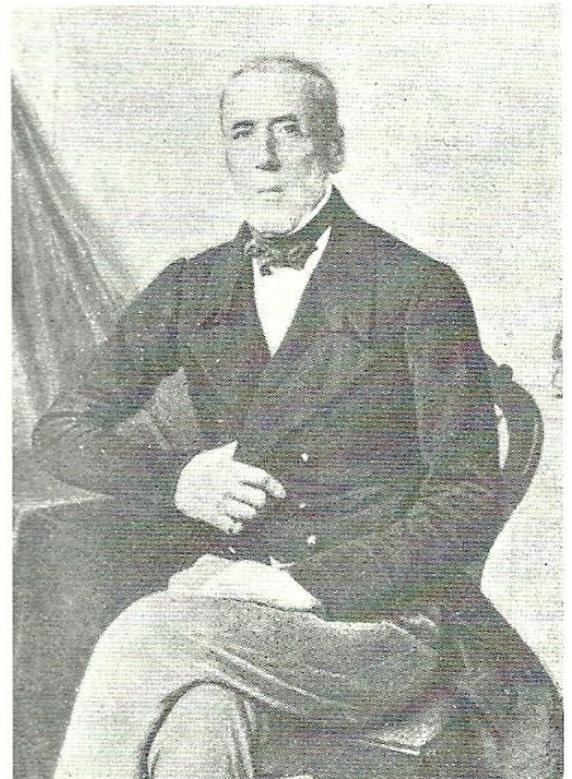


Fig.9 - Manuel José da Maternidade da
Mata de Sousa Coutinho.
Foto: “As Comunicações na Idade
Moderna”, Margarida Sobral Neto.

O programa azulejar do Palácio do Correio-Mor, em Loures



Fig.10 - Maria da Assunção da
Mata de Sousa Coutinho.
Foto: www.geneall.net

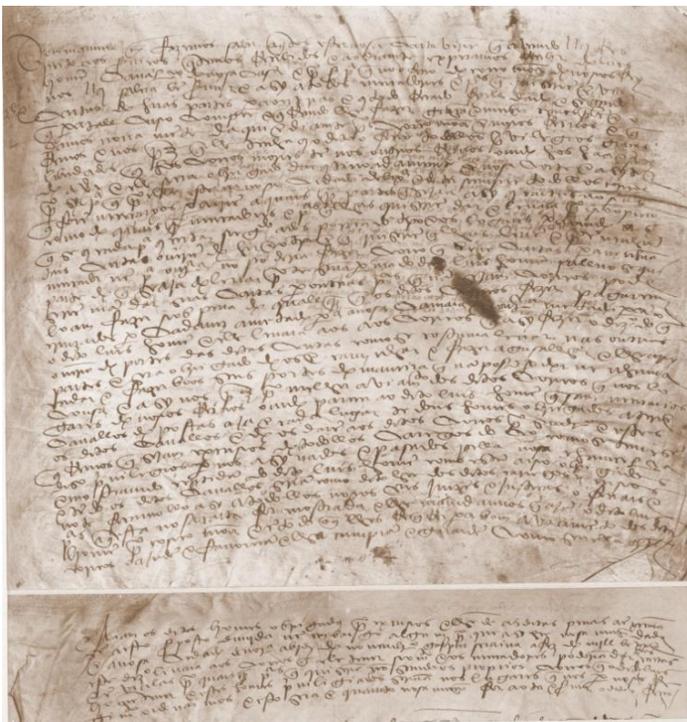


Fig.11 – Carta Régia, criação do
Ofício do Correio-Mor.
Foto: historiadoscorreios.blogspot.com

O programa azulejar do
Palácio do Correio-Mor, em Loures

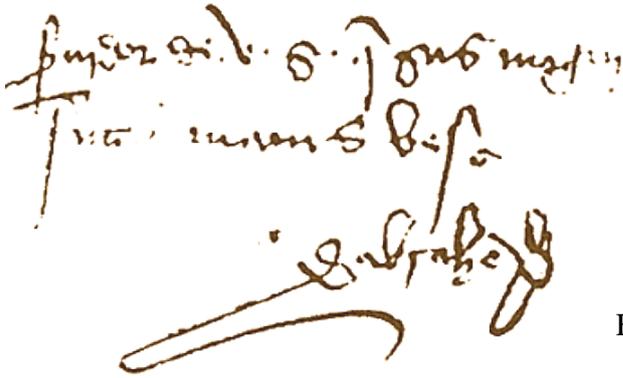


Fig.12 - Assinatura de *Don Abraham Senior*.
Foto: <http://www.tzorafolk.com>

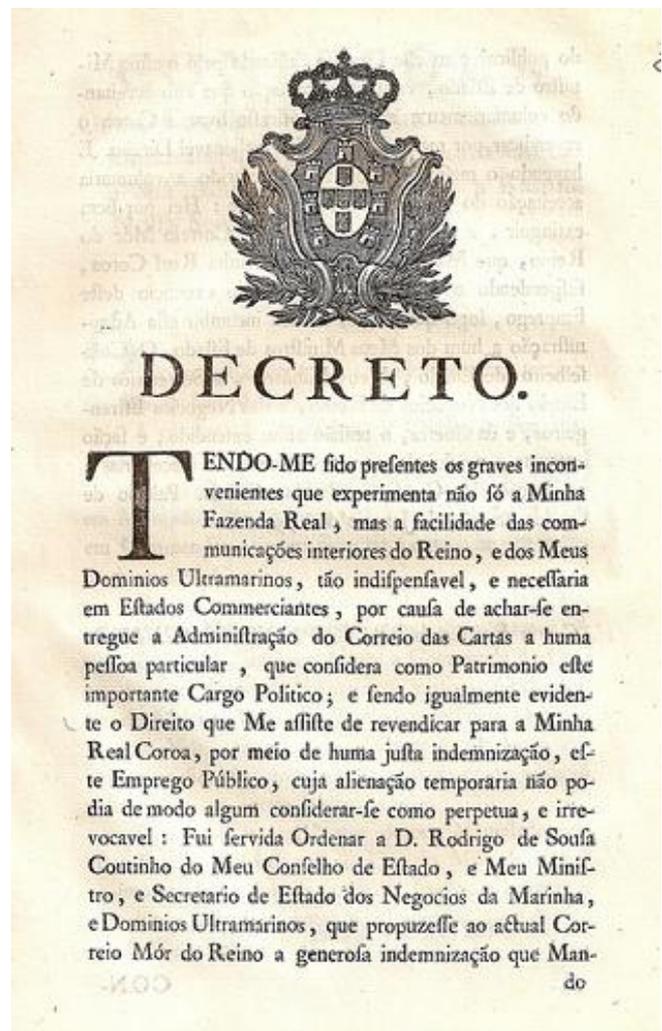


Fig.13 - Decreto de Extinção do
Ofício de Correio-Mor do Reino.
Foto: <http://www.flickr.com>

O programa azulejar do Palácio do Correio-Mor, em Loures

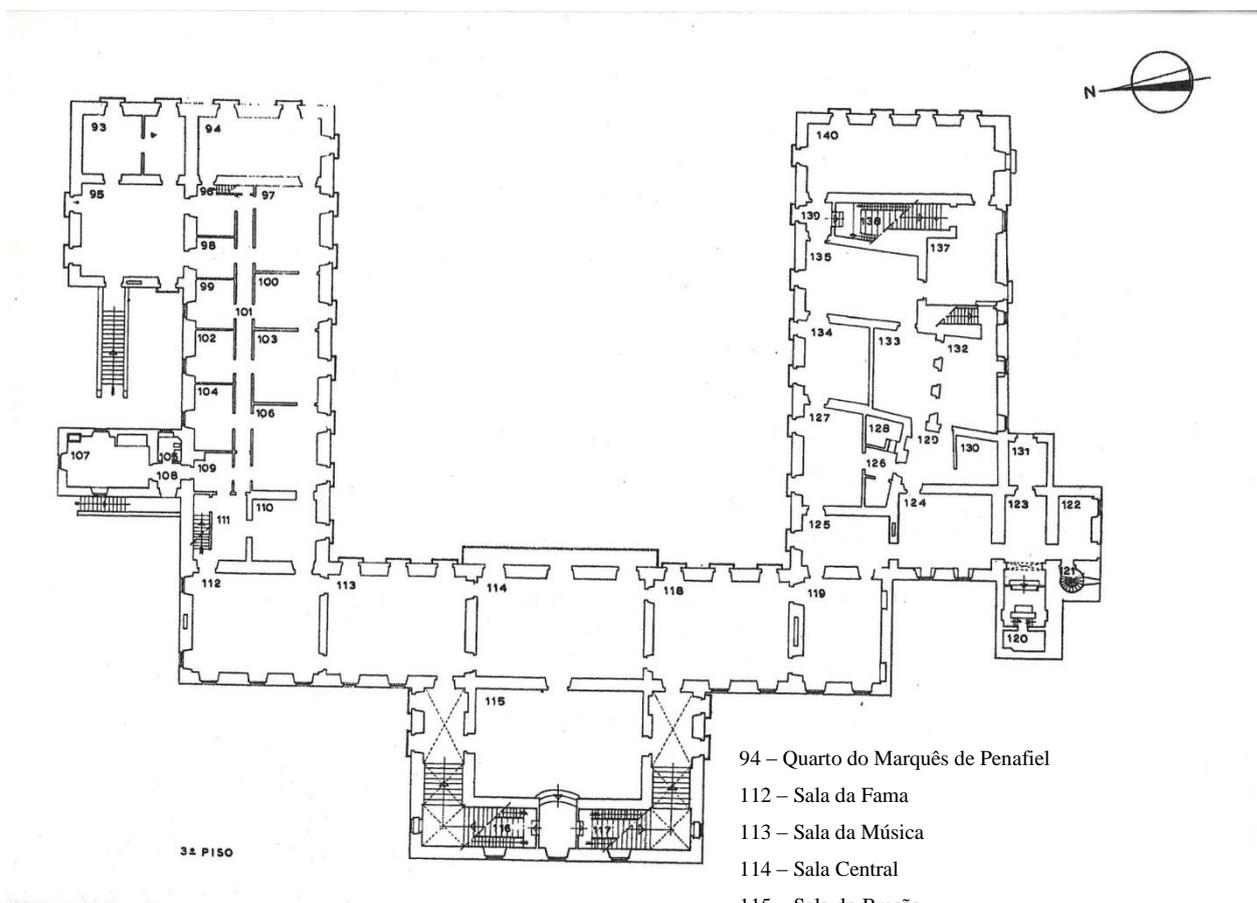


Fig.14 – Planta do 3º piso do Palácio do Correio-Mor.
Foto: “O Palácio do Correio-Mor...”, Matilde Tamagnini.

O programa azulejar do Palácio do Correio-Mor, em Loures

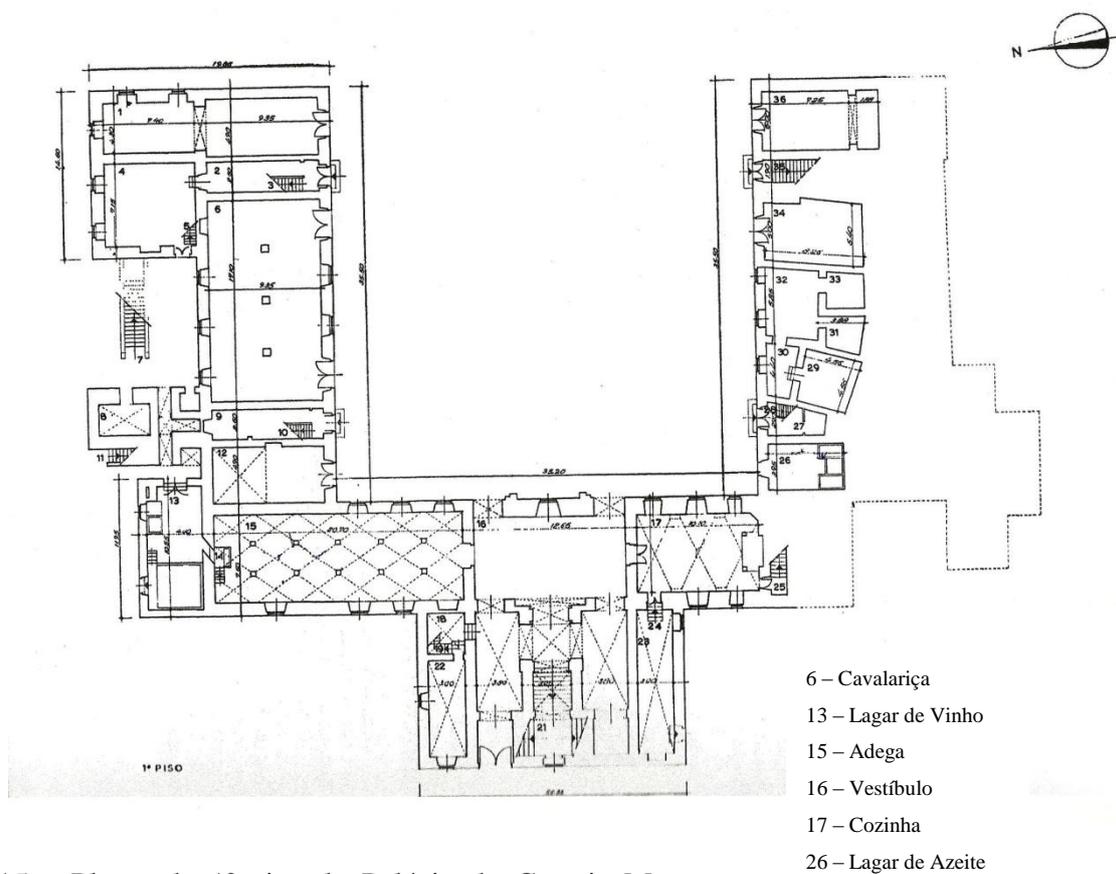


Fig.15 – Planta do 1º piso do Palácio do Correio-Mor.
Foto: “O Palácio do Correio-Mor...”, Matilde Tamagnini.

**O programa azulejar do
Palácio do Correio-Mor, em Loures**



Fig.16 – Enfoque para os três andares do palácio.
Foto: Deolinda Martins



Fig.17 – Entrada do Palácio.
Muro alto em alvernia.
Foto: DGEMN



Fig.18 – Entrada do Palácio.
Gradeamento de ferro forjado
Foto: DGEMN

**O programa azulejar do
Palácio do Correio-Mor, em Loures**



Fig.19 – Brasão do último Correio-Mor e primeiro Conde de Penafiel.
Foto: Deolinda Martins



Fig.20 – Corpo central do
Palácio do Correio-Mor.
Foto: Deolinda Martins

**O programa azulejar do
Palácio do Correio-Mor, em Loures**



Fig.21 – Cavalariças.
Foto: Deolinda Martins



Fig.22 – Adega.
Foto: Deolinda Martins

**O programa azulejar do
Palácio do Correio-Mor, em Loures**



Fig.23 – Entrada para o
Palácio, através do vestíbulo.
Foto: Deolinda Martins



Fig.24 – Pormenor da janela
do corpo central da fachada.
Foto: Deolinda Martins

**O programa azulejar do
Palácio do Correio-Mor, em Loures**



Fig.25 – Frontão inserido no corpo central do Palácio.
Foto: Deolinda Martins

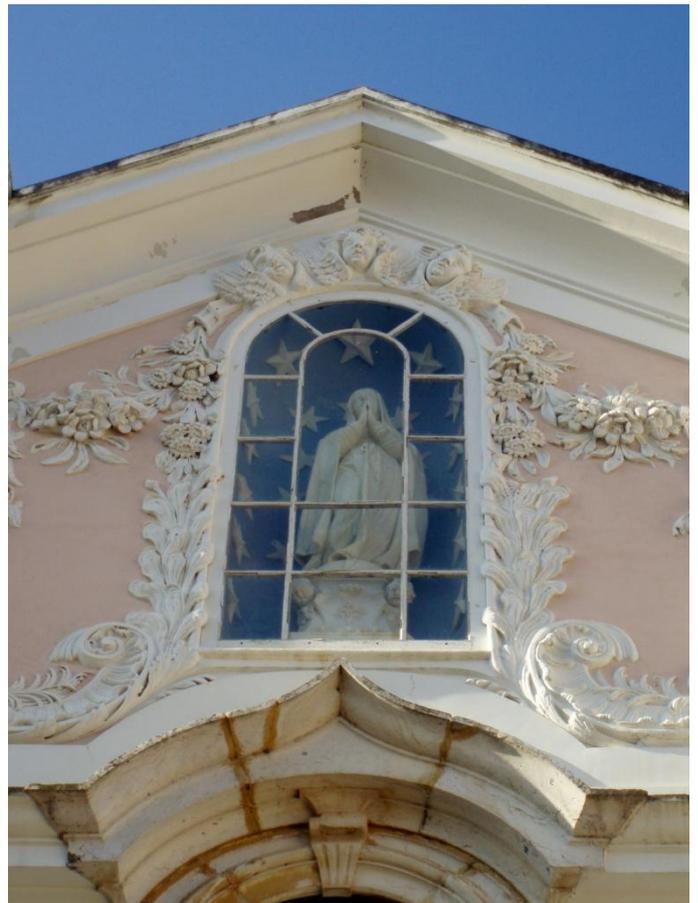


Fig.26 – Nossa Senhora da Oliveira.
Foto: Deolinda Martins

**O programa azulejar do
Palácio do Correio-Mor, em Loures**

Fig.27 – Fonte na escadaria de
acesso ao andar nobre.
Foto: Deolinda Martins

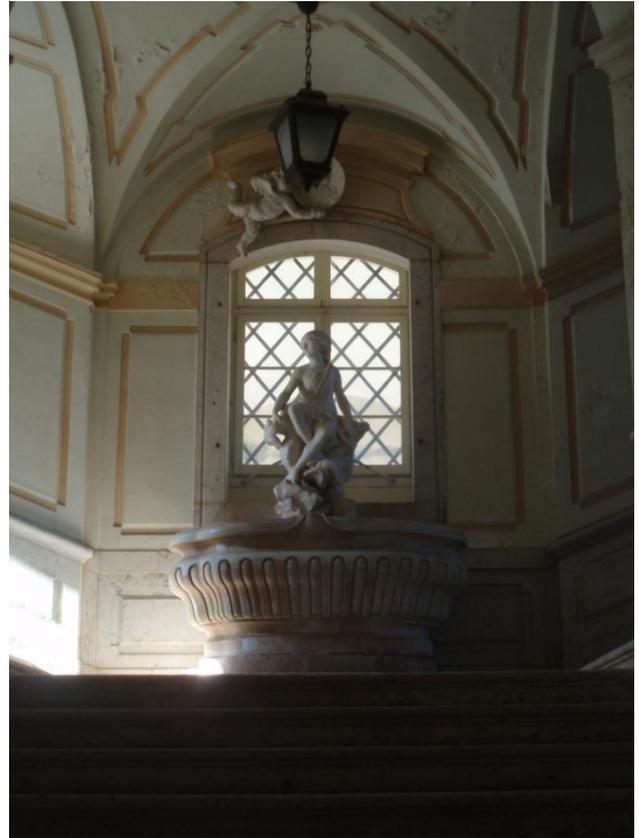


Fig.28 – Pormenor da Samaritana,
na Fonte da escadaria.
Foto: Deolinda Martins

**O programa azulejar do
Palácio do Correio-Mor, em Loures**



**Fig.29 – Putti alado segurando um medalhão com a efigie
do Correio-Mor Luis Victório Mata Sousa Coutinho.**

Foto: Deolinda Martins

**O programa azulejar do
Palácio do Correio-Mor, em Loures**



Fig.30 – Sala da Caça.
Foto gentilmente cedida por Marta Rodrigues

**O programa azulejar do
Palácio do Correio-Mor, em Loures**



Fig.31 – Tecto da Sala da Caça.
Foto: Deolinda Martins

**O programa azulejar do
Palácio do Correio-Mor, em Loures**



Fig.32 – Louceiro – Sala da Caça.
Foto: Deolinda Martins

**O programa azulejar do
Palácio do Correio-Mor, em Loures**



Fig.33 – Pormenor de uma cena de Tourada- Sala da Caça.

Foto: Deolinda Martins

**O programa azulejar do
Palácio do Correio-Mor, em Loures**



Fig.34 - Pormenor de uma cena de Caça ao veado – Sala da Caça.
Foto: Deolinda Martins

**O programa azulejar do
Palácio do Correio-Mor, em Loures**



Fig.35 – Pormenor de uma cena de caça ao javali – Sala da Caça.
Foto: Deolinda Martins

**O programa azulejar do
Palácio do Correio-Mor, em Loures**



Fig.36 – Pormenor de uma cena de caça ao urso – Sala da Caça.

Foto: Deolinda Martins

**O programa azulejar do
Palácio do Correio-Mor, em Loures**



Fig.37 – Pormenor de cena de caça à raposa – Sala da Caça.
Foto: Deolinda Martins

**O programa azulejar do
Palácio do Correio-Mor, em Loures**



Fig.38 – Pormenor de cena de caça ao leão – Sala da Caça.
Foto: Deolinda Martins

**O programa azulejar do
Palácio do Correio-Mor, em Loures**



Fig.39 – Pormenor de cena de banquete – Sala da Caça.
Foto: Deolinda Martins

**O programa azulejar do
Palácio do Correio-Mor, em Loures**



Fig.40 – Pormenor de cena de lazer.

Foto: Deolinda Martins

**O programa azulejar do
Palácio do Correio-Mor, em Loures**



Fig.41 – Pormenor de uma cena de caça, onde está retratado o negrinho do palácio.

Foto: Deolinda Martins

**O programa azulejar do
Palácio do Correio-Mor, em Loures**



Fig.42 – Pormenor de um dos vários painéis que se encontram na Sala da Caça.
Foto: Deolinda Martins

O programa azulejar do
Palácio do Correio-Mor, em Loures



Fig.43 – *Rapto da Europa* – Tecto Sala da Caça.
Foto: Deolinda Martins

O programa azulejar do
Palácio do Correio-Mor, em Loures



Fig.44 – *A Metamorfose de Dafne* – tecto Sala da Caça.

Foto: Deolinda Martins

O programa azulejar do
Palácio do Correio-Mor, em Loures

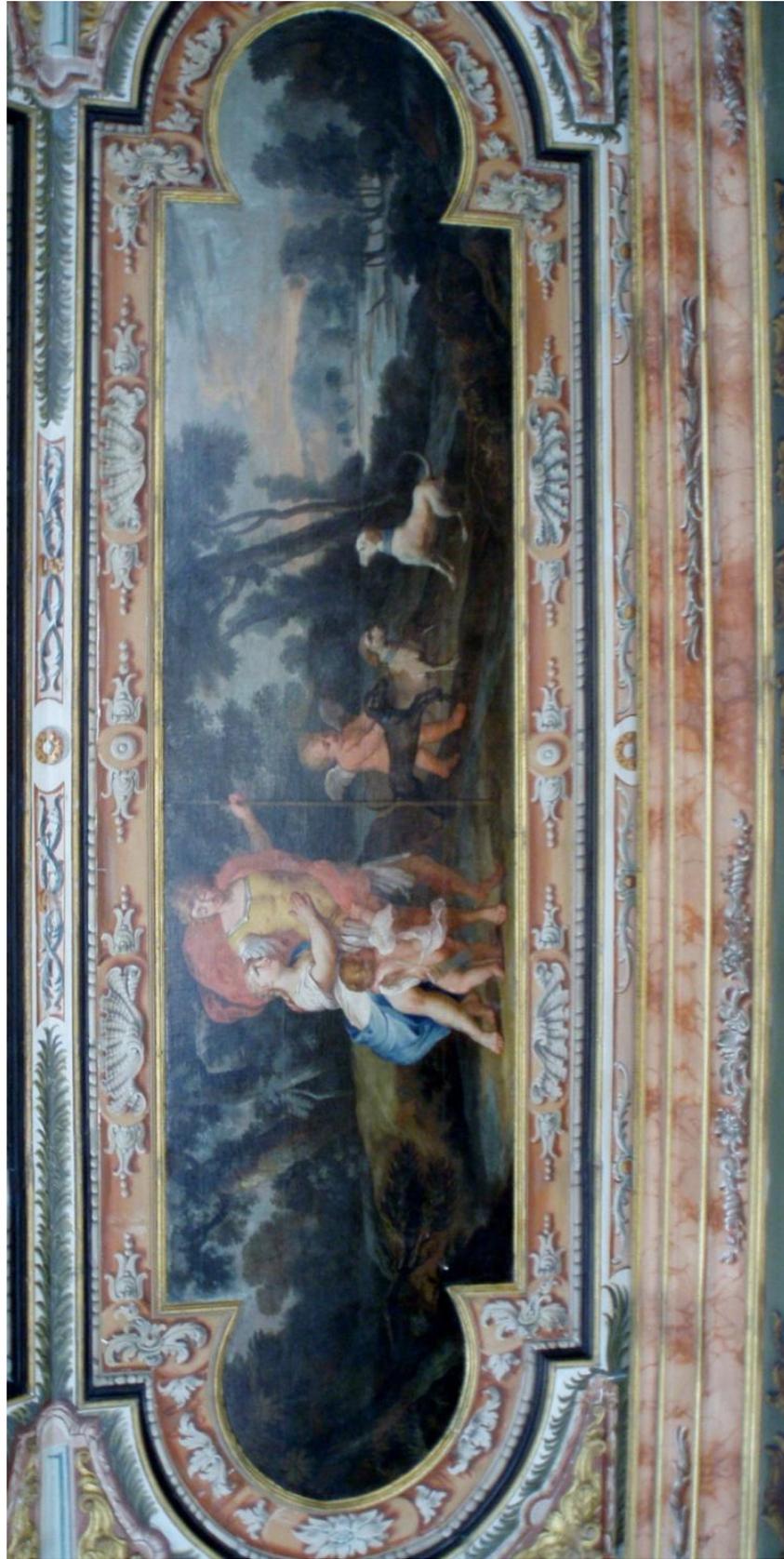


Fig.45 - *Vénus impede Adónis de ir para a caça* – tecto Sala da Caça.

Foto: Deolinda Martins

O programa azulejar do
Palácio do Correio-Mor, em Loures



Fig.46 – *Narciso* – tecto da Sala da Caça.
Foto: Deolinda Martins

O programa azulejar do
Palácio do Correio-Mor, em Loures



Fig.47 – *Vénus e Marte* - tecto Sala da Caça.
Foto: Deolinda Martins

O programa azulejar do
Palácio do Correio-Mor, em Loures

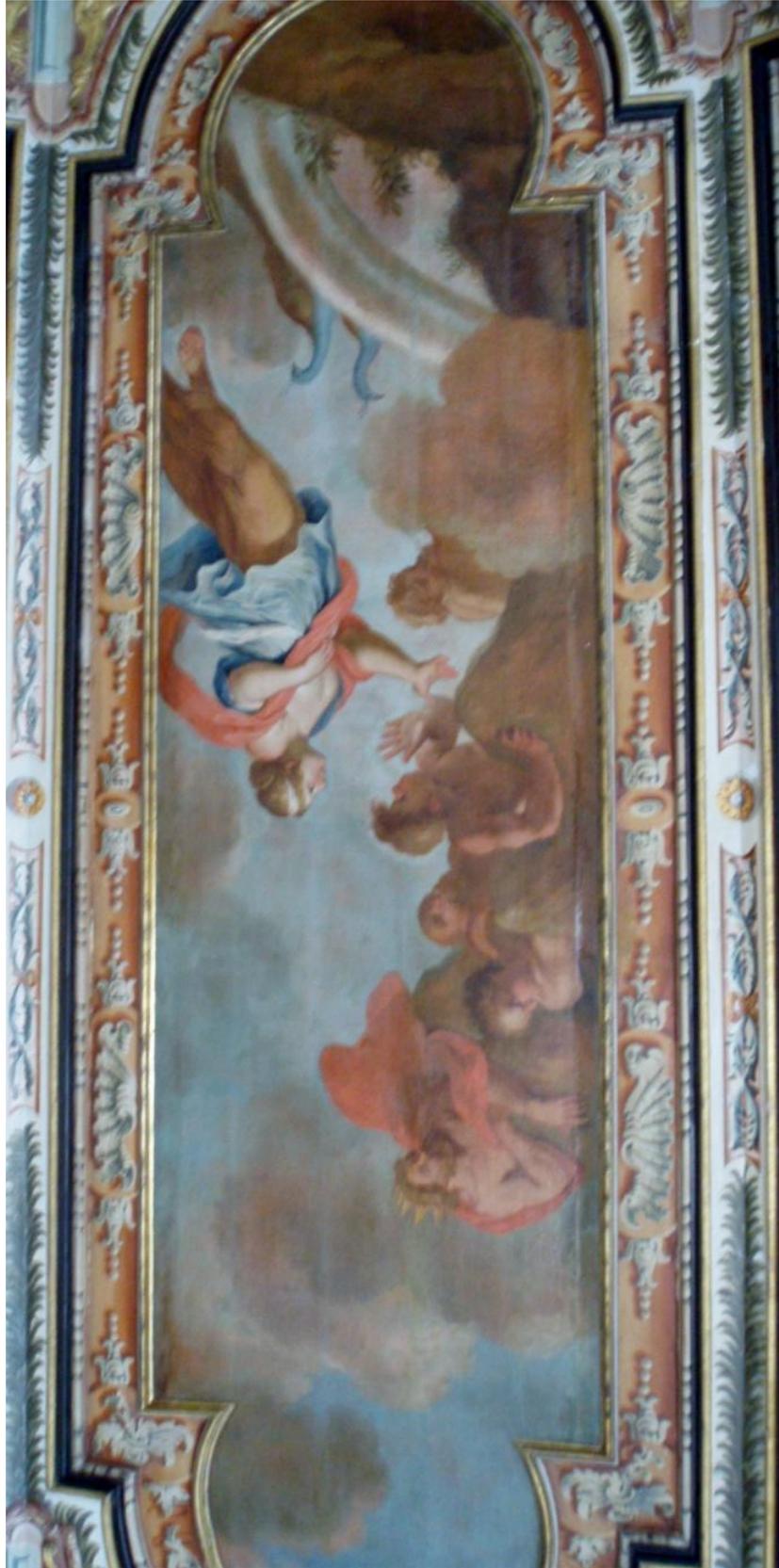


Fig.48 – *Juno e Júpiter* - tecto Sala da Caça.
Fonte: Deolinda Martins

**O programa azulejar do
Palácio do Correio-Mor, em Loures**



Fig.49 – Pormenor de uma tela - tecto Sala da Caça.
Foto: Deolinda Martins

**O programa azulejar do
Palácio do Correio-Mor, em Loures**



Fig.50 – Pormenor de uma tela - tecto da Sala da Caça.

Foto: Deolinda Martins

**O programa azulejar do
Palácio do Correio-Mor, em Loures**



Fig.51 – Sala dos Retratos de D. Miguel.
Fotografia gentilmente cedida por Marta Rodrigues

**O programa azulejar do
Palácio do Correio-Mor, em Loures**



Fig.52 - Painel da Sala dos Retratos de D. Miguel.

Foto: Deolinda Martins

**O programa azulejar do
Palácio do Correio-Mor, em Loures**



Fig.53 – Sala dos Painéis Octogonais.
Foto: Deolinda Martins

O programa azulejar do
Palácio do Correio-Mor, em Loures



Fig.54 – Painel da Sala dos Painéis Octogonais.

Foto: Deolinda Martins

**O programa azulejar do
Palácio do Correio-Mor, em Loures**



Fig.55 – Sala dos Cardeais
Foto: Deolinda Martins

O programa azulejar do
Palácio do Correio-Mor, em Loures



Fig56– Painel da Sala dos Cardeais. Foto:
Deolinda Martins

O programa azulejar do Palácio do Correio-Mor, em Loures



Fig.57 – Sala dos Apóstolos.

Foto: Fotografia gentilmente cedida por Marta Rodrigues

**O programa azulejar do
Palácio do Correio-Mor, em Loures**



Fig.58 – Painel da Sala dos Apóstolos.
Foto: Deolinda Martins

**O programa azulejar do
Palácio do Correio-Mor, em Loures**



Fig.59 – Sacristia do Palácio.
Foto: Deolinda Martins

O programa azulejar do
Palácio do Correio-Mor, em Loures



Fig.60 – Pintura na Sacristia. Nossa Senhora da Misericórdia.
Foto: Deolinda Martins

**O programa azulejar do
Palácio do Correio-Mor, em Loures**



Fig.61 – Painel da Sacristia.
Foto: Deolinda Martins

**O programa azulejar do
Palácio do Correio-Mor, em Loures**



Fig.62 – Lavatório do Capelão – Sacristia.
Foto: Deolinda Martins

O programa azulejar do
Palácio do Correio-Mor, em Loures



Fig.63 – Cozinha.
Foto: Deolinda Martins

**O programa azulejar do
Palácio do Correio-Mor, em Loures**



Fig.64 – Lava-loiças, com depósitos de água – Cozinha.
Foto: Deolinda Martins

O programa azulejar do
Palácio do Correio-Mor, em Loures



Fig.65 – Painel de azulejos - Cozinha.
Foto: Deolinda Martins

O programa azulejar do
Palácio do Correio-Mor, em Loures



Fig.66 - Pormenor de um painel azulejar da Cozinha.
Foto: Deolinda Martins

O programa azulejar do
Palácio do Correio-Mor, em Loures



Fig.67 – Painel de azulejos da Cozinha.
Foto: Deolinda Martins

**O programa azulejar do
Palácio do Correio-Mor, em Loures**



Fig.68 - Painel azulejar - Cozinha.
Foto: Deolinda Martins

O programa azulejar do
Palácio do Correio-Mor, em Loures

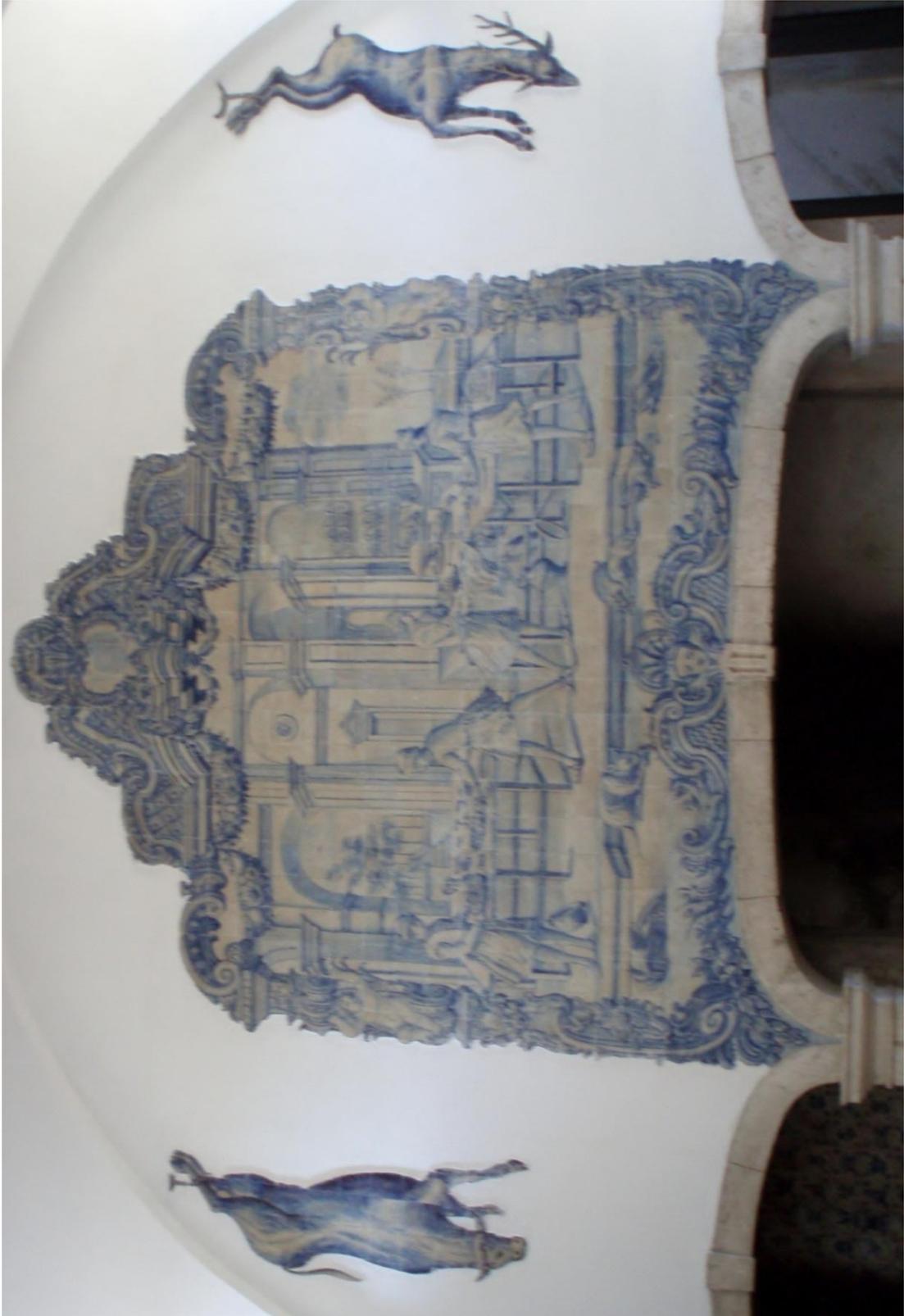


Fig.69 - Painéis azulejares – Cozinha.
Foto: Deolinda Martins

**O programa azulejar do
Palácio do Correio-Mor, em Loures**



Fig.70 – Painel recortado, boi – Cozinha.
Foto: Deolinda Martins

**O programa azulejar do
Palácio do Correio-Mor, em Loures**



Fig.71 – Painel recortado, veado – Cozinha.
Foto: Deolinda Martins

O programa azulejar do
Palácio do Correio-Mor, em Loures



Fig.72 - Painel menor – Cozinha.
Foto: Deolinda Martins

O programa azulejar do
Palácio do Correio-Mor, em Loures



Fig.73- Painéis azulejares – Cozinha.
Foto: Deolinda Martins

O programa azulejar do
Palácio do Correio-Mor, em Loures



Fig.74 - Painéis azulejares recortados – Cozinha. Foto:
Deolinda Martins

O programa azulejar do
Palácio do Correio-Mor, em Loures



Fig.75- Painéis azulejares recortados – Cozinha. Foto:
Deolinda Martins

**O programa azulejar do
Palácio do Correio-Mor, em Loures**



Fig.76– Sala das Quatro Estações.
Foto: Fotografia gentilmente cedida

**O programa azulejar do
Palácio do Correio-Mor, em Loures**



Fig.77 – Tecto da Sala das Quatro Estações.
Foto: DGEMN

**O programa azulejar do
Palácio do Correio-Mor, em Loures**



Fig.78 – Painel com a Estação de Verão, na Sala das Quatro Estações.
Foto: DGEMN

**O programa azulejar do
Palácio do Correio-Mor, em Loures**



Fig.79 – Pormenor do painel da Estação de Verão.

Foto: Deolinda Martins

**O programa azulejar do
Palácio do Correio-Mor, em Loures**



Fig.80 – Pormenor do painel da Estação de Verão.

Foto: Deolinda Martins

**O programa azulejar do
Palácio do Correio-Mor, em Loures**



Fig.81 – Pormenor do painel da Estação de Verão.

Foto: Deolinda Martins

**O programa azulejar do
Palácio do Correio-Mor, em Loures**



Fig.82 – Painel da Estação do Inverno.
Foto: DGEMIN

**O programa azulejar do
Palácio do Correio-Mor, em Loures**



Fig.83 – Pormenor do painel da Estação de Inverno.
Foto: Deolinda Martins

**O programa azulejar do
Palácio do Correio-Mor, em Loures**



Fig.84 – Pormenor do painel da Estação de Inverno.
Foto: Deolinda Martins

**O programa azulejar do
Palácio do Correio-Mor, em Loures**



Fig. 85 – Pormenor do painel de Inverno.
Foto: Deolinda Martins

O programa azulejar do
Palácio do Correio-Mor, em Loures



Fig.86— Painel da Estação do Outono.
Foto: Deolinda Martins

O programa azulejar do
Palácio do Correio-Mor, em Loures



Fig.87 Painel da Estação da Primavera. Foto:
DGMN

**O programa azulejar do
Palácio do Correio-Mor, em Loures**



Fig.88 – Pormenor do painel da Estação da Primavera.
Foto: Deolinda Martins

**O programa azulejar do
Palácio do Correio-Mor, em Loures**



Fig.89 – Painel que se encontra por baixo da janela, na Sala das Quatro Estações.

Foto: Deolinda Martins

**O programa azulejar do
Palácio do Correio-Mor, em Loures**



Fig.90 – Pormenor de painel -
Sala das Quatro Estações.
Foto: Deolinda Martins



Fig.91 – Pormenor de painel -
Sala das Quatro Estações.
Foto: Deolinda Martins

**O programa azulejar do
Palácio do Correio-Mor, em Loures**



**Fig.92– Sala dos Troféus.
Foto: Fotografia gentilmente
cedida por Marta Rodrigues**

**O programa azulejar do
Palácio do Correio-Mor, em Loures**



Fig.93 – Pormenor do tecto da Sala dos Troféus.
Foto: Deolinda Martins

**O programa azulejar do
Palácio do Correio-Mor, em Loures**



Fig.94 – Painel da Sala dos Troféus
Foto: Deolinda Martins

**O programa azulejar do
Palácio do Correio-Mor, em Loures**



Fig.95 – Painel da Sala dos Troféus.
Foto: Deolinda Martins

**O programa azulejar do
Palácio do Correio-Mor, em Loures**



Fig.96 – Sala Central.
Foto: Deolinda Martins

**O programa azulejar do
Palácio do Correio-Mor, em Loures**



Fig.97 – Painel de azulejos – Sala Central.
Foto: Deolinda Martins

**O programa azulejar do
Palácio do Correio-Mor, em Loures**



Fig.98 – Painel da Sala Central.
Foto: Deolinda Martins

**O programa azulejar do
Palácio do Correio-Mor, em Loures**



Fig.99 – Alegoria das Estações da Vida do Homem – Sala Central.

Foto: Deolinda Martins

O programa azulejar do
Palácio do Correio-Mor, em Loures



Fig.100 - Painel da Sala Central.
Foto: Deolinda Martins

**O programa azulejar do
Palácio do Correio-Mor, em Loures**



Fig.101 - Sala do Brasão.
Foto: Deolinda Martins

**O programa azulejar do
Palácio do Correio-Mor, em Loures**



Fig.102 – Acesso à Sala do Brasão - Traseiras do palácio.
Foto: Deolinda Martins

**O programa azulejar do
Palácio do Correio-Mor, em Loures**



Fig.103 – Pormenor de um painel azulejar – Sala da Música.
Foto: Deolinda Martins

**O programa azulejar do
Palácio do Correio-Mor, em Loures**



Fig.104 – Espelho da Sala do Brasão.
Foto: Deolinda Martins

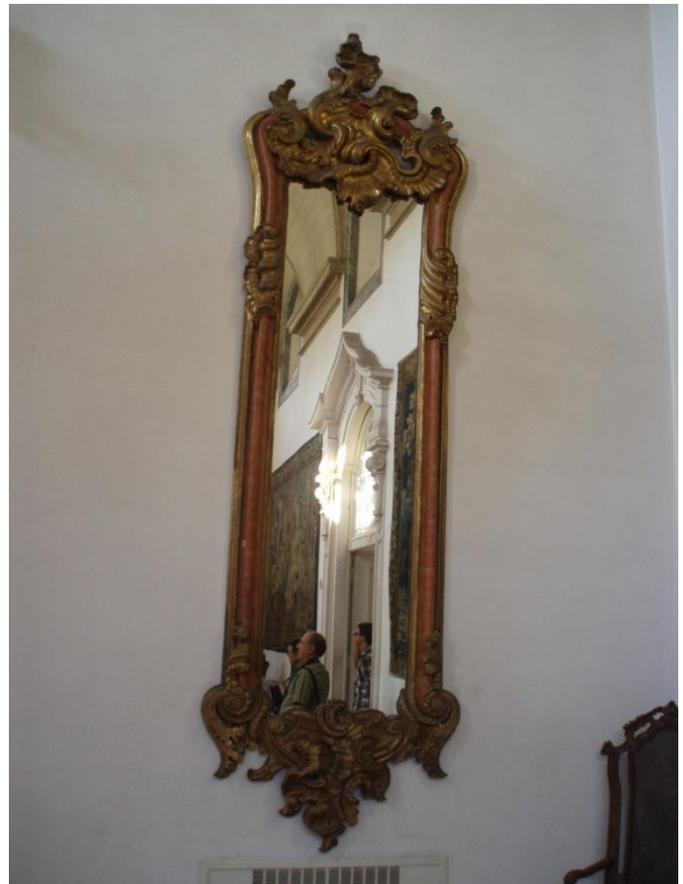


Fig.105 – Espelho da Sala do Brasão.
Foto: Deolinda Martins

**O programa azulejar do
Palácio do Correio-Mor, em Loures**

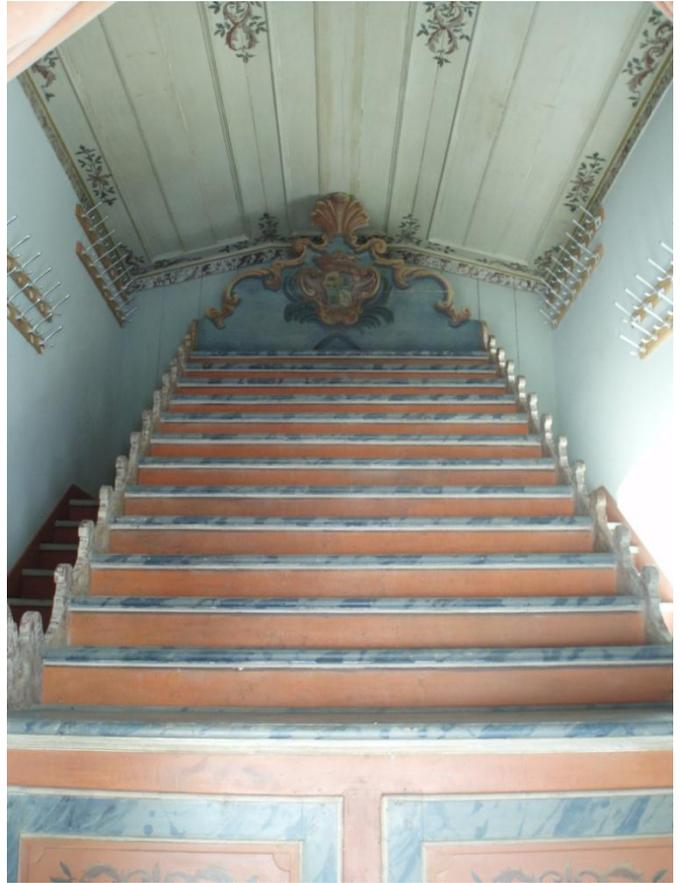


Fig.106 – Louceiro – Sala do Brasão.
Foto: Deolinda Martins



Fig.107 – Pormenor do
Louceiro – Sala do Brasão.
Foto: Deolinda Martins

**O programa azulejar do
Palácio do Correio-Mor, em Loures**



Fig.108 – Sala da Música.
Foto: Fotografia gentilmente
cedida por Marta Rodrigues



Fig.109 – Tecto da Sala da Música.
Foto gentilmente cedida por Marta
Rodrigues

**O programa azulejar do
Palácio do Correio-Mor, em Loures**



Fig.110 – Pormenor do tecto da
Sala da Música.

Foto: Deolinda Martins



Fig.111 – Pormenor da Sala da Música.

Foto: Deolinda Martins

**O programa azulejar do
Palácio do Correio-Mor, em Loures**



Fig.112 – Painel azulejar da Sala da Música.
Foto: Deolinda Martins

**O programa azulejar do
Palácio do Correio-Mor, em Loures**



Fig.113 – Pormenor de um painel azulejar – Sala da Música.
Foto: Deolinda Martins

**O programa azulejar do
Palácio do Correio-Mor, em Loures**



Fig.114 – Sala da Fama
Foto:aeiou.expresso.pt



Fig.115 – Pormenor do tecto da Sala da Fama.
Foto gentilmente cedida por Marta Rodrigues.

**O programa azulejar do
Palácio do Correio-Mor, em Loures**



Fig.116 – Painel referente ao Terreiro do Paço – Sala da Fama.

Foto: Deolinda Martins

**O programa azulejar do
Palácio do Correio-Mor, em Loures**



Fig.117 – Painel referente à Torre de Belém – Sala da Fama.

Foto: Deolinda Martins

**O programa azulejar do
Palácio do Correio-Mor, em Loures**



**Fig.118 – Palácio do Correio-Mor. Foto:
Deolinda Martins**

**O programa azulejar do
Palácio do Correio-Mor, em Loures**



Fig.119 – Tanque com espaldar azulejar, *As Metamorfoses de Ovídio*.
Foto: DGEMN

**O programa azulejar do
Palácio do Correio-Mor, em Loures**



Fig.120 – Cascata.
Foto: Deolinda Martins

**O programa azulejar do
Palácio do Correio-Mor, em Loures**



Fig.121 – Jardim intimista.
Foto: Deolinda Martins

**O programa azulejar do
Palácio do Correio-Mor, em Loures**



**Fig.122 – Jardim Principal – traseiras do palácio.
Foto: Deolinda Martins**

**O programa azulejar do
Palácio do Correio-Mor, em Loures**



Fig.123 – Fonte no jardim principal – traseiras do palácio.
Foto: Deolinda Martins

**O programa azulejar do
Palácio do Correio-Mor, em Loures**



Fig.124 – Fonte do jardim principal – traseiras do palácio.
Foto: Deolinda Martins

**O programa azulejar do
Palácio do Correio-Mor, em Loures**



Fig.125 – Fonte – Jardim.
Foto: Deolinda Martins

**O programa azulejar do
Palácio do Correio-Mor, em Loures**



Fig.126 – Estatuária no jardim.
Foto: Deolinda Martins

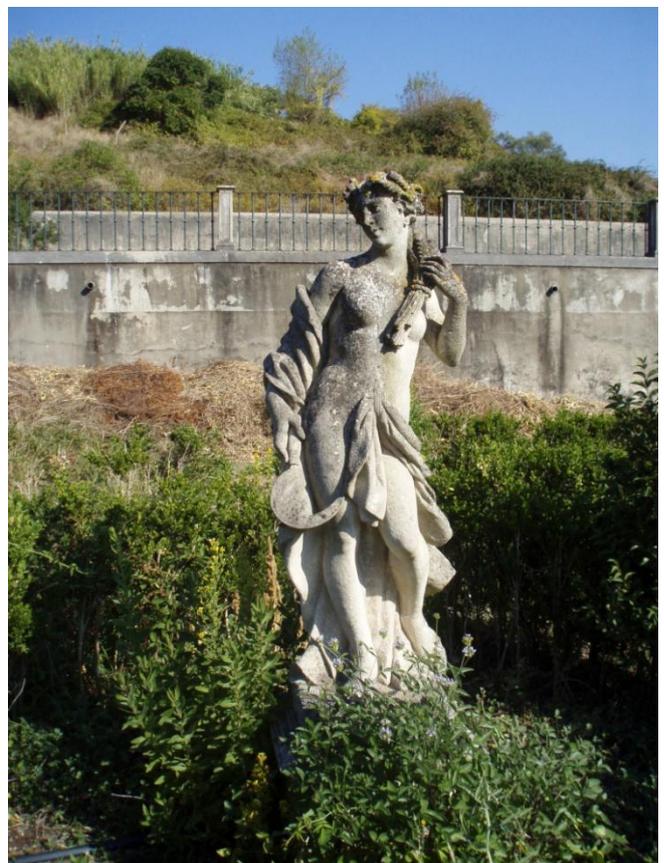


Fig.127 – Estatuária no jardim.
Foto: Deolinda Martins

**O programa azulejar do
Palácio do Correio-Mor, em Loures**



**Fig.128 – Jardim intimista com estatuária neoclássica.
Foto: Deolinda Martins**

O programa azulejar do
Palácio do Correio-Mor, em Loures



Fig.129 – Medalhão.
Foto: Deolinda Martins

O programa azulejar do
Palácio do Correio-Mor, em Loures



Fig.130 – Medalhão.
Foto: Deolinda Martins

O programa azulejar do
Palácio do Correio-Mor, em Loures



Fig.131 – Medalhão.
Foto: Deolinda Martins

**O programa azulejar do
Palácio do Correio-Mor, em Loures**



Fig.132 . Fonte - Jardim intimista.
Foto: Deolinda Martins

**O programa azulejar do
Palácio do Correio-Mor, em Loures**

Fig.133 – Painel evocativo a
São Francisco de Paula.
Foto: Deolinda Martins



Fig.134 – Painel evocativo a
São Marçal.

O programa azulejar do
Palácio do Correio-Mor, em Loures



Fig.135 – Actéon surpreende Diana no banho – Tanque.
Foto: Deolinda Martins

O programa azulejar do
Palácio do Correio-Mor, em Loures



Fig.136 - *A Queda de Ícaro* – Tanque.
Foto: Deolinda Martins

**O programa azulejar do
Palácio do Correio-Mor, em Loures**



Fig.137 - *Triunfo de Neptuno* – Tanque.
Foto: Deolinda Martins

**O programa azulejar do
Palácio do Correio-Mor, em Loures**



Fig.138 - *As Nereidas* – Tanque.
Foto: Deolinda Martins

O programa azulejar do
Palácio do Correio-Mor, em Loures

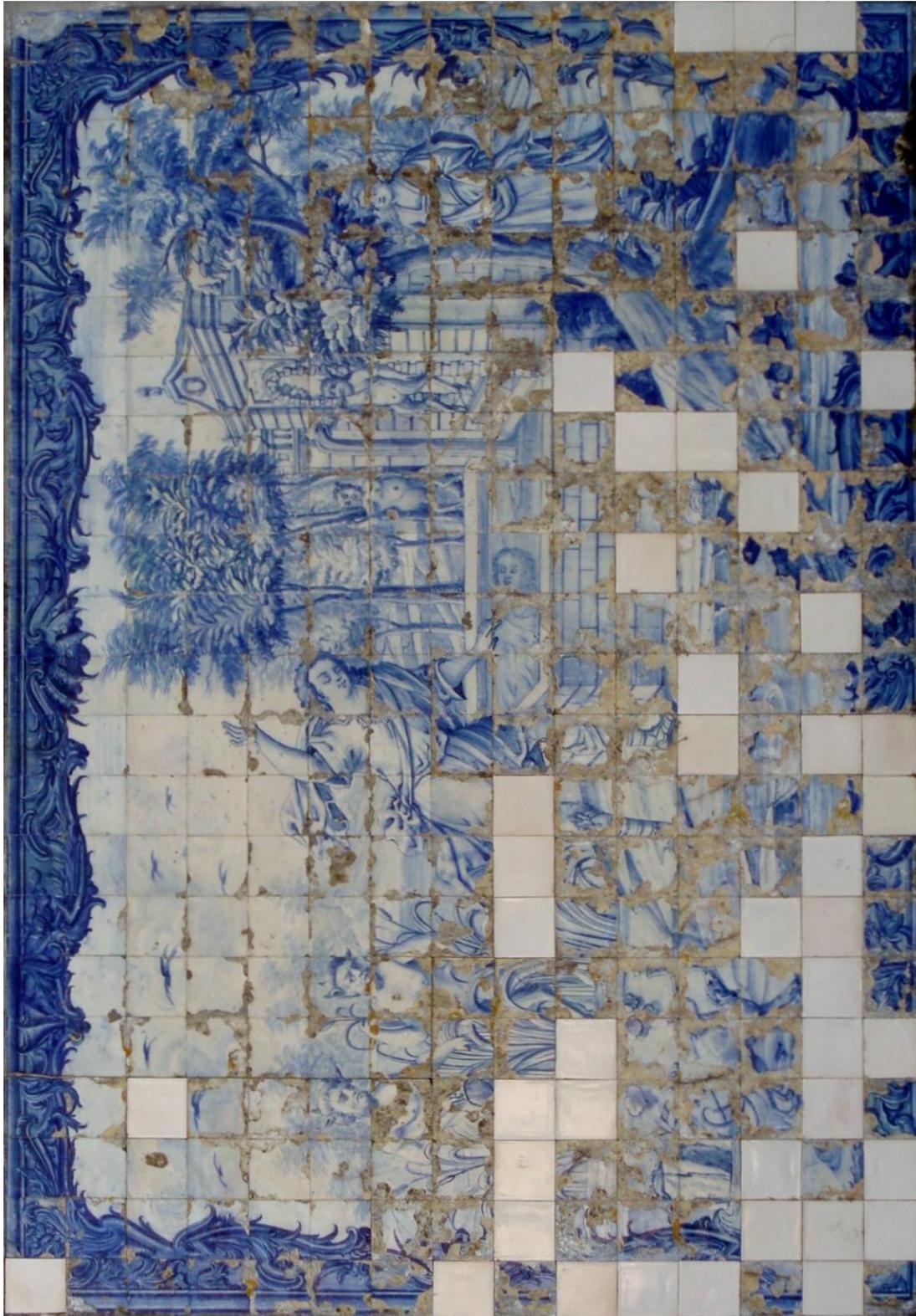


Fig.139 - *Metamorfose de Narciso – Tanque.*
Foto: Deolinda Martins

O programa azulejar do
Palácio do Correio-Mor, em Loures



Fig.140 - *Rapto da Europa* – Tanque.
Foto: Deolinda Martins

**O programa azulejar do
Palácio do Correio-Mor, em Loures**



Fig.141 - Figura de Convite na galilé da Capela.
Foto: Deolinda Martins

**O programa azulejar do
Palácio do Correio-Mor, em Loures**



Fig.142 – Figura de Convite na galilé da Capela.
Foto: Deolinda Martins

**O programa azulejar do
Palácio do Correio-Mor, em Loures**



Fig.143 – Fachada da Capela.
Foto: Deolinda Martins

**O programa azulejar do
Palácio do Correio-Mor, em Loures**



Fig.144 – Interior da Capela.
Foto: Fotografia gentilmente
cedida por Isabel Rainho

**O programa azulejar do
Palácio do Correio-Mor, em Loures**



Fig.145 – Retábulo da Capela.
Foto: Deolinda Martins

**O programa azulejar do
Palácio do Correio-Mor, em Loures**



Fig.146 – Painel da Capela.
Foto: Deolinda Martins

**O programa azulejar do
Palácio do Correio-Mor, em Loures**



Fig.147 – Painel da Capela.
Foto: Deolinda Martins

**O programa azulejar do
Palácio do Correio-Mor, em Loures**



Fig.148 – Estátua do Anão.
Foto: Deolinda Martins

**O programa azulejar do
Palácio do Correio-Mor, em Loures**



Fig.149 .- Coro-alto – Capela.
Fonte: Deolinda Martins

O programa azulejar do
Palácio do Correio-Mor, em Loures



Fig.150 – Painel alusivo à *Natividade*.
Foto: Deolinda Martins

**O programa azulejar do
Palácio do Correio-Mor, em Loures**



Fig.151 – Painel alusivo à *Fuga para o Egipto*.
Foto: Deolinda Martins

**O programa azulejar do
Palácio do Correio-Mor, em Loures**



**Fig.152 - Galilé da Capela.
Foto: Deolinda Martins**

**O programa azulejar do
Palácio do Correio-Mor, em Loures**



Fig.153 – Inscrição em Latim – entrada da Capela.
Foto: Deolinda Martins